



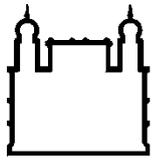
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ
ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA – ENSP
MESTRADO EM SAÚDE PÚBLICA
Saúde, Trabalho e Ambiente

JACQUELINE LOPES DE LIMA

***“DO DEVER AO DEVIR:
Subjetividade, Trabalho e Saúde no Serviço Militar
Obrigatório”***

Rio de Janeiro

2011



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
SERGIO AROUCA
ENSP

“Do dever ao devir: subjetividade, trabalho e saúde no serviço militar obrigatório”

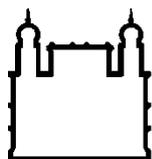
por

Jacqueline Lopes de Lima

Dissertação apresentada com vistas à obtenção do título de Mestre em Ciências na área de Saúde Pública.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Minayo Gomez
Segunda orientadora: Prof^a. Dr^a. Silvana Mendes Lima

Rio de Janeiro, maio de 2011



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



Esta dissertação, intitulada

“Do dever ao devir: subjetividade, trabalho e saúde no serviço militar obrigatório”

apresentada por

Jacqueline Lopes de Lima

foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof^a. Dr^a. Marilene Affonso Romualdo Verthein

Prof^a. Dr^a. Brani Rozemberg

Prof. Dr. Carlos Minayo Gomez – Orientador

Dissertação defendida e aprovada em 25 de maio de 2011.

Catálogo na fonte
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica
Biblioteca de Saúde Pública

L732 Lima, Jacqueline Lopes de
Do dever ao devir: subjetividade, trabalho e saúde no serviço
militar obrigatório. / Jacqueline Lopes de Lima. -- 2011.
143 f. : tab. ; mapas

Orientador: Minayo Gomez, Carlos
Lima, Silvana Mendes

Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública
Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2011

1. Adolescente. 2. Militares. 3. Trabalho. 4. Saúde do
Trabalhador. I. Título.

CDD - 22.ed. – 363.11



Dedico este trabalho à Neuza e Rizeldo pelo amor incondicional que recebi durante toda a minha vida e pelo privilégio de tê-los como meus pais.

À todos os jovens soldados da Força Aérea Brasileira, em especial da Base Aérea estudada.

AGRADECIMENTOS

Agradecer. Este gesto sublime do ser humano e parte integrante deste trabalho é o momento mais especial desta conquista. E como tenho a agradecer.

Em primeiro lugar, e não poderia ser diferente, agradeço à Deus, pela força nas horas em que pensei que não conseguiria, por conceder-me discernimento, fé e determinação para acreditar que meu sonho seria possível.

Agradeço à minha família. Meus pais, Neuza e Rizeldo, inspiração constante para superar minhas inseguranças, meus medos, fonte de valores essenciais e honra que sempre seguirei. Ao meu irmão Dinho, que tanto amo, agradeço pela simples existência em minha vida e agradeço por tantas vezes demonstrar o carinho e a confiança em meus projetos.

Aos meus orientadores tão queridos, Carlos Minayo Gomez e Silvana Mendes Lima.

Ele, indiscutivelmente, fonte inesgotável de saber no campo da saúde do trabalhador, abraçou minhas idéias, minhas dificuldades e minhas inquietações de forma serena e absolutamente terna e inspiradora. Muito obrigada por ter me aceitado e tornado essa aventura possível e real.

Ela, o quê dizer? A admiração que começou na especialização em saúde do trabalhador se aprofundou ainda mais no contato como co-orientadora nesse estudo. Você me ensinou a desemaranhar as linhas, a produzir novos agenciamentos e, ousando parafrasear Deleuze, me ajudou a pegar as coisas onde elas crescem, pelo meio... rachar as coisas, rachar as palavras e deixar fluir os estados mistos de ser no mundo. Acho que estou no caminho. Obrigada.

A todos os professores do Programa de Mestrado em Saúde Pública da ENSP/FIOCRUZ, especialmente do CESTEh que muito nos ajudaram na difícil tarefa de lapidar o conhecimento, respeitar o saber trabalhador e lançar-nos no desafio de aliar rigor acadêmico e criatividade ao abordar as questões que envolvem a vida e a saúde dos trabalhadores.

Aos ex-comandantes da Base Aérea estudada que compreenderam os propósitos de meu trabalho e autorizaram minha incursão neste campo de estudo.

Agradeço igualmente ao Chefe do Esquadrão de Pessoal pelos milhares de e-mails trocados, o que muito me ajudou a pensar a questão dos jovens soldados e a construir um caminho de pensamento. Muito obrigada.

À equipe do projeto social “Acolhimento aos Recrutas”, especialmente Aline, Celso, Virgínio e Marcos. Pessoas especiais que me ajudaram e compartilharam comigo os momentos junto aos recrutas, momentos estes inesquecíveis e de crescimento como Ser Humano, bem como na construção desta dissertação, auxiliando-me na coleta de dados e na viabilização das entrevistas. MUITO OBRIGADA, por todos os momentos vividos. Vocês são muito especiais pra mim.

À equipe da SDEE, em especial à Tenente Coronel Rita, que além de chefe é acima de tudo uma AMIGA, obrigada pelo apoio durante todo o período do Mestrado. Obrigada pela compreensão nas ausências e nos momentos de angústias e dúvidas, nossas conversas, sua experiência e postura como Assistente Social da Força Aérea Brasileira me contagiou e me fez seguir em frente. Cheguei até aqui e agradeço muito a você.

Agradeço a todos os soldados do projeto de acolhimento aos recrutas, bem como àqueles que permitiram compartilhar suas experiências através de seus depoimentos tão valiosos, singulares e ao mesmo tempo tão coletivos.

Agradeço a todos os amigos, dos mais próximos aos mais distantes que compreenderam minhas ausências e me apoiaram com carinho por entenderem a importância deste passo em minha vida.

Finalmente, mas não menos importante, o momento tão esperado. O meu agradecimento às pessoas iluminadas que cruzaram o meu caminho nesta trajetória.

MUITO OBRIGADA a cada um do meu querido SEXTETO. Só nós sabemos o quanto significamos um para o outro. Vocês significam MUITO pra mim. Cada um com seu jeito, sua mania, sua inteligência, sua sensibilidade completou o que faltava em mim ou deu a medida do que sobrava no meu modo de existir. Vocês compõem a Jacqueline que hoje se torna Mestre e também farão parte das várias “Jacquelines” que se estabelecerão nos encontros que a vida apresentar. Este espaço é muito pouco pra expressar o que sinto. O Mestrado me proporcionou o saber respeitado academicamente e o tesouro mais valioso da vida: a AMIZADE.

Escribir es un asunto de devenir, siempre inacabado, siempre en curso, y que desborda cualquier materia vivible o vivida. Es un proceso, es decir un paso de Vida que atraviesa lo vivible y lo vivido.

Gilles Deleuze

Lima, J.L. **Do dever ao devir: Subjetividade, Trabalho e Saúde no Serviço Militar Obrigatório.** Rio de Janeiro, 2011. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca.

RESUMO

Esta dissertação analisa a tríade saúde, trabalho e subjetividade engendrada no contexto do serviço militar obrigatório tendo como dispositivos de análise um projeto social desenvolvido em uma Base Aérea do Rio de Janeiro, bem como entrevistas com soldados a fim de apreender a experiência do serviço militar e os sentidos de “ser um soldado”. Neste percurso investigou-se, primeiramente, as origens históricas do militarismo, desde o arquétipo do guerreiro até surgimento dos exércitos permanentes. Analisou-se a profissão militar a partir de seus pilares, a hierarquia e disciplina, bem como as especificidades deste trabalho à luz das discussões mais recentes sobre o papel das forças armadas na sociedade. Observou-se que os jovens deste estudo buscaram o serviço militar obrigatório não somente pela obrigação imposta legalmente, mas pela estabilidade de emprego oferecida na instituição militar. Paradoxalmente, a imersão em um universo extremamente hierarquizado e disciplinado mobiliza boa parte dos jovens a continuar na profissão militar. Na concepção destes jovens o serviço militar obrigatório pode projetá-los para o alcance de um futuro melhor, dentro ou fora do quartel. A instituição militar, tradicionalmente vinculada a princípios administrativos e técnicos fortemente hierarquizados, reafirma através de serviço militar obrigatório seu papel formador para o mundo do trabalho, contudo ressaltam-se questões-problema ligadas à organização e ao processo de trabalho como a escala de serviço armado e seus riscos. Concluímos através dos diferentes sentidos atribuídos à experiência de ser soldado, que a complexidade deste universo de trabalho específico merece maiores incursões no intuito de explorar os meios pelos quais estes jovens lidam com os embates provocados pelo encontro com a organização militar. O conhecimento destas estratégias poderá viabilizar outros modos de trabalhar que considerem a saúde do trabalhador jovem na condução de sua formação neste espaço laboral.

Palavras-Chave: jovens, serviço militar, subjetividade, trabalho, saúde.

Lima, J.L. **Duty to Becoming: Subjectivity, Work and Health in Compulsory Military Service.** Rio de Janeiro, 2011. 143 f. Master (Science dissertation in Public Health) – National School of Public Health Sérgio Arouca.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the triad health, labor and subjectivity engendered in the context of compulsory military service having as analysis device a social project developed into an Air Base in Rio de Janeiro, as well as interviews with soldiers in order to grasp the experience of military service and the meanings of "being a soldier." In this way we investigate, first, the historical roots of militarism, from the archetype of the warrior until the emergence of standing armies. We analyzed the military profession from its pillars, the hierarchy and discipline, as well as the specifics of this work in light of the latest discussions on the role of Armed Forces in society. It was observed that the youth of this study sought the compulsory military service not only by the legal obligation, but the job security offered in the military. Paradoxically, the immersion in a hierarchical universe extremely disciplined mobilize many of the young people to remain in the military profession. For these youngs the conscription can help them to achieve a better future inside or outside the barracks. The military establishment, traditionally linked to administrative and technical principles strongly hierarchical, reaffirmed by his compulsory military service it's formative role for the world of work, but problems issues related to the organizations and work process as the scale of armed service and its risks are highlighted. It was concluded through the different meanings attributed to the experience of being a soldier, that the complexity of this universe of specific work, deserves further inroads in order to explore the means by which these young people deal with the conflicts caused by the encounter with the military organization. Knowledge of these strategies may enable other ways of work that consider the health of the young worker in conducting their training in this area of work.

Keywords: youth, military service, subjectivity, work, health.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1	Proporção de pessoas por faixa etária e condição de estudo/trabalho–Brasil, 2007	27
Quadro 1	Postos e Graduações da Força Aérea Brasileira (FAB).....	70
Quadro 2	Organização Social Militar: Institucional x Ocupacional	78
Figura 1	Mapa de Conscrição no mundo.....	84
Figura 2	Organograma demonstrativo do Programa de Ações Sociais Integradas do COMAER (PASIC)	95

LISTA DE SIGLAS

FAB – Força Aérea Brasileira

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

CESTEH – Centro de Estudos em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana

ENSP – Escola Nacional de Saúde Pública

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

COMAER – Comando da Aeronáutica

ICA – Instrução do Comando da Aeronáutica

PASIC – Programa de Ações Sociais do Comando da Aeronáutica

PAR – Projeto de Acolhimento aos Recrutas

END – Estratégia Nacional de Defesa

SMO – Serviço Militar Obrigatório

OM – Organização Militar

DSM – Diretoria de Serviço Militar

IGISC – Instruções Gerais para Inspeção de Saúde dos Conscritos

BCC – Bateria de Classificação de Conscritos

PRC – Plano Regional de Convocação

CDI – Certificado de Dispensa de Incorporação

BINFAE – Batalhão de Infantaria da Aeronáutica

CFS – Curso de Formação de Soldados

AA – Alcoólicos Anônimos

DST/AIDS – Doenças Sexualmente Transmissíveis/Síndrome de Deficiência Imunológica Adquirida

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	14
<i>Em primeira pessoa.....</i>	<i>14</i>
<i>Caminhos Percorridos.....</i>	<i>17</i>
CAPÍTULO I – SITUANDO O CAMPO DE ESTUDO.....	22
<i>1.1. Por uma visibilidade às avessas.....</i>	<i>22</i>
<i>1.2. Algumas considerações metodológicas.....</i>	<i>24</i>
<i>1.3. Algumas aproximações sobre juventudes.....</i>	<i>26</i>
<i>1.4. A dimensão trabalho para além de sua centralidade.....</i>	<i>32</i>
<i>1.5. O significado de produzir saúde.....</i>	<i>37</i>
<i>1.6. Sobre a produção de subjetividades.....</i>	<i>43</i>
CAPÍTULO II – A PROFISSÃO MILITAR: ORIGENS E PERCURSOS.....	47
<i>2.1. Guerras e guerreiros – de Grécia a Roma.....</i>	<i>50</i>
<i>2.2. A Origem dos Exércitos.....</i>	<i>58</i>
<i>2.3. Considerações sobre a profissão militar.....</i>	<i>66</i>
<i> 2.3.1. A hierarquia e disciplina.....</i>	<i>68</i>
<i>2.4. Profissional militar ou Militar profissional?.....</i>	<i>74</i>
<i>2.5. O Serviço Militar Obrigatório.....</i>	<i>82</i>
<i>2.6. Contexto atual - a convocação.....</i>	<i>89</i>
CAPÍTULO III – PRODUZINDO SAÚDE E SUBJETIVIDADES NA EXPERIÊNCIA DE SER SOLDADO	93
<i>3.1. Um projeto social na caserna.....</i>	<i>96</i>
<i>3.2. Um dispositivo de análise – a grupalidade</i>	<i>99</i>
<i> 3.2.1. Disciplina e Deserção.....</i>	<i>102</i>
<i> 3.2.2. Cuidados com a saúde, carreira e escolarização.....</i>	<i>104</i>
<i> 3.2.3. Álcool e Socialização.....</i>	<i>108</i>
<i>3.3. A experiência singular de “ser um soldado”.....</i>	<i>112</i>
<i> 3.3.1. Motivação para o ingresso no serviço militar: entre o sonho e a necessidade.....</i>	<i>113</i>
<i> 3.3.2. A experiência do trabalho militar.....</i>	<i>117</i>
<i> 3.3.3. Os diferentes sentidos de ser soldado.....</i>	<i>125</i>
<i> 3.3.4. Perspectivas de futuro: mudanças ou continuidades?.....</i>	<i>128</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	135
APÊNDICE.....	140

APRESENTAÇÃO

Em primeira pessoa

Um campo de estudo não é escolhido por acaso. Os caminhos trilhados por um pesquisador ao longo de sua trajetória de vida e profissão vão desenhando novos objetivos e novas estratégias para a compreensão do mundo.

Neste sentido, minha incursão no universo militar já vem de longa data devido ao vínculo empregatício que se firmou entre mim e a Força Aérea Brasileira (FAB) desde 1994, como servidora civil. Na época, ainda como estudante de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), percebia que o ritmo diferenciado imposto pela lógica militar do trabalho também permeava as atividades exercidas pelos civis a ela subordinados, moldando formas de viver e sentir a condição de “civil” e “militar” naquele contexto específico.

Naquele momento, trabalhava em uma unidade militar que tinha por missão precípua o atendimento aos militares da reserva e seus dependentes, cujo modelo institucional de atendimento estabelecia o trabalho multi e interdisciplinar nas questões relativas ao envelhecimento. Assim, a Força Aérea Brasileira sempre se apresentou para mim com sua face social, buscando no estudo e na pesquisa os meios para o cumprimento da missão por ela assumida.

Contudo, nos bastidores, homens e mulheres estivessem eles de farda ou não, eram atravessados pelos princípios que regem as relações de trabalho e de vida militar: hierarquia e disciplina. E esse meio sempre propiciou questionamentos quanto à possibilidade de se produzir singularidades dentro de um esquema normalizador e que reproduz o igual, o linear, o rígido. Linhas duras e/contínuasⁱ

ⁱ Linhas duras e/ou contínuas – O conceito de linhas é desenvolvido por Deleuze e Guattari no livro *Mil Platôs; Capitalismo e Esquizofrenia* (Volume 3). De acordo com os autores a subjetividade é constituída por três linhas: duras ou contínuas; flexíveis; de fuga; Segundo Lima (2003) as linhas duras e/ou contínuas quando pensamos a tríade subjetividade, saúde e trabalho indicam a produção de modos de vida afeitos a ordem vigente. No caso, deste trabalho, coerentes com as

que se impunham na vida cotidiana de civis e militares, que por sua vez sempre dispunham de formas de resistir à tendência irresistível de inviabilizar a criação, a produção, o saber.

Até a conclusão de minha graduação, o envelhecimento se apresentou como área de grande interesse, reforçada por minha inserção na Subdivisão de Ensino e Pesquisa, local esse que dispunha de um acervo de trabalhos acadêmicos produzidos pela equipe técnica responsável pelo atendimento aos idosos e que tinha como marco anual um Simpósio de Geriatria e Gerontologia já tradicional à época. Neste sentido, no final de 1999, minha monografia de conclusão de curso foi intitulada “Bem-estar subjetivo na terceira idade em mulheres institucionalizadas” onde discuti o envelhecimento entre mulheres idosas institucionalizadas a partir do conceito de bem-estar subjetivo.

Avançando um pouco mais no tempo, minhas indagações foram se concentrando nos meus pares, ou seja, naqueles que, igualmente, eram civis e trabalhavam em um ambiente militar onde as relações de trabalho estabelecidas e os adoecimentos atingiam essa categoria de trabalhadores de forma particular, chamando desta forma minha atenção.

Após longa data inserida neste contexto institucional, e diante dos embates provocados, tanto por minhas observações sobre a qualidade de saúde e vida experienciados pelos servidores naquela instituição, como por reais situações de adoecimento vivenciadas pelos trabalhadores, fui impulsionada a buscar mais elementos para compreensão dos fenômenos por mim observados.

Em 2007, ingressei na Especialização em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana da CESTE/ENSP/FIOCRUZ na busca das respostas das quais precisava. Neste curso encontrei os aportes teóricos e metodológicos consolidados na prática da saúde pública voltadas à saúde do trabalhador e me vi completamente identificada com esta área do conhecimento.

A saúde do trabalhador se revelou um campo de saberes e práticas de capital importância, firmando-se como ferramenta crucial para a compreensão do processo de trabalho e saúde. Este campo do conhecimento considera o trabalho como condição de existência do ser social, destacando-o como categoria de análise central e determinante para o entendimento das relações de forças estabelecidas entre capital e trabalho. Deste modo, rompe ao longo de sua trajetória de construção, com o modelo causalista da doença o que trouxe uma nova visão que evidencia a importância da subjetividade do trabalhador e sua história.

Partindo deste prisma, em 2008, desenvolvi minha monografia de especialização intitulada: “Perfil dos afastamentos para tratamento de saúde em servidores civis de uma unidade militar do Rio de Janeiro: atravessamentos do trabalho nas questões de saúde” onde discuti as possíveis influências das condições de trabalho vivenciadas pelos servidores civis daquela instituição militar nos afastamentos para tratamento de saúde no período estudado.

Imersa nas discussões que emergiam da formação em saúde do trabalhador, prestei concurso para o Mestrado em Saúde Pública na subárea Saúde, Trabalho e Ambiente, escolhi essa motivada pela sede de agregar mais conhecimentos sobre o campo e aportar na vida acadêmica através da pesquisa.

Paralelamente ao meu ingresso no Mestrado da ENSP/FIOCRUZ, mudanças em minha vida do trabalho abriram novas possibilidades de atuação e novas provocações foram surgindo como pano de fundo para minha pesquisa. A partir de então, passei a trabalhar no Órgão Central da Assistência Social da Aeronáutica, onde meus caminhos novamente foram reorientados a partir de minha aproximação com os projetos sociais desenvolvidos e da magnitude dos resultados que se poderia obter com tais iniciativas.

Em meio às diversas possibilidades de atuação que se descortinavam diante de mim, um projeto em particular chamou minha atenção e motivou minha incursão por um universo até então visto superficialmente.

Um projeto intitulado *Projeto de Acolhimento aos Recrutas* mudou os rumos de meu pré-projeto de mestrado, direcionando-o para um olhar mais apurado para a

juventude representada todos os anos por milhares de jovens que se alistam para o serviço militar obrigatório.

Desta forma, meu percurso foi realinhado para um tema que se revelou apaixonante. Um projeto social, que ora se torna um dispositivo de análise para a presente dissertação, serviu como laboratório vivo onde pudemos observar modos tão diversos de experienciar o encontro do jovem soldado com a vida militar, encontro este permeado por questões sociais marcadas pela precarização das relações de trabalho, das relações da vida familiar e social.

Contudo, acreditamos que este encontro pode, igualmente, mobilizar as vias de acesso a outras formas de ser soldado, não aquela balizada pela precariedade de condições de existência, mas que descobre outras vias, outros atalhos para criar uma nova juventude, uma juventude aberta a devires outros e que produz outras formas de lidar com um modo de ser militar.

Esta juventude que se apresenta todos os anos nos quartéis é o retrato de nossa sociedade, mas é acima de tudo o motor da mudança. Mudança esta que não se restringe à busca por melhores condições de trabalho, de saúde e de qualidade de vida, mas sim de subjetividades que tentam afirmarem-se na diferença produtiva e não apenas na inércia de uma igualdade formatada.

A tríade saúde, trabalho e subjetividade, neste contexto, compõem com a juventude do serviço militar obrigatório uma discussão que traduz novas formas de trabalhar, de cuidar de si e de existir, paradoxalmente a partir e, também no encontro com os valores da disciplina e da hierarquia presentes na instituição militar.

Sob essa perspectiva, apresentamos os pilares sobre os quais construímos nosso estudo e que sustentam nossa visão sobre a inserção do jovem no universo militar e as dimensões envolvidas neste momento da vida.

Caminhos percorridos

No capítulo I – Situando o campo de estudo, apresentamos os objetivos do presente trabalho e a perspectiva metodológica que orientou o nosso percurso.

Para tanto focamos a relação entre trabalho, saúde e subjetividade analisada a partir dos pressupostos teóricos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, onde conceitos como singularização, agenciamento e devir, são fios condutores para a compreensão dos processos de produção de subjetividade que atravessam os jovens soldados no contemporâneo. Michel Foucault compõe ainda o referencial teórico estando presente a sua contribuição no que se refere, especificamente, à análise das relações entre o poder/saber e seus efeitos na lógica do funcionamento de uma instituição militar. No que diz respeito à discussão sobre o trabalho e a saúde as reflexões de Robert Castel e Georges Canguilhem integram o tecido teórico do presente estudo.

Antes de ancorarmos nos conceitos acima referendados, fez-se necessário uma breve leitura sobre os diferentes sentidos que habitam uma juventude engajada ao contexto militar no contemporâneo. Abordamos os modos de ser jovem na atualidade e apresentamos o serviço militar como um dos acontecimentos que o atravessa e o afeta criando ressonâncias em diferentes dimensões de sua vida.

O estudo sobre a produção de subjetividades no contexto militar articula as dimensões trabalho e saúde ao encontro do jovem com a vida do quartel. Desta forma, discorreremos sobre a subjetividade entendendo-a a partir de sua produção, e dispomos das contribuições de GUATTARI¹ que nos apresenta a seguinte definição de produção de subjetividade como:

Um conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva. (p.19)

O referido autor endossa desta forma a importância de ampliar o olhar para além dos sujeitos individuais, dados a priori. Nesta direção, considera-se a subjetividade como modo de expressão dos indivíduos ou coletivos que, diante de condições específicas, se manifesta no campo social.

Tais expressões ou manifestações constroem diferentes modos de ser, sentir, pensar e viver que podem transitar, de um lado, entre a produção de experiências mais autônomas e, em função disso, mais aptas a conduzirem escolhas em direção

ao bem-estar e à saúde e, de outro, a processos de capturas produtores de adoecimento. Os soldados, neste contexto, podem apresentar formas individuais ou coletivas de resposta às condições e organização do trabalho que poderão ou não deflagrar um processo de adoecimento ou transgressão.

No que se refere à produção de saúde, contamos com o aporte teórico de Georges Canguilhem o qual concebe a saúde como algo que implica muito mais que um estado de equilíbrio ou ausência de enfermidade. Na sua acepção a produção da saúde vincula-se a estabelecer para si, no encontro com o meio que segundo autor é sempre infiel, novas normas de existência.

Analisamos desta forma as concepções de normalidade e normatividade sob a concepção de Canguilhem estabelecendo um diálogo com Foucault para quem a normatividade ultrapassa a ordem do biológico e se reafirma no social. Esta discussão dará o pano de fundo para refletirmos as vias de produção de outra saúde quando adentrarmos nos embates no âmbito do encontro do jovem com a instituição militar.

Mais adiante, a categoria trabalho é discutida tendo como referencial os estudos de CASTEL², a partir, principalmente dos conceitos desenvolvidos em sua obra “As metamorfoses da questão social”. O autor atribui ao trabalho e aos suportes sociais a ele vinculados a garantia do laço social na sociedade contemporânea. Dentre os conceitos cunhados pelo autor, elegemos o conceito de desfiliação e propriedade social para compreensão do trabalho face à configuração social atual ou nova questão social. Tal abordagem propicia pensar a juventude e sua relação com as problemáticas decorrentes de um contexto atravessado pela precariedade, vulnerabilidade e flexibilização da existência criando subsídios para analisarmos como tais questões repercutem nos jovens inseridos em um contexto militar.

No Capítulo II – Profissão militar: origens e percursos - recorreremos à historicidade, às origens da profissão militar no intuito de compreender sua lógica atual. Procedemos a um desvio no tempo e aportamos mais precisamente entre o século VIII e IV a.C., onde a história das guerras e o conhecimento do homem grego, origem de nossa sociedade ocidental, nos dão o tom inicial da análise sobre o

nascimento dos guerreiros. Buscamos no arquétipo do herói, agregado ao imaginário coletivo, a compreensão dos ritos atualizados na formação do militar contemporâneo. O advento dos Estados-Nação e dos Exércitos permanentes compõem, do mesmo modo, o conhecimento da trajetória de formação da profissão militar.

Partimos, assim, para a análise desta profissão, desenvolvendo uma discussão sobre suas bases, a hierarquia e a disciplina, bem como o conhecimento do trabalho militar em sua dinâmica de funcionamento. Buscamos iluminar as discussões sobre o papel das forças armadas na sociedade bem como no universo militar, considerado neste estudo como a arena onde os embates do contemporâneo se atualizam e terreno fértil para problematizar as relações de trabalho e saúde.

Apresentamos o serviço militar obrigatório neste capítulo a partir de sua efetivação no Brasil no início do século XX, direcionando nosso foco para os estudos mais recentes sobre o serviço militar tanto no Brasil como em outros países. Descrevemos o contexto atual do serviço militar no país a partir da convocação para recrutamento, percorrendo sua dinâmica até o ingresso propriamente dito do jovem no contexto de trabalho militar.

Finalmente, o Capítulo III – Produzindo saúde e subjetividades na experiência de ser soldado – apresenta, primeiramente, o retrato dos soldados atendidos por um projeto social implementado na Base Aérea, campo empírico de nosso estudo, bem como aborda algumas questões consideradas prementes e que foram discutidas junto a este público específico. Sob estas bases e a partir de entrevistas realizadas junto a jovens, que após o cumprimento do serviço militar obrigatório continuaram vivenciando a experiência do trabalho militar, buscamos conhecer os sentidos atribuídos por eles sobre o que implica ser soldado.

Desta forma, apresentamos e analisamos os encontros e desencontros de uma juventude contemporânea que, ao ser atravessada pelas questões sociais e culturais as mais diversas produz formas específicas de se relacionar com uma instituição militar. Instituição que embora comporte uma estrutura de funcionamento hierárquica e disciplinar, paradoxalmente, pode viabilizar outras formas de pensar, sentir e viver a experiência de ser militar.

Buscamos, igualmente, articular os conceitos às discussões mais recentes sobre o papel das forças armadas na sociedade e na política, especificamente, social, considerando sempre o modo de produção vigente e a lógica que rege o mundo do trabalho no contemporâneo. Nesta investigação priorizamos, do mesmo modo, o diálogo fecundo com alguns autores que nos auxiliaram através de suas investigações na difícil e fascinante tarefa de desvendar as formas de trabalho no contexto militar.

Ao conhecer melhor este universo de trabalho, através da experiência do serviço militar obrigatório visamos à compreensão da tríade saúde, trabalho e subjetividade engendrada neste momento específico da vida destes jovens, bem como abrir novas possibilidades de estudos que elejam os trabalhadores militares como foco de atenção e cuidado.

CAPÍTULO I

SITUANDO O CAMPO DE ESTUDO

A Força Aérea Brasileira enviou à cidade de Porto Príncipe, no Haiti, mais uma tropa de seu efetivo para colaborar com as ações militares e com todo o apoio prestado ao povo daquele país. Trinta militares pertencentes ao Batalhão de Infantaria da Aeronáutica Especial de Brasília embarcaram nos dias 9 e 11 de fevereiro.

(Portal da Força Aérea Brasileira, 18/02/10)ⁱⁱ

1.1. Por uma visibilidade às avessas

Não são as respostas que movem o mundo, mas as perguntas. Usada numa vinheta de um canal de televisão, esta afirmação nos impulsiona a refletir sobre o conhecimento das coisas sob uma perspectiva dialética. Mas tal perspectiva é apenas uma das maneiras de levantar questões, pois embora as perguntas mobilizem o pesquisador na busca de respostas, estas muitas vezes não fazem sentido, desafiando-nos a pensar de outro modo. Um modo que agregue aquilo que não se encaixa a uma racionalidade explicativa dada a priori. Trata-se de mover o mundo a partir das perguntas, e mais, mover os vários mundos aos quais pertencemos e construímos todos os dias na direção da diferença, da diversidade, dentro e a partir de um processo que não para nunca.

Ao observarmos o nosso mundo particular percebemos que a vida, a todo o momento pede passagem e nos indaga, nos provoca, nos exige uma posição.

ⁱⁱ Portal Força Aérea Brasileira. Notícias: [Força Aérea envia mais 30 soldados para o Haiti](http://www.fab.gov.br/portal/capa/index.php?mostra=4763) disponível em: <http://www.fab.gov.br/portal/capa/index.php?mostra=4763> acessado em 19/02/2010.

Todos nós somos, de algum modo, sabatinados pela rotina, pelo acidente, pela tristeza, pela alegria, pela dor e que produz, concomitantemente, a busca por saídas e por novas perguntas. Mas que perguntas seriam estas? Este trabalho é fruto de algumas perguntas que o mundo faz, e que ele enseja responder. O mundo, e nesse contexto do trabalho, se apresenta movendo estas perguntas: Quem são os jovens brasileiros que prestam o serviço militar obrigatório? E o quê esse serviço militar obrigatório presta a esses jovens?

Recorremos neste momento, ao trecho de notícia que apresenta este capítulo introdutório. O mundo está conhecendo nossos jovens. E nós, os conhecemos? O quê está em jogo na difícil missão de deixar seu país, sua família, sua segurança? Aonde começa isso tudo?

Os 30 soldados que foram para o Haiti, em missão, representam milhares de outros jovens com os mesmos sonhos, mesmas dúvidas, mesma coragem. O universo explorado neste trabalho diz respeito a uma parcela da população jovem do Rio de Janeiro que ao completar 18 anos cumpre seu dever constitucional. Todos, sem exceção, são jovens, são cidadãos, são trabalhadores.

Partindo dessas indagações, este estudo apresenta uma visibilidade às avessas do quartel e de seu funcionamento, buscando exteriorizar a ramificação de uma práxis meramente militar e de todos os seus valores, ampliando sua concepção a partir dos embates que se fazem presentes neste território específico quando analisamos os encontros do jovem com tal contexto.

Compreendemos este espaço institucional, a organização militar, como campo de análise no qual a experiência do trabalho se concretiza e produz subjetividades. E vai mais além, quando se traduz em espaço de formação e cidadania. Mas como falar em cidadania dentro de uma instituição de princípios tão rígidos, pautados pela hierarquia e disciplina? Como no encontro com tais princípios os jovens poderiam fundar uma autonomia possível?

Responder a tais perguntas não se traduz em tarefa simples, contudo acreditamos que a instituição militar através do serviço militar obrigatório extrapola o treinamento meramente cívico e militar para a guerra e pode se configurar em cenário onde os embates entre capital e trabalho se atualizam na relação entre os

jovens e o trabalho militar. Este cenário pode deflagrar novos modos de existir e de lidar com as incongruências que esta relação dinâmica entre o sujeito e instituição acarretam.

Em um contexto atravessado de forma explícita, pela norma e pelo prescrito, analisamos sobre como tal universo formata os modos de ser jovens durante o serviço militar obrigatório. No mais, quanto às formas de ingresso ao mundo do trabalho e de um período de formação entende-se, igualmente, que este momento pode se constituir em oportunidade face ao atual cenário de precarização das relações de trabalho, engendrando novas formas de produzir saúde.

1.2. Algumas considerações metodológicas

Este estudo é de cunho qualitativo e se inscreve na perspectiva de apreensão dos sentidos, valores, crenças e comportamentos de jovens que ao fazerem-se soldados relacionam-se, de diferentes maneiras com a instituição militar. Essas diferentes maneiras se traduzem em experiências que tomam o contexto militar como espaço de trabalho e, também, de formação.

Dentro de uma abordagem compreensiva MINAYO-GOMEZ & THEDIM-COSTA³, afirmam ser importante explorar o universo vivido pelos trabalhadores, e buscar *“o sentido que conferem ao cotidiano do trabalho, suas formas de ser, sentir, perceber e agir”*. (p.129)

O projeto social desenvolvido na Aeronáutica permitiu, desta forma, explorar este campo de trabalho específico servindo como uma espécie de “observação participante” munindo-nos de informações importantes e fomentando as perguntas necessárias à investigação.

Partindo do panorama observado e dos dados obtidos por esse projeto, realizou-se para este estudo entrevistas semi-estruturadas que viabilizaram acessarmos as experiências dos jovens no trabalho militar. Os soldados entrevistados tinham “tempo de serviço” diferenciados (de três anos e nove meses a

um ano e um mês), ou seja, cumpriram o serviço militar obrigatório e conseguiram o engajamento, permanecendo neste trabalho como soldados.

Este projeto social serviu como pano de fundo, a partir do qual surgiram inquietações que provocaram o presente estudo, a saber, a relação trabalho, saúde e subjetividade no contexto do serviço militar obrigatório. Essas inquietações nos convocaram a elaborar questões e, por meio das entrevistas empreendidas junto aos jovens que continuaram no serviço militar, acessamos as percepções sobre tal experiência. Nestas entrevistas obtivemos informações relativas a forma de ingresso, a vivência do recrutamento, impressões sobre o dia a dia, relações hierárquicas e o sentido de ser soldado neste momento de suas vidas.

Por outro lado, os resultados dos questionários aplicados converteram-se, igualmente, em dados valiosos para a discussão do papel da instituição na vida dos jovens soldados, bem como permitiu visualizar a relação de trabalho estabelecida entre eles e a instituição militar então empregadora e formativa.

Entendemos o contexto de trabalho militar como celeiro de discussões acerca das relações entre trabalho e saúde engendradas em seu contexto institucional. Para além dessa visão, focamos o campo de trabalho militar como produtor de subjetividades e visibilizamos uma compreensão desta dinâmica a partir da vivência dos jovens soldados no serviço militar obrigatório e os rebatimentos desta experiência em suas vidas laboral, afetiva, econômica, social e de saúde.

A criação de um espaço de diálogo que este projeto social buscou forjar revelou-se prática rica em fluxos comunicativos que puderam “fazer ver” relações estabelecidas entre estes jovens e o serviço militar obrigatório e a própria instituição que ora representavam.

Por fim, nossa intenção foi conhecer as impressões dos soldados sobre a experiência do trabalho militar e articular tais percepções a referenciais teóricos que ao dialogarem entre si, trazem a idéia comum de uma saúde produzida e que incorpora o caráter de embate próprio da vida.

Neste aspecto, os autores nos quais nos ancoramos ao sustentarem as categorias, trabalho, saúde e subjetividade como processos contínuos e relacionais

agregam em seus conceitos a idéia de passagem. Tal perspectiva permite visibilizar, através das falas dos jovens, os encontros e desencontros próprios da juventude e do ingresso em um mundo novo como o mundo do quartel. As entrevistas se constituíram, assim, em técnica mais adequada para acessar estas experiências e articulá-las às categorias eleitas para o presente estudo.

1.3. Algumas aproximações sobre juventudes

Não poderíamos começar nossa discussão sem abordar a questão do “ser jovem” na atualidade, tendo em vista que nossos sujeitos de pesquisa são soldados e invariavelmente, jovens.

Segundo dados apresentados pela Direção de Estudos Sociais do IPEAⁱⁱⁱ, os jovens de 15-29 anos representam 26,4% da população brasileira (50,2 milhões). Na população de 18-24 anos, 31% freqüentam a escola e 50% trabalham sem carteira assinada^{iv}.

Segundo CAMARANO et al⁴ o interesse por estudar a juventude emergiu como tema relevante nos estudos populacionais e nas políticas públicas devido a elevada taxa de fecundidade na adolescência e porque muitos jovens do sexo masculino morriam precocemente. Estes motivos, no entanto, experimentaram uma redução considerável em sua incidência, contudo não enfraqueceram a importância na questão estudada. A inserção dos jovens na vida adulta tem se configurado em tema de extrema significância tendo em vista a necessidade de compreender os fenômenos que marcam esta passagem.

A saída da escola e a entrada no mercado de trabalho seria um dos momentos que marcariam essa passagem para a vida adulta, mas segundo GONZALEZ⁵ o mais comum tem sido a concomitância de estudo e trabalho na faixa

ⁱⁱⁱ Disponível no site: <http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/pdf/20100119JUVENTUDE.pdf>

^{iv} Fontes: Pnad/IBGE, Pesquisa “Juventude Brasileiras”, Unesco, 2004

de 15-17 anos e a de trabalhador começa a se destacar na faixa de 18-24 anos em jovens do sexo masculino, conforme tabela abaixo:

TABELA 1 – Proporção de pessoas por faixa etária e condição de estudo/trabalho

Proporção de pessoas por faixa etária e condição de estudo/trabalho – Brasil, 2007

Homens	Só estuda	Estuda e trabalha	Só trabalha	Não estuda nem trabalha
10 a 14 anos	86,2	11,0	0,8	2,0
15 a 17 anos	54,9	26,4	11,4	73,0
18 a 24 anos	12,2	17,7	56,2	13,8
25 a 29 anos	2,3	8,8	78,6	10,2
30 a 59 anos	0,4	3,7	84,0	11,9
60 anos ou mais	0,3	0,4	42,6	56,7

Mulheres	Só estuda	Estuda e trabalha	Só trabalha	Não estuda nem trabalha
10 a 14 anos	91,9	5,6	0,4	2,1
15 a 17 anos	66,0	17,0	5,0	12,0
18 a 24 anos	16,7	15,1	36,4	31,8
25 a 29 anos	4,5	9,1	53,8	32,6
30 a 59 anos	1,8	4,2	58,2	35,8
60 anos ou mais	0,8	0,4	19,1	79,7

Fonte: Microdados da PNAD/IBGE.
Elaboração: Ninsoc/Disoc/Ipea.

Fonte: Gonzalez, R. Políticas de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho é a saída? IPEA, 2009

Considerando a transição para a fase adulta como período marcante na vida dos jovens, além da entrada no mercado de trabalho, os aspectos biológicos que se caracterizam por mudanças intensas no nível hormonal, bem como as questões psicológicas que acometem os jovens neste momento de suas vidas são de grande importância nos estudos sobre juventude.

Por outro lado, ressaltamos que falar de “ser jovem” ou “juventude” implica em ampliar o olhar para além de definições maniqueístas que considerem somente aspectos biológicos ou sociais para explicar o comportamento desta fase da vida.

Sem cair em simplificações ou incorrer no erro de não considerar a complexidade desta categoria de análise, situamos brevemente nossa discussão no jovem brasileiro do século XXI e, de forma particular, carioca, de áreas periféricas e que ingressou no serviço militar obrigatório na Força Aérea Brasileira. Adotamos neste estudo uma compreensão de “ser jovem” que implica em um processo que tem como fio condutor as relações históricas e culturais que os atravessam durante as suas trajetórias de vida.

Quanto a esse posicionamento, concordamos com CARRANO⁶ que nos esclarece:

Na sociedade contemporânea, de fato, ser jovem não é apenas uma condição biológica, mas uma maneira prioritária de definição cultural. A vida social se diferencia em âmbitos de experiências múltiplas, cada uma das quais caracterizada por formas de relacionamento, linguagens e regras específicas. A complexidade e a diferenciação da vida social abrem imensas possibilidades naquilo que diz respeito à capacidade de ação individual.(p.04)

Pode-se dizer, igualmente, que nem sempre a infância ou adolescência foi objeto de discussão ou de interesse da própria sociedade. Durante muito tempo esse período que hoje chamamos de juventude foi considerado meramente uma ponte, por onde se fazia a passagem de infância à vida adulta. Desta forma, a noção de infância e juventude foi sendo construída e variou significativamente de acordo com as diferentes configurações sociais e históricas.

De outro modo, falar de uma juventude brasileira, segundo NOVAES⁷ é falar de processos que resultam de uma combinação particular entre herança histórica e padrões da sociedade atual. Assim, os contextos sociais e culturais têm um peso significativo na leitura que dada sociedade terá das questões relativas à juventude.

As ressonâncias desse momento na vida dos jovens são múltiplas e transversais. O estágio de desenvolvimento pelos quais estão passando se traduz em período complexo, cujas transformações são intensas, tanto no nível biológico, como psicológico e social.

A indecisão quanto às escolhas; a facilidade como são influenciados com relação às pressões que vivenciam, seja diante de um grupo de amigos ou, ainda, de outras grupalidades; a rebeldia e as ações, por vezes, inconseqüentes, características da idade compõem um espectro de situações em um mosaico difícil de administrar, tanto pela família, pela escola, e no serviço obrigatório, pela instituição militar.

O serviço militar obrigatório pode se configurar, também, como um ritual de passagem para jovens brasileiros no ano em que completam 18 anos de idade.

Alguns vão prestar o serviço, outros serão dispensados do serviço obrigatório por “excesso de contingente” e receberão seu certificado de reservista.

No quartel este jovem entre 18 e 19 anos passa da condição de “menino” para transformar-se em “adulto”. Ao ingressar no serviço militar rompe com sua condição civil, forjando a partir dos treinamentos militares uma “nova identidade”, uma identidade militar.^v

Entretanto, compreendemos a identidade nos padrões atuais como sendo não estática e sim móvel e relacional. Esta identidade militar forjada nas escolas de formação e nos treinamentos corresponde a um padrão referencial, “*de circunscrição de uma realidade a quadros de referência, quadros esses que podem ser imaginários*” (GUATTARI & ROLNIK, p.68)^o.

A identidade se converte, assim, em quadro referencial por onde passam, atravessam, circulam diferentes formas de existir. Desta forma, apesar de inicialmente a formação militar forjar um modo de vida padronizado de acordo com normas e regulamentos próprios, entendemos que a vida em sua potência é sempre capaz de produzir brechas por onde vão escapar e deixar passar novas formas de ser no mundo.

Baseados nestas considerações, indagamos se estes soldados, jovens advindos de regiões e bairros periféricos, até mesmo bem distantes da organização militar objeto de nosso estudo, encontrariam na prestação do serviço militar uma chance de escapar do desemprego estrutural que acomete as camadas mais frágeis da população.

Caberia-nos questionar se a farda assumiria também um valor simbólico agregado. O que significaria para o jovem vesti-la e que diferenciação propicia no mundo extramuros, através dos contatos sociais, do namoro, na aquisição de bens de consumo e da própria necessidade de pertencimento ao grupo, comum nesta fase da vida.

^v Sobre identidade militar, conferir a obra do Celso Castro, O “Espírito Militar”. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990

Supomos que a função integradora do trabalho por meio do ingresso deste jovem na vida militar se consolida uma vez que este universo pode viabilizar o acesso às sociabilidades as quais almeja e de que necessita.

O impasse vivenciado na introjeção dos valores militares se apresenta dentre vários impasses vivenciados neste período da vida. Buscamos compreender estes impasses como formas de lidar com os embates suscitados pelo encontro com tais valores. Poderíamos então questionar se estes jovens, partindo desses impasses moldariam essas imposições de forma de ser e produziram a partir daí um sentido, que nesse estudo entendemos como produção de saúde, se apropriando deste embate e fazendo disso uma expansão.

Neste sentido, a juventude pode ser encarada como momento de abertura à diferença e à mudança, como nos aponta Foracchi apud AUGUSTO⁹:

A juventude também é identificada como força dinamizadora da vida social, atuante em sua transformação, para o que se une a outras forças operantes na sociedade. De um lado, sua busca por uma sociedade mais justa leva-a a emergir como porta-voz dos desfavorecidos, revelando as formas de opressão existentes; de outro, sua flexibilidade permite-lhe experimentar novas alternativas e adaptar-se com relativa facilidade a modos de conduta e padrões de vida anteriormente desconhecidos.
(p. 20)

A autora acrescenta que a postura de resistência e rebeldia características da juventude e que são determinantes de mudanças, muitas vezes são vistas de forma negativa, avaliados como atitudes inseqüentes e desordenadoras pela sociedade. Contudo, a juventude, finaliza a mesma autora *“sintetizaria uma forma possível de pronunciar-se diante do processo histórico e de constituí-lo, configurando desse modo um estilo próprio de existência e de realização do destino pessoal.”*^{vi}

A questão da violência e do risco também são temas prementes para alguns autores, uma vez que sobre o público jovem recai devido à característica de

^{vi} Ibidem, p.21

experimentação sem limites, uma exposição maior aos perigos e desta forma maiores conseqüências negativas.

MINAYO et al¹⁰ em seu estudo sobre Juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro nos aponta que para os jovens de sua pesquisa a violência se manifesta de forma profunda nas desigualdades sociais e de oportunidades que progressivamente vêm se agravando através do desemprego e exclusão que assolam os mais pobres.

A juventude apresenta-se então como categoria vulnerável diante das transformações do mundo globalizado e suas conseqüências nas diversas esferas da vida. Ser jovem no contexto contemporâneo implica estar diante de mudanças rápidas demais para serem elaboradas e compreendidas e que geram conseqüências que se inscrevem na dinâmica relacional, seja ela familiar, social ou de trabalho.

De um modo geral, GONZALEZ⁵ sugere que a entrada dos jovens no mercado de trabalho é precária e difícil. Ancorado em indicadores apresentados em seu estudo, o autor afirma que os jovens constituem o grupo etário mais desfavorecido pelas condições restritivas de entrada no mercado de trabalho, como também *“reproduzem as desigualdades de gênero e de renda presentes na população em geral”*. (p.120)

A fragilidade de condições de vida dos jovens aparece ainda como ponto nevrálgico para alguns autores como Esposito & Corrochano apud MARTINS & AUGUSTO¹¹ que fazem uma análise crítica que *“aponta os conflitos entre orientações e programas, a precariedade e especialmente os desencontros entre as iniciativas e as expectativas (necessidades) dos jovens”* (p.03). Essa crítica refere-se à análise de algumas políticas dirigidas à juventude nos âmbitos municipal, estadual e municipal.

Ao nos aproximamos da trajetória das políticas públicas para juventude no Brasil veremos tais desencontros de forma explícita, segundo SPOSITO & CARRANO¹²:

[...]há uma inequívoca faixa de jovens pobres, filhos de trabalhadores rurais e urbanos (denominados setores populares e segmentos oriundos de

classes médias urbanas empobrecidas), que fazem parte da ampla maioria juvenil da sociedade brasileira e que podem estar, ou não, no horizonte das ações públicas, em decorrência de um modo peculiar de concebê-los como sujeitos de direitos. (p.19)

Sob esta perspectiva, é preciso atentar para políticas que viabilizem a progressiva escolarização dos jovens, combinando formação técnica e experiência de trabalho, reduzindo a inserção em postos de pior qualidade e o desemprego.

Ações sociais, a exemplo do projeto de acolhimento aos recrutas implementado na organização militar campo empírico de nosso estudo, podem se converter em espaço de escuta e reflexão, ainda que rudimentar, ampliando o leque de escolhas dos jovens e minimizando o quanto possível rupturas maiores trazidas por situações as quais, a vulnerabilidade já esteja presente na vida destes soldados.

Tal iniciativa pode ser compreendida como ponto de partida para viabilizar aos jovens que ingressam neste campo de trabalho algo além da formação militar, alcançando uma formação para a vida e o próprio direito à cidadania.

1.4. A dimensão do trabalho para além de sua centralidade

A história de realização do ser social se concretiza a partir da produção e reprodução de sua existência, ato esse que se configura no trabalho. A partir do advento do Capitalismo então, o trabalho assume um caráter multifacetado.

O século XX foi marcado por revoluções que culminaram em conquistas importantes em vários setores da sociedade e, neste contexto, revoluções tecnológicas transformaram estas conquistas em sonhos de um mundo melhor.

Contudo, segundo SANTOS, M.¹³, tal quadro sofre profundas mudanças que deflagram um processo de desmonte do estado de bem estar social. O humanismo é substituído pela lógica do consumo exacerbado. Uma sensação de descontrole se faz vigente.

BAUMAN¹⁴ nos esclarece nesta passagem que,

O mundo era uma totalidade na medida em que nada havia nele que pudesse escapar a uma importância nessa ordem de coisas, de modo que nada podia ser indiferente do ponto de vista do equilíbrio entre duas potências que se apropriavam de uma parte considerável do mundo e lançavam o resto na sombra dessa apropriação. (pág.65)

Medidas neoliberais e privatizações em larga escala foram reforçadas pelas projeções de uma vida mais digna, empresas transnacionais transferiram suas unidades produtivas para países de terceiro mundo onde a legislação era menos restritiva em relação aos seus países de origem prometendo mais emprego e desenvolvimento à população mais vulnerável.

A nova ordem mundial que atravessou fronteiras com a Globalização impôs desta forma, novos ritmos à vida cotidiana estabelecendo novas formas de viver e, conseqüentemente, novas formas de trabalhar.

Neste sentido, o mundo do trabalho da maneira como tem se configurado, fomenta uma progressiva precarização das relações de trabalho e vida, e impulsiona, conseqüentemente, o contingente mais empobrecido da população a buscar meios alternativos para escapar da situação de desemprego a que muitos se encontram fadados. Vínculos frágeis de emprego e processos de trabalho que adoecem e mutilam tanto o corpo quanto a alma dos trabalhadores.

Segundo CASTEL², dar ênfase à discussão sobre precarização do trabalho, *“permite compreender os processos que alimentam a vulnerabilidade social e produzem, no final do percurso, o desemprego e a desfiliação^{vii}”* (p.516). A desfiliação não indicaria exclusão total de vínculos, e sim um afastamento, ou distanciamento do centro de coesão social que o trabalho proporciona. No rol de desfiliações estariam aqueles em desemprego duradouro, os jovens à margem do mercado de trabalho e os menos escolarizados.

Ainda segundo o autor, fica evidente que a precarização do emprego e o desemprego se inscreve em uma dinâmica própria da modernidade, a partir da reestruturação produtiva e pela competitividade desmedida. Segue alertando-nos

^{vii} Conceito cunhado por Castel em sua obra *As Metamorfoses da Questão Social* (1998) onde a define não equivalendo necessariamente a uma ausência completa de vínculos, mas também à ausência de inscrição do sujeito em estruturas portadoras de sentido. (p.536)

sobre os “*imperativos categóricos das empresas competitivas*” onde a flexibilidade e a polivalência são cultuadas e reificadas a qualquer preço. Deste modo, aqueles que procuram trabalho devem estar disponíveis para adaptarem-se às flutuações da demanda, à flexibilidade, especificamente, que submete o trabalhador a uma necessidade de ajustamento à sua tarefa.^{viii}

Dentro desta lógica, as empresas modernas funcionam mais como “*máquinas de vulnerabilizar*” ou até mesmo “*máquinas de excluir*”, perdendo assim suas funções integradoras. Neste caso, os jovens, segundo CASTEL² são os mais prejudicados, uma vez que a exigência de qualificação elevada não se restringe a imperativos técnicos. A superqualificação em cargos que não justificam tais requisitos impulsiona os jovens realmente não qualificados ao desemprego, uma vez que os postos que ocupariam já estão sendo tomados por outros jovens mais qualificados que eles. (p.520)

Por outro lado, afirma NARDI¹⁵ que,

Mesmo de forma desigual, o trabalho foi, na sociedade moderna, o dispositivo central de integração social e, ao mesmo tempo, a forma de acesso à proteção social. A criação de um conjunto de regras morais que permitiu a valorização e a identificação com o trabalho foi fundamental como justificativa ideológica do capitalismo, assim como para os suportes simbólicos da existência. (p. 47)

Castel apud NARDI¹⁵ ressalta que a problemática contemporânea ou nova questão social “*centra-se na retirada dos suportes sociais associada à desregulamentação das relações de trabalho*” (p.46). Neste sentido, a chamada nova questão social relaciona-se tanto com o fim do caráter integrador do trabalho e, ao mesmo tempo, com os impactos desta ruptura na dinâmica societária.

Dentro deste contexto, compreender a importância do trabalho é concebê-lo em sua centralidade, não somente na dimensão econômica, mas nos aspectos social, psicológico, cultural e simbólico, os quais representam o caráter integrador do

^{viii} Ibidem, p.517

trabalho e permitem o acesso de cada um ao que autor chama de propriedade social.

A propriedade social é entendida como suporte para a existência dos indivíduos, e NARDI¹⁵ afirma que para além da luta cotidiana por sobrevivência, a propriedade social viabiliza o acesso e qualifica, através da garantia de segurança que lhe é inerente, a participação dos trabalhadores *“na discussão de alternativas políticas de organização da sociedade num contexto democrático.”* (p.43)

O autor acima cita Paugan que afirma que:

O emprego inscreve o trabalhador na lógica protetora do Estado e assegura o exercício dos direitos sociais não só em função de sua contribuição à atividade produtiva, mas também em relação ao princípio de cidadania. (ibidem,p.45)

Dentro deste contexto de discussão, CASTEL² aponta para a desfiliação progressiva de uma faixa expressiva da população e o amplo crescimento dos supranumerários. Tal cenário dimensiona a crise do emprego em escala mundial e particularmente no Brasil, onde tal situação fica exemplificada ao observarmos os jovens que buscam no serviço militar obrigatório a garantia de uma filiação e aos suportes sociais que dela advém. Essa forma de vínculo pode proporcionar projetos de vida mais palpáveis mediante ao desemprego estrutural vigente em nossos dias.

A ausência do trabalho, por fim, degrada vertiginosamente o capital relacional, pulverizando as diferentes formas de sociabilidade oportunizadas pelo trabalho, desta forma, no caso dos jovens, isso se amplifica tendo em vista que são os mais vulneráveis ao desemprego e os alvos mais fáceis para as relações sociais de risco.

As transformações no mundo do trabalho vêm determinando ao longo do tempo mudanças na maneira de concebê-lo também no quartel, uma vez que não há como a instituição militar manter-se à margem dos acontecimentos - questões sociais, caos urbano, desemprego, violência, acidentes, responsabilidade ambiental, entre outros, - representados no ambiente militar através de homens e mulheres que compõem suas fileiras.

Norteados pela vida militar, concluiremos que neste contexto específico de trabalho o que não falta são normas e regulamentos. As tarefas desempenhadas pelos militares e, em nosso caso específico, pelos soldados, são pautadas na previsibilidade. Boa parte dos soldados, ao término do período obrigatório, é desligada ou em outros termos “dá baixa”^{ix}.

Tal fato irrompe a emergência de discutir o destino destes jovens, uma vez que a ruptura do vínculo com a instituição militar pode influir fortemente na construção de uma nova história pessoal e profissional na condição de civil. É notório que tanto o ingresso na instituição militar, como o desligamento, tem impacto na vida sob muitos aspectos, dentre eles o financeiro e profissional.

O impacto financeiro e profissional ocorre na medida em que o jovem ao ingressar no serviço militar obrigatório, adquire durante doze meses o status de servidor público, com contracheque, garantia de remuneração mensal, fardamento, alojamento e rancho^x, além de conta bancária e crédito para adquirir empréstimos e financiamentos. Por outro lado, o padrão financeiro ao “dar baixa” do serviço militar, varia muito de caso a caso, mas geralmente, segundo os atendimentos do setor de Serviço Social da organização militar estudada, há uma queda brusca.

Diante desta nova realidade, o cenário desenhado por Castel se confirma uma vez que se os soldados não possuírem qualificação técnica, poderão retornar às formas precárias de trabalho, engrossando as fileiras do subemprego ou desemprego. Jovens esses que se não tiverem o amparo do Estado e de suas instituições poderão ser alvos, também, de formas de trabalhos ilícitos, uma das possibilidades hoje, tornadas possíveis, nos seus locais de origem.

Neste sentido, analisar os sentidos atribuídos pelos jovens soldados tanto ao serviço militar obrigatório, como às relações de trabalho promotoras de saúde,

^{ix} O desligamento do serviço militar, no caso dos soldados em período militar obrigatório, pode ocorrer ao final do mesmo, por excesso de contingente, ou por motivos disciplinares. Como há maior demanda do que oferta de vagas, uma boa parte dos soldados que cumprem os 12 meses obrigatórios pode vir a ser desligado.

^x Refeitório onde os soldados fazem suas refeições. É garantida a alimentação e alojamento dos soldados neste período.

engendradas neste período, forçosamente implica em conhecer a maneira como cada soldado ou coletivo de soldados responde às vicissitudes oriundas da formação militar e da formação para o trabalho. Invariavelmente dependerá da história singular de cada um, bem como dos encontros com outras experiências, a garantia de um repertório original de interpretações para cada realidade encontrada.

1.5. O significado de produzir saúde

Previamente à discussão sobre o significado de produzir saúde, faz-se necessário saber de quê saúde estamos falando. E, avançando um pouco mais em nossa reflexão, devemos, igualmente, nos perguntar como a saúde/doença foi apropriada ao discurso e às práticas, bem como quais caminhos foram traçados para o alcance do que hoje concebemos como produção de saúde.

Segundo RAMMINGER¹⁶, Canguilhem, em sua obra *O Normal e o Patológico*, afirma que a saúde é uma verdade do corpo e o autor estabelece ao longo de seu estudo uma desconstrução dos conceitos essenciais da medicina, evidenciando que tais conceitos estão tomados por valores morais.

De acordo com CZERESNIA¹⁷, “*o discurso científico, a especialidade e a organização institucional das práticas em saúde circunscreveram-se a partir de conceitos objetivos não de saúde, mas de doença*” (p.45). Neste sentido, a medicina possuía a tutela do conhecimento e das práticas em saúde baseando-se nas ciências positivas, compreendendo a doença como unicamente cognoscível a partir de seu status de objeto científico. A doença, dentro desta concepção, era uma “*entidade externa e anterior às alterações concretas do corpo dos doentes*”^{xi}.

Outra questão levantada pela autora é o hiato existente entre o conceito de doença e a experiência de adoecer. Tendo como suporte um discurso cientificista onde a verdade não deveria ser apreendida através dos sentidos, a experiência do adoecer, sentida e experimentada por aquele que adoecer não é considerada,

^{xi} Idem, Ibidem, p.45.

impetrando assim, práticas que não conduzem à apreensão da totalidade do conceito de doença.

Neste sentido, tanto a saúde como o adoecer estaria situado entre a “*subjetividade da experiência da doença e a objetividade dos conceitos que lhe dão sentido*”. O contato direto com o real engendra o enfrentamento do inexplicável, do misterioso ou indizível, impondo assim a circunscrição de um plano de referência necessário à construção científica.^{xii}

Já CANGUILHEM¹⁸ refere-se à saúde como experiência de um corpo singular e a doença enquanto modo de vida reduzido posto que não cria, não é audacioso, contudo, “*não deixa de ser uma vida nova, caracterizada por novas constantes fisiológicas*” (p.141).

Para o autor “*o que caracteriza a saúde é a possibilidade de ultrapassar a norma que define o normal no momento, a possibilidade de tolerar infrações à norma habitual e de instituir normas novas em situações novas*” (p.148).

Essas “*infrações à norma habitual*” a todo o momento atravessam nossa existência, e traduzem-se, no mundo do trabalho, em conflitos entre o indivíduo e a organização do trabalho, representados pelas normas e prescrições que podem resultar em obstáculos e conseqüentemente, em um processo de adoecimento.

Reforçamos, neste momento, a experiência do adoecer como experiência singular. Quando nos referimos a não capacidade de ser normativo em situações de crise, como por exemplo, diante das imposições da lógica de hierarquia e disciplina, tal adoecimento nem sempre pode ser entendido apenas por seu lado científico. A experiência da saúde ou doença pertence àquele que a vivencia, desta forma, é imprescindível que possamos dar visibilidade a outras formas de lidar com o sofrimento que não são externadas como doença em sua acepção mais comumente aceita. Devemos estar atentos à saúde que se faz na discrição das relações.

CAPONI¹⁹ nos traz a idéia de uma saúde que se desenvolve no silêncio do cotidiano, no anonimato, “*o homem sadio, que se adapta silenciosamente às suas*

^{xii} Idem, op.cit., p.46.

tarefas, que vive sua existência na liberdade relativa de suas escolhas, está presente na sociedade que o ignora” (Canguilhem apud CAPONI, p.73).

Em outras palavras, é preciso estar atentos às nuances envolvidas nas intervenções que tenham como público alvo a juventude, no intuito de desenvolvermos ações que ampliem seus horizontes, não apenas elegendo aquilo que é da ordem da doença e de suas manifestações.

Desta forma, ao entendermos a saúde como *“margem de tolerância às infidelidades do meio”* segundo CANGUILHEM¹⁸, devemos ter como horizonte ampliarmos esta margem de segurança ao máximo possível.

RAMMINGER¹⁶ chama a atenção para a importância de diferenciarmos os conceitos de normalidade e normatividade. Ambos os conceitos referem-se a uma escala de valores, que considera aspectos positivos ou negativos de dada situação, contudo em um primeiro momento, Canguilhem compreende a norma como da ordem do biológico e a normatividade como a capacidade de criar novas normas e, ir para além da adaptação, expandindo a vida.

Posteriormente, CANGUILHEM¹⁸ amplia, inspirado por Foucault, seu conceito afirmando que:

Normal é o termo pelo qual o século XIX vai designar o protótipo escolar e o estado de saúde orgânica [...] exprimem uma exigência de racionalização que se manifesta também na política, como se manifesta na economia sob a influência de um maquinismo industrial nascente que levará, enfim, ao que se chamou, desde então, de normalização. (p.199)

Foucault apud RAMMINGER¹⁶ anuncia que a sociedade determina aquilo que será considerado mais ou menos normal e em torno do qual serão construídos novos discursos e práticas. Uma prática médica centrada na melhoria do nível de saúde da população visava na verdade não a um cuidado, mas ao seu quadriculamento e controle. Uma estratégia biopolítica, ou seja, do corpo tomado como exercício de poder.

A autora ressalta as diferenças de concepção de norma para ambos os autores. Para Canguilhem a ênfase está na capacidade que o sujeito possui de criar novas normas, de inventar outras formas de lidar com as infidelidades do meio.

Para Foucault, a idéia principal está na eficácia das normas sociais e como a relação de poder produz sujeitos que, ao mesmo tempo em que se submetem ao poder, “*trazem em si a possibilidade de resistência e transformação das normas*”.^{xiii}

Ainda segundo a autora, Le Blanc, alerta para que não separemos o social do vital, uma vez que para Canguilhem a capacidade de invenção de novas respostas é inerente a qualquer ser vivente, é da ordem da vida. Já para Foucault, tal princípio não se dá da mesma maneira, a criação de “*modos mais belos e estéticos de existência*” seria uma exceção, uma situação muito específica.^{xiv}

Desta forma, para Le Blanc:

Assim como a normalidade diz respeito tanto à racionalização das normas da sociedade como à maneira específica de cada sociedade se posicionar como sujeito de suas normas, a normatividade é entendida como a capacidade não só subjetiva, mas também social, de incorporação de novas normas. (apud RAMMINGER, p.89)¹⁶

É importante sublinharmos que esta normatividade tanto biológica como social permeia nosso cotidiano, colocando-nos em xeque a todo instante. Desde as formas mais tênues às mais invasivas próprias à lógica capitalista vigente. Uma lógica que incute valores tanto positivos como negativos e que produz uma necessidade premente de “dar conta” daquilo que invade nossas vidas através das imposições constantes de modos de vida orientados pela flexibilidade, a polivalência e a adaptabilidade.

O jovem - então soldado, ao ingressar no universo militar *normalizador* – se vê obrigado a ajustar-se. O que vai conduzir o processo saúde-doença nesta relação é a capacidade de estabelecer novas normas, ou seja, ser *normativo*. Mas diante das cobranças, dos acontecimentos indesejáveis, do sofrimento deflagrado pelo não reconhecimento, este jovem poderá inventar ou novas formas de lidar com a dor e “decidir” pela saúde ou, na impossibilidade de reagir, ser normalizado. Neste sentido, quando tais estratégias falham, adoecem.

^{xiii} Idem, Ibidem, p.89

^{xiv} Idem, Op. cit.

A patologia, segundo CANGUILHEM¹⁸ está condicionada a um sentimento de vida contrariada, sentimento diretamente ligado à impotência e sofrimento. Superar esta contrariedade mobiliza os recursos internos de normatização, no intuito de retornar ao estado anterior ao adoecimento. Nestes termos, o elenco de respostas para dadas situações podem estar ampliadas ou reduzidas.

Neste sentido, CAPONI¹⁹ afirma que é necessário pensar em um conceito de saúde que seja capaz de *“contemplar e integrar nossa capacidade de administrar de forma autônoma esta margem de risco, de tensão de infidelidades, e porque não dizer, de “mal estar” com que inevitavelmente devemos viver.”* (p.72)

Neste aspecto, o ingresso nas forças armadas proporciona, inicialmente, uma ruptura com situações anteriores, instaurando normas e impulsionando os sujeitos a inventarem outras formas de lidar com a mudança de ambiente e de condutas a serem internalizadas.

Esse mundo novo que se descortina diante dos jovens é repleto de questões ligadas à saúde de uma forma integral e os comportamentos considerados de risco se manifestam a todo instante na experiência de ser jovem como, por exemplo, em relação ao trânsito (excesso de velocidade, o não uso de capacete ou cinto), à sexualidade (o não uso de preservativos, doenças sexualmente transmissíveis, AIDS), ao abuso de álcool e drogas que podem potencializar a ocorrência de outras atitudes que comprometem não só a saúde, mas a existência de um perigo real de morte.

Neste aspecto, RAMMINGER¹⁶ chama a atenção para expressões como “comportamento de risco”, que embora estejam comumente presentes nas práticas do campo da saúde pública pode conduzir-nos a armadilha da *“culpabilização e responsabilização exclusiva dos indivíduos por suas condições de vida, saúde e adoecimento”*. (p.90)

Castel vem contribuir para nosso estudo no se refere ao risco, no sentido da transformação de seu conceito. Segundo CAPONI¹⁹, o autor nos diz que houve um deslocamento das intervenções curativas terapêuticas para um *“gerenciamento administrativo preventivo do risco”* (p.76). A autora nos convoca a pensarmos com clareza nos conceitos de saúde, risco e normalidade, onde talvez:

a conceitualização de saúde como segurança contra o risco e audácia para corrigi-lo, a separação entre anomalia e patologia e o privilégio concedido ao sofrimento individual possam nos auxiliar a enfrentar o desafio de gerar estratégias de saúde pública mais efetivas e solidárias. (p.80)

Diante destas discussões, acreditamos em uma saúde que contemple as diferenças engendradas entre o coletivo de jovens e suas capacidades normativas face às infidelidades de um meio militar, normalizador.

Considerando as conseqüências deletérias decorrentes do adoecimento de seus trabalhadores e o custo político, social e econômico de uma gestão que não acompanhe as imposições de um mercado e de uma sociedade progressivamente exigente, a instituição militar não pode se furtar ao seu papel integrador, através da atuação como formador para o trabalho e para a vida. Deste modo, acreditamos ser a produção de saúde a estratégia que conduz a sujeitos mais capazes de lidar com as infidelidades do meio, buscando naquilo que escapa da disciplinarização vigente, o fio condutor para a mudança e a criação de novas respostas.

Neste contexto, LIMA²⁰ nos esclarece que produção de saúde:

É uma invenção que acolhe todo, um campo de vulnerabilidades, ou seja, jovens tornados pobres, analfabetos, que estão à margem, não mais como se eles fossem os portadores de uma espécie de doença social, mas como efeito de uma situação política, econômica, social e subjetiva que lhes retira um tempo próprio, destinado a outros jovens, de projetos de vida, a partir de outros parâmetros e valores, nos quais caibam tempo e espaço para o lazer, os estudos, a formação, o cuidado de si ou mesmo a possibilidade de problematizar esse destino inexorável a qualquer forma de labor. (p.56)

Desta forma, é preciso encarar a produção de saúde como algo além do que convencionamos chamar de prevenção, posto que vise reduzir o aparecimento de novas doenças; para além da promoção que visa maximizar comportamentos saudáveis; a produção de saúde se torna algo diferente na medida em que concebe *“a saúde inscrita no terreno ético-estético que, ao forjar mudanças na maneira de perceber o mundo, inventa novas relações com o corpo, o tempo, os processos técnicos, a coletividade”^{xv}*.

^{xv} Idem, Ibidem, p.57.

1.6. Sobre a produção de subjetividades.

O capitalismo através de suas mutações constantes engendra a produção de novas subjetividades na medida em que cada transformação social alavanca uma reconfiguração do cenário vivido e exige novas conexões e o estabelecimento de novas possibilidades de resistência e mudança. (TITTONI et al)²¹

Investir em um estudo sobre subjetividade significa considerá-la processo contínuo de trocas, de multiplicidades partindo do que está desconexo, solto, fora de lugar, fora de ordem, sem pressupor que exista uma fórmula ou modelo de comportamento adequado a priori.

Neste sentido, afastamo-nos de uma noção de sujeito psíquico, ligado apenas a uma interioridade. Portanto, a subjetividade é concebida como produção social, composta de elementos heterogêneos (afetivos, familiares, econômicos, entre outros). Esse conjunto de elementos heterogêneos em constante produção é que fazem da subjetividade uma instância múltipla e, portanto, indissociável de práticas sociais concretas.

GUATTARI & ROLNIK⁸ compreende a *subjetividade* como sendo produzida por *Agenciamentos Coletivos de Enunciação*^{xvi}, não sendo este processo centrado nos indivíduos nem tampouco nos grupos. Os agenciamentos colocam em conexão as diversas instâncias que atravessam nossas existências. Eles se materializam em nosso cotidiano, através de nossas relações na família, no trabalho, na escola, no modo como vestimos, falamos, enfim, as subjetividades produzidas são assumidas e vividas de diferentes formas pelos indivíduos.

Para além da hierarquia e da disciplina, pilares que sustentam a instituição militar há uma gama de relações expressas por meio de ritmos, condutas e posturas que, *a priori* define quem seja ou não um militar “de verdade”. Um militar de verdade

^{xvi} “O conceito de agenciamento de Deleuze e Guattari, diz respeito ao acoplamento de um conjunto de relações materiais a um regime de signos correspondente. O agenciamento é formado pela expressão (agenciamento coletivo de enunciação) e pelo conteúdo (agenciamento maquínico). Como exemplo de agenciamentos coletivos de enunciação poderíamos citar os agenciamentos judicial, familiar, escolar, midiáticos entre outros”. (Deleuze;Guattari, 1995 apud Soares e Miranda, 2009, pág. 418)

segue o regulamento e mesmo que esteja “paisano” (civil) continua sendo militar durante todos os outros segmentos de sua vida extramuros.

Às vezes tem muita coisa que é repetitiva, eles sempre fazem a mesma coisa, como às vezes você já sabe fazer uma coisa, ordem unida, mas eles sempre querem repetir. Às vezes já tá até bom, mas eles continuam fazendo a mesma coisa. Esse é um ponto negativo.(Soldado Y)

No entanto, sabemos que algo sempre escapa a esta segmentaridade linear que as formas de organização do trabalho, neste caso, a organização militar apresenta. Aquilo que escapa está diretamente relacionado às maneiras de ser, sentir e viver que o encontro de cada um com as formas de trabalho e vida faz operar, ou seja, pelo modo de produção da subjetividade.

Pelo meu ponto de vista o recrutamento foi muito tranquilo, aprendi bastante coisas que nunca tinha pensado que ia aprender, tive acampamento e tal, foi tranquilo, foi normal pra mim, num teve nada demais, foi tranquilo. (Soldado Y)

A maneira como cada soldado ou coletivo de soldados irá responder às vicissitudes oriundas da formação militar e da organização do trabalho em si, invariavelmente dependerá da história singular de cada um, bem como dos encontros com outras experiências, que garantirão um repertório original de interpretações para cada realidade encontrada.

Estas diferentes maneiras de produzir subjetividades podem oscilar, predominantemente, entre dois sentidos e que se apresentam, por vezes, de forma extrema: podem ocasionar alienação e opressão - já que o indivíduo pode se submeter às formas de vida vigentes tal qual a recebe, podemos relacionar à introjeção dos valores e normas de conduta das escolas de formação e da organização do trabalho. Ou ainda - criação e expressão de novos modos de existência - onde o indivíduo se apropria de componentes de subjetivação originais e produz um processo chamado por pelo autor de *Singularização*^{xvii}.

^{xvii} Idem, Ibidem, p.42

Você passa por alguns momentos que você diz assim ninguém liga pra gente, ninguém vê a gente, ninguém nos vê! O pessoal não liga, mas não é assim. Você para pra perceber bem, sem o soldado o quartel não existe, porque eu duvido que um major vai sair da sala dele pra poder vim fazer a guarda aqui. Se não tem a identificação na guarda, então o que seria do quartel sem o soldado? (Soldado K)

Segundo o autor esse processo se expressaria na “tentativa de produzir modos de subjetivação originais e singulares, processos de singularização subjetiva” (p. 54). Aquilo que o autor chamou de “revolução molecular” que são movimentos de resistência que se dá em vários níveis, pessoais, interpessoais e sociais, estabelecendo novas formas de sociabilidade e, vale ressaltar, não necessariamente num sentido progressista.

Segue um trecho onde GUATTARI & ROLNIK⁸ caracteriza o processo de singularização e que vai ao encontro de nosso estudo:

O que vai caracterizar um processo de singularização (que durante uma certa época, eu chamei de “experiência de um grupo sujeito”) é que ele seja automodelador. Isto é, que ele **capte os elementos da situação**, que construa seus **próprios tipos de referências** práticas ou teóricas, **sem ficar nessa posição constante de dependência** em relação ao poder global, em nível econômico, em nível do saber, em nível técnico, em nível das segregações, dos tipos de prestígio que são difundidos. A partir do momento em que os grupos adquirem essa **liberdade de viver seus processos**, eles passam a ter uma **capacidade de ler sua própria situação** e aquilo que se passa em torno deles. **Essa capacidade** é que vai lhes dar um mínimo de **possibilidade de criação** e permitir preservar exatamente esse caráter de **autonomia** tão importante. (grifos nossos p. 55)

No contexto militar, paradoxalmente, a produção de um coletivo é reafirmada não no sentido, apenas, de agrupamento de indivíduos, mas, também, em uma composição de forças, considerando tais forças ao modo do devir. A aceção de devir a que nos referimos diz respeito à produção incessante de processos de diferenciação.

Nesta direção, o devir não se reduz ao processo que transforma, por exemplo, uma criança em um adulto, ou seja, num vir a ser. O devir não é um vir a ser como se o Ser tivesse que ser alcançado. Não há Ser eterno do qual o devir seria a expressão. Isto porque não há ser estático já que no mundo onde tudo muda, nada é, exceto a mudança. Mudança, nesta direção, passa a ser sinônimo de devir.

Feita tais considerações e tomando o título do trabalho: Do dever ao devir – subjetividade trabalho e saúde no serviço militar obrigatório - o que importa-nos, também pontuar, é aquilo que escapa ao dever ser e viabiliza experiências pautadas em práticas (as possíveis) de liberdade e de inventividade.

Essa experiência, definida por Guattari, pode ser demonstrada na fala de um soldado:

A gente às vezes tem mania de ser soldado antigo querer fazer as mesmas coisas que a gente passou como recruta. Eu já não consigo ser assim, entendeu? Às vezes até tento, quero brincar com o recruta, mas não dá. Eu fico pensando naquele tempo, na minha época, eu não gostava, então não vou fazer. Se eu não tivesse passado por aquilo ali, aquela parte de sofrimento, ter alguém do lado pra me ajudar e tal, talvez não pensaria assim. Aí sim eu ia ser rude. (Soldado K)

Entrar em devir significa entrar numa rede de relações, é compor algo da ordem da diferença a partir dos encontros, “é encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade, de indiferenciação” (Deleuze apud DOREA, p.104)²².

Desta forma, ao trabalharmos com o conceito *Produção de Subjetividade* acreditamos que tal noção sustenta as questões que norteiam o presente trabalho nos auxiliando na apreensão dos modos pelos quais os jovens em serviço militar obrigatório experimentam a formação militar e o ingresso neste contexto de trabalho, inventando formas singulares de se fazer soldado. Ou melhor, inventar seus próprios processos de singularização produtores de saúde.

Além de nos ancorarmos nos pressupostos teóricos acima como ferramentas de análise do jovem no contexto militar e a tríade subjetividade, trabalho e saúde, pretendemos, primeiramente, resgatar o histórico da profissão militar, mapeando seus primórdios desde Grécia e Roma, na figura do guerreiro, passando pelo estabelecimento dos exércitos permanentes e a compreensão de seus pilares, a hierarquia e a disciplina.

Do mesmo modo, em nosso percurso apresentaremos o serviço militar obrigatório a partir de seu surgimento e o papel desempenhado por ele nos dias atuais.

CAPÍTULO II

A PROFISSÃO MILITAR: ORIGENS E PERCURSOS

Mais do que cálculo, de ação pensada, o guerreiro primitivo é algo bastante diverso, para não dizer antitético: tem instinto combativo, às vezes em estado puro. O herói se define como um ser solitário, inexoravelmente dedicado ao combate individual, à tensão singular, uma verificação que afronta sob um impulso e que sublima, por assim dizer, no momento supremo do duelo contra um de seus iguais; duelo enfrentado com uma espécie de estática embriaguez, que afasta de si o protagonista, não mais verdadeiramente compus sui. Essa segunda “alma” é o produto do menos, o ardor inspirado por um deus, e se traduz em lýssa, a fúria guerreira.

Giovanni Brizzi

Guerra e Paz formam um binômio complexo que acompanha toda a existência humana desde tempos imemoriais, e cada civilização atribuiu à uma ou outra maior protagonismo de acordo com valores e crenças subjacentes às suas tradições.

Esses valores e crenças podem ser entendidos como uma ideologia, categoria esta entendida aqui a partir de DUMONT²³ e que “*designa comumente um conjunto mais ou menos social de idéias e valores. Podemos, assim, falar de uma ideologia de uma sociedade e também das de grupos mais restritos, como uma classe social ou um movimento [...]*” (p.51)

A ideologia permeia as ações de uma sociedade e dá o tom das relações estabelecidas, e entre elas, estão as de poder. Segundo ARENDT²⁴, a “*forma extrema do poder resume-se em Todos contra Um, e a extrema forma de violência é Um contra Todos. E esta última jamais é possível sem instrumentos*”. (p.26)

A autora nos alerta ainda que entre muitos pensadores políticos, é quase unanimidade que o poder se estabelece definitivamente através da violência física. A violência, não somente no passado, mas também, contemporaneamente, tornou-se assunto recorrente, sendo um fenômeno usado para justificar atos de dominação

nas esferas políticas, econômicas ou religiosas e é comumente exercida através de seu instrumento mais conhecido, a guerra.

A guerra é a negação da palavra, do argumento. Ultraja a capacidade humana de resolver os conflitos por meio da tolerância e do diálogo, exigindo assim, a utilização da força para impor a vontade de uns sobre os outros por meio da violência.

Contudo, a guerra, segundo FOUCAULT²⁵(2005) foi o responsável pelo advento dos Estados, os quais emergiram do sangue e da lama das batalhas. A luta para vencer o inimigo, estabelecendo seus territórios, riquezas e poder atravessou a história das civilizações e forjou o aparecimento dos Estados e suas instituições.

Ainda, segundo o autor, seria possível uma inversão na premissa de CLAUSEWITZ²⁶ que afirma ser a guerra a continuação da política por outros meios, uma vez que a análise foucaultiana nos afirma ser o poder, ele mesmo uma manifestação das relações de força e sua análise deve ir além da alienação, cessão, contrato ou até mesmo recondução das relações de produção, exercidas pela imposição de vontade, e sim ser analisado antes e acima de tudo a partir do enfrentamento, do combate ou mesmo da guerra.

Neste caso, assevera o autor:

O poder político, nessa hipótese, teria como função reinserir perpetuamente essa relação de força, mediante uma espécie de guerra silenciosa e de reinseri-la nas instituições, nas desigualdades econômicas, na linguagem, até nos corpos de uns e de outros. Seria, pois, o primeiro sentido a dar a esta inversão do aforismo de Clausewitz: a política é “a guerra continuada por outros meios” isto é, a política é a sanção e a recondução do desequilíbrio das forças manifestado na guerra. (p.23)

Neste sentido, na leitura foucaultiana a teoria da guerra seria “o *princípio histórico do funcionamento do poder*” e o mesmo estaria intrinsecamente atrelado à política.^{xviii}

^{xviii} Idem, *Ibidem*, p.26.

É notório, a partir deste preâmbulo que o fenômeno da guerra é um assunto controverso e complexo, que permeia o entendimento contemporâneo dos conflitos armados e de suas causas, mas aquilo que consideramos mais importante neste contexto ainda não foi desvelado: o homem. Uma vez que a visibilidade do guerreiro se dá no cenário do conflito, qual o papel que o homem, o cidadão, o soldado desempenhou nos episódios de combate que forjaram o nascimento dos Estados-Nação? Como foi a sua participação na construção desta história e o quê o soldado do contemporâneo traz em si que pertenceu aos guerreiros do passado?

Na antiguidade, mais precisamente na civilização greco-romana, encontramos a origem dos grandes guerreiros, e o propósito deste capítulo é o de resgatar suas origens e seu papel nos grandes combates travados na Antiguidade clássica, a partir de uma contextualização sócio-histórica, particularmente na Grécia e Roma.

Pretende-se chamar a atenção para algumas características entendidas como cruciais para alcançarmos um de nossos objetivos no presente trabalho, ou seja, conhecer as origens do que chamamos serviço militar, e em particular, o significado de ser soldado em épocas tão remotas, buscando para tanto a compreensão da lógica engendrada na defesa dos Estados através dos combates na Antiguidade.

Ao emprendermos um estudo sobre os guerreiros em suas origens, faz-se mister compreender os modos de vida da civilização grega e romana, para então identificarmos a diferença entre um e outro e como isso influenciou na concepção atual do que é ser soldado.

Para ilustrar esses modos de vida capturados pela conquista das civilizações gregas pelo Império Romano, segue um trecho onde ARIÈS & DUBY²⁷ nos esclarece:

Assim, pois, quando se inicia a presente história, uma civilização universal (na medida do universo então existente) reina de Gibraltar ao Indo: a civilização helenística. Um povo à margem, também helenizado — os romanos —, conquista essa área cultural e acaba de helenizar-se. Pois decide participar dessa civilização que não via como estrangeira e grega, mas como a própria civilização, da qual os gregos foram apenas os primeiros detentores; e os romanos estavam determinados a não lhes deixar a exclusividade. Roma tornou-se grega, exatamente como o Japão contemporâneo se tornou um país do Ocidente. [...]Tal é a base de nossa história: um velho império abolido. (p.13)

Essa descrição nos dá indícios de como era o momento vivenciado pela civilização greco-romana a partir da conquista do império romano. As tradições helênicas foram preservadas nas cidades gregas conquistadas e absorvidas, por assim dizer, pelos romanos. Um ponto interessante a ser considerado nesse contexto, é a educação.

Segundo os mesmo autores, os meninos, a partir dos doze anos, se pertencessem à classes abastadas, já estudavam autores de clássicos e mitologia. Mas este conhecimento não valia para aprendizado de algum ofício, nem mesmo para melhor compreenderem a sociedade em que viviam, mas simplesmente para *“adornar o espírito, para se instruírem nas belas letras”*^{xix}.

Neste aspecto, nota-se que a educação em Roma privilegiava, sobretudo a retórica, pois, segundo Nilsson apud ARIÈS E DUBY²⁷, *“a escola romana é produto de importação e, como tal, permanece separada da rua, da atividade política e religiosa, a escola grega constituía parte da vida pública”*(p.32). Além disso, nenhum aluno romano poderia se considerar culto se não aprendesse a língua e literatura gregas, ao passo que para os gregos pouco importava aprender o latim, só passando a fazê-lo metodicamente quando assumiam carreiras de juristas na administração principal.^{xx}

Este posicionamento nos dá indícios sobre a maneira como gregos e romanos encaravam a vida, os costumes, as tradições, a sociedade e de que forma tais comportamentos influenciaram também na natureza combativa de cada civilização.

2.1. Guerras e guerreiros – de Grécia a Roma

Segundo VERNANT²⁸ (2002), *“não se pode falar de homens fora dos grupos nos quais esses homens estão inseridos, fora do seu contexto social preciso[...]”*,

^{xix} Idem, Ibidem, p.31

^{xx} A escola grega ministrava aulas em Ginásios, onde se ensinavam matérias como: a língua materna, Homero, a retórica, um pouco de filosofia e música, além é claro de ginástica. Desta forma, a educação grega caracterizava-se por ser de caráter público, privilegiando a cultura grega, a música e a ginástica.

dentro desta lógica, não há como compreender a natureza do guerreiro grego sem transitar por seus modos de viver, sentir e pensar a vida social e política, particularmente do séc. VIII a IV a.C. (p.54)

BRIZZI²⁹ nos aponta que para o combatente grego a guerra era condição da vida humana, sendo ela inevitável, traduzindo-se em parte essencial da vida. Mesmo assim, a guerra não era exaltada, de forma que era preferível *“auxiliar a natureza, confiando sobretudo no ‘uso da força’ e recorrendo a ‘uma luta aberta’, visível e leal”*. (p.09)

Além disso, segundo este mesmo autor, o pensamento grego em relação à guerra era pautado, não só no uso da força, mas no uso da inteligência para vencer o inimigo, mas de forma leal e justa. Todavia, outras práticas de guerra também eram exercidas desde o início da era helênica e as mesmas utilizavam *“estratagemas e emboscadas’ que os tornassem capazes de ‘utilizar o modo mais inteligente as alternativas que se apresentavam no momento”* (p.09). Isso tudo se transformou num embate constante sobre qual postura adotar diante do inimigo, ser leal ou astuto?

Para o pensamento militar grego o mais importante não era somente a força combativa individual do guerreiro e nem mesmo a superioridade técnica do exército, o imprescindível era força das idéias e dos valores profundos que moldavam e, ao mesmo tempo refletiam a própria cultura helênica.

Desta forma, as vitórias resultantes da engenhosidade utilizada por algumas civilizações gregas, como Esparta, por exemplo, passaram a ser mais valorizadas do que aquelas, frutos da aplicação simples da força, como demonstrado no trecho a seguir citado por Plutarco apud BRIZZI²⁹:

[...]em Esparta, o general que atingiu o seu objetivo mediante a astúcia ou a persuasão sacrifica um boi, ao passo que aquele que venceu com o uso das armas sacrifica um galo. Os espartanos, de fato, embora sejam bastante belicosos, acham melhor e mais conveniente vencer através da eloquência e da sagacidade que por meio da força e dos valores. (p.10)

Embora caucada nas origens da cultura grega, o uso destas “artimanhas” nas batalhas, antes consideradas moralmente inadmissíveis ou pelo menos reprováveis,

foram admitidas plenamente pelo costume espartano “*não apenas a peithó, persuasão, mas também apáte, astúcia.*”^{xxi}

Projetava-se então uma combinação entre o herói solitário, a fúria guerreira e a dimensão “inteligente” da guerra, “*expressa simbolicamente na sinergia surgida da união entre Ulisses e Diomedes, que aparecia como a síntese primeira e mais autêntica da excelência bélica*”^{xxii}.

Nestes termos, o guerreiro ideal surge da junção dos valores combativos de Diomedes e da racionalidade de Ulisses. A guerra perde, assim, sua dimensão individual e ganha caráter coletivo.

Como salienta BRIZZI²⁹,

Desse novo gênero de luta se encarrega não mais o príncipe homérico, o herói-vate provisto de características excepcionais, mas de uma corporação de iguais – iguais (e isso é essencial) também sob o plano político – proprietários. Nesta corporação entra qualquer um que tenha os meios para se prover da armadura necessária; dessa maneira a guerra é confiada agora essencialmente a um grupo compacto de homens, os *hoplitas*, armados pesadamente para ser capazes de sobreviver ao embate entre duas formações cívicas que se enfrentam em condições cerradas. (p.13)

Esse novo gênero de luta privilegia os pequenos proprietários de terra e agricultores de toda sorte que ao verem a possibilidade de se armar, também teriam acesso às decisões comunitárias, exercendo assim o seu direito de cidadão e aumentando, assim seu prestígio social e força política.

Surge, então, um novo segmento de combatentes - soldados-cidadãos ou hoplitas. Tal fato desencadeia uma mudança na conduta do soldado e no próprio conceito de guerra, uma vez que essa nova figura, o *hoplita*, com sua principal arma, o *hóplon*, um escudo argivo que auxiliava na proteção não só de si próprio como do companheiro a sua esquerda, inaugura uma nova forma de combate e de percepção do soldado.

^{xxi} Idem, Ibidem, p.10.

^{xxii} Idem, Op.cit., p.12.

Diferentemente do herói homérico, que tinha maior mobilidade, tanto para se desvencilhar do ataque do inimigo, como para fugir, o *hoplita* luta inserido em fileiras, não podendo abandonar seu posicionamento e armas sem comprometer a solidez da formação, ou seja, “*sem trair os companheiros de linha*”^{xxiii}.

Assim, a instituição da falange hoplita, a partir da metade do século VII a.C, simboliza o surgimento do espírito de corporação, e conseqüentemente, a nascente do conceito de disciplina. Esses soldados se submetiam a uma regra comum, uma vez que fazia parte da tática hoplita, manter-se posicionado em um posto definido nas filas e dali não sair a qualquer custo, deslocando-se juntos contra o inimigo, dando início a cada manobra como se fosse um só homem. Tais comportamentos foram denominados *táxis*, ordenamento, ou “*mas em geral, de ordem, entendida sobretudo como atitude mental – tanto que o termo eutaxia passa a definir a disciplina.*”^{xxiv}

Nestes termos, alia-se à técnica de manter-se fixo na posição assumida, garantindo a ação coletiva eficaz, valores éticos como disciplina, ordem, espírito de corporação. A partir daí o controle de si, agregados aos valores éticos distinguem o guerreiro homérico, tomado pela *lyssa* (fúria guerreira) do soldado hoplita. O bem coletivo supera a glória pessoal e a coesão se traduz como principal pilar da falange.

Para VERNANT²⁸ (2002) o surgimento da Pólis, entre os séculos VIII e VII a.C., imprime profundas mutações na civilização grega e a principal delas é uma “*extraordinária proeminência da palavra sobre todos os instrumentos de poder*” (p.53)

A Pólis possibilitou, neste sentido, maior participação do povo nas decisões políticas através de sua inserção nos segmentos militares – segundo GODOY³⁰ “*faz coincidir o soldado com o cidadão que tem seu lugar na formação militar da cidade do mesmo modo que em sua participação política*” (p.10).

^{xxiii} Idem, Op.cit., p.13.

^{xxiv} Idem, Op.cit., p.14.

A palavra é, a partir de então, a mola mestra das decisões e se concretiza no debate contraditório, na argumentação, na discussão sempre dirigida a um público que irá decidir, como um juiz, o poder de persuasão do discurso, garantindo a vitória para um dos oponentes. A participação na vida política se amplia, assim, segundo GODOY³⁰ “*a todos os cidadãos, que deixava de ser uma prerrogativa da aristocracia - representada pela elite militar – mas por um corpo mais alargado da sociedade que inclui também a **demos***” (Grifo do autor, p.10).

Contudo, tendo sido o séc. V a.C um período de longas guerras como a Greco-Pérsica (490-479 a.C) e a de Peloponeso (431-404 a.C.), aqueles que não tinham terras, ou que as havia perdido, foram motivados a buscarem nas guerras um meio de adquirir recursos financeiros combatendo como mercenários.

Neste sentido, DUARTE³¹ sinaliza que apesar da condição de soldados-cidadãos ter garantido o poder político legítimo, através da democracia participativa direta – direito este conquistado pelo direito de lutarem nas falanges, desde que custeassem suas armaduras - estes eram subjugados pelas diferenças sociais infringidas pela violência estrutural, e em consequência, tornaram-se soldados-mercenários.

Sobre soldados-cidadãos e soldados-mercenários, Aristóteles apud CARRIÇO³² via,

nos primeiros mais virtudes, pois o seu apego à terra levava-os à exponenciação de qualidades como a coragem, a motivação, o dever, o patriotismo, e acima de tudo a crença numa causa. Os militares profissionais eram melhores matando do que morrendo, sendo os primeiros a fugirem quando em inferioridade numérica, pois nada tinham que os ligasse ao Estado que lhes pagava. (p.03)

Neste caminhar, a valores que alicerçavam a crença do guerreiro grego e sua conduta foram sendo desterritorializados, o *ethos* guerreiro desta forma, foi sendo substituído, gradativamente, pela figura soldado cidadão, que pelas pressões sofridas de diversas ordens foi se afastando alhures dos valores e crenças que balisavam a sua participação nas lutas e posteriormente, cederam lugar aos soldados-mercenários.

A maneira de guerrear dos gregos foi de certa maneira absorvida pelos romanos, uma vez que o modelo militar helênico na figura da falange hoplítica aparece vitorioso em todo o mundo mediterrâneo, embora o dilema entre “o heroísmo como força que sublima, afastando o homem de si mesmo e forçando-o a superar sua natureza e seus limites; e a disciplina, como adesão incondicional ao coletivo, é obviamente percebida no oriente” (BRIZZI, p.31)²⁹.

A legião romana tem suas origens na falange hoplítica e vincula a cidadania ao patrimônio, à riqueza fundiária, ou seja, a defesa da *res pública* ficava atrelada ao patrimônio em terra que cada um possuísse. Essas diferenças de patrimônio se refletiam no percentual de recrutados, no armamento e sobre a tática das diversas classes que compunham o exército. É importante salientar que os chamados *capite censi* ou *infra classem*, que eram os proletários ou não proprietários de terras, eram exonerados do serviço militar, embora formassem um percentual grande da população.

Embora inspirados pelas falanges hoplíticas, as legiões sofrem modificações e adaptações o longo do tempo e acabam por mesclar as virtudes combativas individuais com as formações coletivas mais cerradas de suas estruturas, e a partir do séc.III a.C à legião assume uma formação definitiva, a predileção pelo coletivo, mas ainda, alternando com o combate individual.

A *fides* é definida como comportamento correto e leal e é o pressuposto teórico essencial a todo o tipo de relação, privada ou pública, do romano. A *fides* está relacionada com a mão direita, que constituía assim o santuário corpóreo, assim,

o recurso a ela como penhor de todo empenho, como trâmite de toda a ação que exprima a vontade de assumir uma obrigação comportamental de qualquer gênero em direção a uma contraparte, é uma constante simbólica que transcende largamente os próprios limites do mundo romano. (BRIZZI, p.31)²⁹

Os romanos estabeleceram em torno da *fides* toda a concepção de relacionamento entre os povos, incluindo a guerra como um momento, embora atípico, afeito às mesmas regras. Isso pode ser ilustrado, por exemplo, nas

declarações de guerra e abertura de combates que seguiam uma rigorosa série de cautelas, morais e procedimentos que tinham como objetivo a ética e o apoio dos deuses nas batalhas.

Embora o conflito seja pura violência e na sua forma mais brutal a *fides* deve ser exercida não só antes da batalha, mas em seu transcorrer e em seu final, sendo rechaçada qualquer forma fraudulenta de combate.

As legiões, desta forma, representam o retrato da sistematização da experiência grega de guerra, dando a ela uma noção mais instrumental e o soldado como arma do Estado. Os legionários ocuparam, desta forma, o ápice do poder romano e da superveniência do Estado, a partir de treinamento sistematizado da tropa e aplicação extrema da força sobre o inimigo, garantindo assim o estabelecimento do império. Segundo CARRIÇO³², o “o soldado romano era treinado para a guerra, e para uma guerra em escala crescente” (p.04)

Inicialmente, as legiões empregaram os mesmos métodos que as falanges gregas, no entanto, com o tempo, resolveram subdividirem-se em corpos – cortes e manípulos. Tal decisão visou dar mais poder ofensivo e mobilidade a partir de unidades táticas menores dentro do exército, tendo sua superioridade comprovada diante de várias vitórias sobre as falanges.

Cabe ressaltar que César, imperador de Roma, formou uma “*corrente de comando que valorizava pela primeira vez os quadros intermediários do exército*” (BRIZZI, p.92)²⁹.

As mudanças foram na composição e na natureza do exército, que passou a recrutar os mais humildes, abrindo assim a lista de convocação aos *proletarii*, para suprir a crise instaurada há tempos de baixo número de proprietários capazes de serem recrutados. Um progressivo desencanto pelo serviço militar, levou então o senado a baixar o patrimônio mínimo para fazer parte da V classe, que caíra de 4000 homens para 1.500.^{xxv}

^{xxv} Idem, Ibidem, p.92.

A decisão de tornar voluntária para os não proprietários o alistamento teve duas conseqüências: uma positiva, pois no seio do exército estariam aqueles que escolheram a vida das armas como uma oportunidade melhor, diferentemente daqueles que, arrancados de suas famílias e de seus afazeres viam no serviço militar um estorvo, pretendendo sempre que possível livrar-se dele.

A outra, negativa, já que eram chamados às armas aqueles que faziam do serviço militar uma profissão e cujo medo de perder seu meio de subsistência corromperia sua relação com o Estado, lutando por qualquer causa em troca da permanência em serviço. Ou ainda, estabelecendo relações de clientelismo, chegando até mesmo *“a solicitar a formação de um verdadeiro sistema de pensão que assegurasse àqueles que chegassem ao fim da empresa uma velhice tranqüila”*.^{xxvi}

Quanto a essa situação, MAQUIAVEL³³ assinala:

Quanto aos soldados, embora tivessem a mesma disposição, parece que todos preferiam não prestar serviço militar; quando o prestavam, ficavam aspirando a ser licenciados. É o que se depreende de muitas observações, sabendo-se sobretudo que um dos primeiros privilégios concedidos ao cidadão romano era o de não ser obrigado a servir no exército contra a sua vontade. Vê-se, portanto, que, enquanto Roma se manteve bem organizada – isto é, até o tempo dos Gracos –, ninguém a serviu como militar mercenariamente. (p.110)

Diante do exposto, podemos observar que a trajetória do guerreiro grego ao soldado mercenário foi marcada por mudanças políticas, econômicas e sociais de seus estados, sendo a guerra o instrumento utilizado para romper ou consolidar o poder existente.

Vimos que o soldado da época clássica sempre desempenhou papel decisivo na vida política do Estado, uma vez que fazer parte do exército era também exercer a cidadania, ter voz, fazer-se presente nas decisões da *polis*.

^{xxvi} Idem, Ibidem, p.93

Por outro lado, percebemos que dos princípios da vida militar, a disciplina tem raízes no exército clássico com a falange *hoplita*, bem como o espírito de corpo e a *fides* romana, elementos presentes na formação da instituição militar e aplicada ao soldado contemporâneo.

2.2. A origem dos Exércitos

Conheceremos a partir de agora como foram constituídos os exércitos permanentes na Europa, cujo modelo foi reproduzido pelo Brasil Império. Neste estudo, privilegia-se a composição das fileiras do exército e o papel da instituição nascente vislumbrando sua crescente importância no cenário político do Estado.

LEIRNER³⁴(1997) ilustra que suserania e vassalagem determinavam as diferentes camadas sociais na sociedade europeia na idade média e a linhagem era fator primordial para distinção social.

Esta característica, de certa forma, pode ser considerada como origem da hierarquia militar. A posse da terra era o determinante social de um indivíduo, localizando-o em determinado grau hierárquico. A nobreza pertencia à classe guerreira, lugar determinado não por sua grande capacidade combativa, mas pela necessidade de manter sua posição defendendo as terras do suserano ao qual devia seu cargo. As classes sociais eram cristalizadas, mantendo dessa forma, um equilíbrio de forças que atravessava a hierarquia estamental.

Para o autor, *“a ordem militar’ estava intrinsecamente associada à ordem privada, ou melhor, aquela era uma expressão ipsis litteris desta, não sendo possível, até mesmo, falar-se numa ‘ordem militar’ autônoma”*. (p.54)

Esse equilíbrio na hierarquia estamental não se mantém por muito tempo, pois mudanças de ordem econômica transformam o cenário até então desenhado. Os grandes suseranos começaram a concentrar todo volume de impostos em suas mãos, além da posse das terras, e dessa forma poderiam *“contratar mais guerreiros do que qualquer outro; pela mesma razão, tornava-se menos dependente dos*

serviços de guerra que o vassalo feudal era obrigado a prestar-lhe em troca da terra com a qual fora agraciado". (Elias apud LEIRNER, p.54)³⁴

Situação análoga àquela vivida na antiguidade clássica pelos gregos e romanos sem patrimônio fundiário que eram impedidos de adentrar nas fileiras militares, caso não tivessem condições de prover suas armaduras, lanças ou escudos.

A partir daí, a nobreza guerreira foi reduzida a oficiais de tropas plebéias, uma vez que os mesmos precisavam ser remunerados diante da incapacidade de pagar os altos impostos e o acampamento de suas terras; este destino era o mais comum, contudo, outros não tinham a mesma sorte e enveredavam pelo roubo e violência ou então vendiam suas propriedades (Elias apud LEIRNER)³⁴.

O percurso histórico de formação dos exércitos permanentes tem o caráter de contextualizar as bases que forjaram a configuração atual da instituição militar e que se traduz neste estudo como campo de trabalho e análise.

Neste sentido, segundo CARVALHO³⁵, a trajetória histórica que descreve a fase inicial da formação dos exércitos permanentes demonstra uma íntima relação do exército com a estrutura de classes da sociedade e tal recrutamento teve conseqüências políticas importantes, pois fazia a distinção entre a classe politicamente dominante representada pela nobreza e os praças, caracterizados pelos camponeses.

Desta forma, torna-se inegável admitir que a origem dos exércitos europeus esteja intrinsecamente ligada a uma nova configuração das formas feudais de organização social, onde os elementos que condicionam o imobilismo estamental, ou seja, a hierarquia fosse preservada.

A formação do exército Português, tal qual o restante da Europa ao longo do século XV, obedece a uma estrutura formada pela "oficialidade" composta pelos nobres cujas rendas se esvaíam à medida que crescia o poder do Rei e a burguesia que buscava nos feitos de guerra adquirir títulos de nobreza, ou seja, o exército profissional tinha sua base na "*nobreza destituída*". (LEIRNER, p.56)³⁴

Para CARVALHO³⁵ tal estrutura do exército português foi mantida no Brasil, mesmo após a independência uma vez que, tal processo se deu sem lutas ou mobilização militar da população, e permitiu assim que em nossas terras se preservassem as tradições européias de maneira mais contundente que no restante dos países latino-americanos.

Nos países onde o processo de independência exigiu uma mobilização militar mais intensa a população foi recrutada em todos os níveis, *“democratizando-as de certo modo, reduzindo seu nível profissional e tornando-as instrumento fácil de manipulação política.”* (CARVALHO, p.15)³⁵

É interessante notar que com a expansão marítima de Portugal, através das Grandes Navegações, houve uma realocação de recursos para as armadas navais, baseada na mesma forma que na força terrestre na arregimentação da nobreza de baixa renda, assim o recrutamento a partir de então *“passava a ser forçado ou voluntário com pagamento de soldo pelos cofres da Coroa”*. (LEIRNER, p.58)³⁴

Como conseqüência de um reduzido efetivo terrestre que fosse capaz de garantir a defesa nas Colônias, Portugal estabelece um novo arranjo militar no Brasil, delegando poderes administrativos e políticos aos senhores de terras que passaram a ser autoridade pública, investida inclusive, do poder militar. Surge assim, a figura do “coronel”.^{xxvii}

Este quadro denota uma estrutura militar brasileira com uma ruptura em sua composição, pois de um lado havia o recrutamento dos “nativos”, resultado da incapacidade apresentada por Portugal de suprir de homens a armada com presença em todo o território, e de outro, o Comando, composto exclusivamente pela nobreza portuguesa. Neste contexto, as tropas se dividiam em primeira, segunda e terceira linhas.

^{xxvii} Segundo Leirner (1997), esse tipo de arranjo militar se caracterizou basicamente pela presença de esquadras vindas de Portugal, a composição de uma força terrestre comandada pelos colonos donos de terra e a arregimentação de grandes efetivos entre populações tribais e escravas. Devido à extensão do território brasileiro e às tentativas de invasão francesas e holandesas a legislação atribui aos colonos deveres militares e ao mesmo tempo, o poder público metropolitano deve dar o suporte com forças próprias e recursos. (p.58)

Segundo este autor, a primeira linha era composta pela nobreza portuguesa; a segunda, mais conhecida como milícias eram formadas por brasileiros nativos, não-nobres portugueses que aqui viviam e, “*principalmente, comunidades formadas a partir da experiência de guerra, sobretudo com a Holanda, incluindo negros e índios*”. Havia ainda uma terceira linha, chamada de ordenanças, com características também milicianas, cuja mobilização era prevista apenas em casos emergenciais. (p.62)

FAORO³⁶ (2001) assinala:

O oficial, preparado para a guerra nas escolas abertas somente à nobreza, não se especializava em atividades militares, servindo em todas as funções de comando político.[...] Bastava, para legitimar-se ao título de *cadete*, o sangue ilustre, abrandada a exigência, no curso do tempo, para a ocupação nobilitadora do pai, equiparados os títulos universitários à nobreza. (p.559)

O hiato estabelecido entre o *staff* burocrático da metrópole, representado pela nobreza na primeira linha de comando, e as milícias fez brotar desta linha “nacional”, por assim dizer, um sentimento de não pertença ou não submissão ao poder estamental português, neste sentido, a lealdade passa a estar presente na tropa e *não nas relações entre militares, como súditos, e o rei*.

Diante disto, ao longo do século XVIII e XIX vemos tropas belicamente eficazes, mas que, no entanto, quebram seu pacto de lealdade à Portugal e promovem várias reações como a Guerra dos Emboabas, dos Mascates e Inconfidência Mineira que denotam o gradual rompimento com a Corte Portuguesa. (LEIRNER, p.63)³⁴

Inaugura-se, a partir de então, um novo princípio hierárquico estruturante, mais independente e que passa a desvincular o status social das funções bélicas e, mesmo os critérios de nobreza estando ainda presentes, foram cedendo lugar de forma gradual a essa nova configuração do Exército. Conforme nos apresenta Costa apud FAORO³⁶:

[...]um poderoso fator de diferenciação para a sociedade daquele tempo. [...] a população livre desprovida de recursos estava emparedada, de um lado, pela classe dos senhores rurais, de outro, pelos escravos, sem maiores meios portanto de ascensão social. Agora, enquanto os moços das famílias

abastadas em regra davam preferência às profissões liberais, indo se formar bacharéis na Universidade de Coimbra ou em outras capitais do velho mundo e retornando de espírito mais arejado para a compreensão dos problemas políticos e sociais, os moços pobres, os mulatos procuravam as fileiras do exército, para se fazerem oficiais. (p.560)

O Exército alcança desta forma, um caráter híbrido, com um sistema hierárquico onde o elo que liga as patentes, a disciplina, determina a lealdade à tropa, ao corpo.

Entre 1809 e 1820 disposições legais *“ampliam a faculdade de se alistarem cadetes aos filhos de oficiais de forças de linha e das milícias, bem como das ordenanças e de pessoas agraciadas com o hábito de ordens honoríficas”*. (Carvalho apud LEIRNER, p.63)³⁴

É importante salientar que a partir de 1831 vários eventos iriam provocar até a proclamação da república em 1889 uma mudança no *status quo* vigente nos campos social, político e econômico no Brasil, destacando-se neste cenário o Exército no papel de articulador e protagonista da mudança de regime político no país. O processo de consolidação do Estado Nacional brasileiro está intrinsecamente ligado à evolução filosófica e política do Exército.

Não é intenção neste capítulo tecer uma análise minuciosa do período imperial ou republicano, mas apenas destacar em que medida o contexto histórico vivenciado pelo Brasil na segunda metade do século XIX aliado às influências européias, tanto na esfera política como econômica, propiciaram que o Exército se estabelecesse como braço armado do Estado, fortalecendo-se neste período a partir da *“própria evolução interna da instituição, de sua experiência histórica e das transformações que se operam na sociedade brasileira.”* (NOGUEIRA, p.82)³⁷

Para acompanharmos tais transformações não poderíamos deixar de evidenciar a Guerra do Paraguai (1864-1870) como marco histórico fundamental para a compreensão das transformações que a partir dali marcariam a instituição e o seu papel na política brasileira.

Nas palavras de FAORO³⁶:

A década de 80 encontra um Exército coeso nos seus desgostos e reivindicações, espiritualmente estruturado em valores tradicionais, já consagrados em Caxias, o Caxias símbolo e não o militar. A guerra do Paraguai vertera sobre a corporação, apesar das inquietações civis, uma auréola de prestígio, os militares cobertos de glória, de trabalhos e de cicatrizes. (p.567)

Este momento para o Exército foi de extrema relevância, uma vez que reuniu os elementos necessários para a formação de um corpo especializado de combate, a vivificação de um espírito de corpo e a elaboração de normas e regras próprias. Uma conduta de “auto-estima” perdida durante um bom período para a Guarda Nacional^{xxviii} foi sendo fortalecida já que o Exército vinha ocupando posição secundária, à margem do Estado, alijado de um papel político. Este estado de coisas impulsionou uma solidariedade interna do exército e o impedimento de sua ascensão e expansão social, forjou “*valores novos, estranhos ao contexto comum, reivindicatórios e críticos*”.^{xxix}

Para NOGUEIRA³⁷ a evolução interna do Exército também está intimamente associada à expansão do modo de produção capitalista no Brasil que, juntamente com as conseqüências advindas da guerra, imprimem um novo papel político para a instituição.

Como já foi assinalada, a guerra suscitou o aparecimento de uma instituição militar mais forte e coesa, sustentada na ordem e no espírito de corporação. Houve também uma aproximação maior entre o Exército e o Estado, aliada à queda da Guarda Nacional o que elevou a instituição a um patamar, segundo o mesmo autor, “*privilegiado e decisivo na sociedade, como instrumento do estado e, ao mesmo tempo, como seu principal sustentáculo.*” (p.84)

^{xxviii} Leirner (1997) assinala que a Guarda Nacional, criada em 18 de agosto de 1831, foi o principal instrumento de defesa organizado pelos grupos dominantes para a manutenção da ordem e do poder. Para Costa (1957), a Guarda Nacional “será durante todo o Império um exército mais ou menos civil e político ao lado do exército brasileiro”, ficando esta instituição enfraquecida e cuja insignificância deixou marcas profundas na experiência militar brasileira. (apud Nogueira, 1977, p.82)

^{xxix} Idem, ibidem, p.564.

O contato com o Uruguai e a Argentina na guerra proporcionou ao Brasil o acesso ao mundo além de suas fronteiras, reavivando no cerne do Exército o ideal republicano até então adormecido e repercutindo mais vivamente as grandes correntes intelectuais da época. (Bello apud NOGUEIRA, p.84)³⁷

Houve também uma alteração na composição social do Exército agregando egressos da camada média^{xxx} da sociedade e a inclusão de libertos e escravos. Ao retornarem da guerra estes últimos, imbuídos de um novo espírito não veriam o regime escravocrata com os mesmos olhos de antes e a partir daí analisariam tal sociedade de forma mais ampla e, tal postura, também seria adotada pela oficialidade.^{xxxi}

Em 1874 foi criada a Escola Militar da Praia Vermelha, com o objetivo de ser o centro formador de bacharéis-militares e celeiro de novas idéias, principalmente de cunho positivista que embasava filosoficamente a República. Peregrino apud NOGUEIRA³⁷ nos aponta que a origem social dos jovens ingressos nessas escolas era da camada média da sociedade que *“não desfrutavam condições econômicas que lhes permitissem enfrentar os dispendiosos estudos através dos quais se aparelhavam as elites provenientes da abastada burguesia rural”* (p.84)

Inicialmente restrito ao círculo militar e ao apostolado, o positivismo de Comte influenciou fortemente a atuação política do Exército e foi absorvida por diversos grupos na sociedade brasileira como base doutrinária. Seu principal representante no seio do Exército foi Benjamin Constant. O avanço do capitalismo e seu reflexo no progresso tecnológico e industrial, fizeram com que novas idéias fossem aceitas mais facilmente por grupos que estavam se projetando socialmente.

O positivismo incursiona, assim, o pensamento militar, e segundo NOGUEIRA³⁷,

[...] permitiu que a jovem oficialidade ‘assumisse’ uma atuação política e se insubordinasse ao cumprimento passivo do dever militar. Em outras

^{xxx} Das camadas médias faziam parte, na época considerada, pequenos comerciantes ligados ao mercado interno, funcionários e intelectuais, militares e profissionais liberais.

^{xxxi} Idem, op. cit, p.86

palavras, esta doutrina e sua influência na educação militar estimularam o que Eduardo Prado chamaria de 'furor politicante, discursante e manifestante' do Exército. (p.95)

Ainda segundo este autor, tal cenário propiciou, igualmente, a *“tomada de consciência, por parte dos militares, da necessidade de impulsionar a industrialização e o desenvolvimento tecnológico do país”*, quesitos fundamentais para a modernização e o aparelhamento das forças armadas (p.85).

O capitalismo tardio prejudicava o processo de industrialização no Brasil, haja vista, a persistência na manutenção de um sistema econômico baseado ainda no estágio agrário exportador. Contudo, mesmo sendo o desenvolvimento capitalista na segunda metade do século XIX lento e irregular, irrompem profundas mudanças em algumas áreas da economia como a cafeicultura em São Paulo, as atividades ligadas ao mercado interno, à vida comercial e urbana, a mercantilização da força de trabalho e uma expansão das atividades econômicas no país.

NOGUEIRA³⁷ ressalta que os grupos sociais em ascensão, camadas médias da sociedade e a burguesia cafeeira como também a urbana, detentoras de atividades econômicas em forte crescimento passaram a reivindicar maior participação no poder.

O Exército, por sua vez, passa também a ter um peso importante nas decisões políticas e reflete, neste contexto, a luta de classes engendrada no contexto econômico-social da segunda metade do século XIX no Brasil.

A proclamação da República em 15 de novembro de 1889 resultaria em uma fusão e uma ruptura: a fusão de dois grupos distintos; um composto pela juventude formada com base positivista na escola militar e que entrava com as idéias revolucionárias, e por outro lado, os “velhos” cujo símbolo era Deodoro da Fonseca, com a corporação.

Concomitantemente, este evento resultou também da ruptura no interior das classes dominantes até então vigentes no regime monárquico. Tal regime impedia ou pelo menos dificultava a expansão do capitalismo no Brasil, e embora a República tenha trazido a mudança política, tal acontecimento significou apenas

uma “rearrumação” do Estado, agregando ao poder, juntamente com os velhos setores dominantes, a burguesia emergente.

Mudanças sociais profundas começam a eclodir a partir da consolidação do capitalismo no país, alavancadas pela mudança de regime político e da progressiva inclusão da burguesia nas esferas de poder. Emerge a figura do proletariado, inflado pelo fim do trabalho escravo, como novo protagonista capaz de interferir no jogo de interesses já estabelecido.

Segundo NOGUEIRA³⁷ o papel do Exército, neste contexto, pode ser compreendido a partir de quatro pontos:

- a) A guerra do Paraguai fortaleceu sua existência enquanto corporação;
- b) Sua relação com o Estado foi redefinida após o fim da guerra, tendo o Exército adquirido o monopólio legal da força e com isso revigorado enquanto influência no cenário político;
- c) A nova composição social do Exército favoreceu sua aproximação de setores diversos da sociedade, o que facilitou a avocação de alguns interesses destas categorias como seus.
- d) A educação militar da oficialidade com forte influência positivista.

Diante do panorama de constituição dos exércitos permanentes, particularmente a trajetória da formação do exército brasileiro e sua participação na estruturação do Estado republicano, teceremos algumas considerações sobre a profissão militar tendo como base o contexto histórico traçado até aqui.

2.3. Considerações sobre a profissão militar

A Instituição militar é classificada de acordo com Goffmann apud CASTRO³⁸ (2007) como instituição total, conceito este que designa “*um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante,*

separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, leva uma vida fechada e formalmente administrada.” (p.01)

Contudo o autor acima esclarece que Goffmann trata mais especificamente de instituições de participação compulsória como manicômios e prisões, muito embora os hospitais e quartéis também se enquadrem na mesma classificação. No caso das academias militares a permanência não é forçada, mas no caso do serviço militar obrigatório uma vez que o jovem seja designado, deverá permanecer compulsoriamente em serviço, caso contrário poderá responder pelo crime de deserção.

O autor dá continuidade ao seu raciocínio propondo uma mudança de nomenclatura de Instituição *total* para o que ele chamou de *totalizante*. Esta classificação, segundo o autor se justifica por caracterizar melhor “*a experiência totalizadora e básica para a identidade militar*” (p.05).

Essa experiência totalizadora refere-se à característica fundamental que diferencia o “mundo militar” do “mundo civil”, qual seja, a superioridade do coletivo sobre o individual. Esta primazia estabelece um extremo entre o “aqui dentro” e “lá fora” à medida que é instaurada uma ruptura identitária com o mundo civil, promovendo uma integração completa, ou de “corpo e alma” deste indivíduo ao universo militar, forjando deste modo uma nova identidade. (p.06)

No que diz respeito a análise da identidade militar CASTRO & LEIRNER³⁹ buscaram em seus estudos escapar de um olhar exótico sobre a realidade daqueles que estão “dentro” da vida militar, no intuito de “*compreender como se constrói a identidade militar e como se estrutura sua visão de mundo*”. (p. 08)

Observamos na instituição militar algumas especificidades, tanto no que diz respeito à socialização de seus membros quanto à própria definição do que seja uma profissão militar. Neste sentido, passaremos ao estudo da hierarquia e disciplina que envolve o conhecimento desta socialização específica, bem como alguns aspectos abordados em alguns estudos sobre a profissão militar.

2.3.1. Hierarquia e Disciplina

Torna-se imprescindível, ao estudar o ambiente militar e as relações estabelecidas neste contexto, conhecer os conceitos de hierarquia e disciplina o que nos possibilita compreender os fenômenos oriundos da instituição bem como a conduta de seus membros.

Destacam-se nos estudos de uma antropologia militar, os autores brasileiros PIERO LEIRNER³⁴ e CELSO CASTRO⁴⁰, cujas pesquisas de cunho etnográfico nos apresentam uma espécie de *modus operandi* instituído na caserna^{xxxii}, uma maneira de pensar, sentir e agir que atravessam os muros do quartel e delineiam a relação militar-sociedade.

Em ambos os estudos, realizados no âmbito do Exército Brasileiro, o período de adaptação é referenciado como uma verdadeira “ruptura” com o mundo real, lançando a partir da aceitação dos valores inculcados na formação, a introjeção do “espírito militar”, ou seja, a mudança total de posturas e condutas inerentes àqueles que estão “fora” ou “paisanos”.

Ao pensarmos na vida militar visualizamos um contexto específico de trabalho onde não faltam regulamentos. As instruções, normas, portarias estabelecem regras e condutas a serem seguidos por qualquer militar, independentemente de sua posição na hierarquia. As tarefas desempenhadas pelos militares e, em nosso caso específico, pelos soldados, são pautadas na estrita obediência às regras e ao comando.

Enquanto valor estruturante, tais princípios também foram analisados por MINAYO et al⁴¹ no estudo empreendido com Policiais Militares do Rio de Janeiro em 2008. As autoras reforçam que a vida institucional é fortemente marcada pelos ritos, insígnias e intensidade de visão corporativa. Tais dispositivos servem como sinalizadores da estrutura militar, ou seja, quem comanda e quem obedece. Ainda segundo as autoras existe uma “cultura interna” que informa de maneira recorrente o

^{xxxii} Caserna – segundo o dicionário Aurélio on-line caserna significa “construção destinada ao alojamento de soldados; quartel; vida de caserna, vida submetida a obrigações imperativas.

lugar de cada um e registra a hierarquia e disciplina como princípios indissociáveis e interdependentes.

Trechos das falas dos soldados ilustram tal situação:

[...]por ser soldado, independente de você ter o seu chefe imediato, pode chegar um outro mais antigo que você, e solicitar, de fazer, te dar uma ordem e você realmente ter que executar.

[...]você entra como soldado, você tá lá embaixo, lá embaixo. É a hierarquia. O pessoal que é mais antigo, já tá muito mais a sua frente e até você chegar perto como Suboficial, aí você pode ter uma regalia a mais ou não. (Soldado W)

A Hierarquia, segundo as autoras é “o princípio fundamental da divisão de trabalho dessa corporação” (p.89). As autoras referem-se neste segmento à Polícia Militar, mas tal constatação não muda em relação às Forças Armadas uma vez que tanto estas quanto as Forças Auxiliares - Polícia Militar e Corpo de Bombeiros Militar - são regidos pelos mesmos princípios.

LEIRNER³⁴ aponta em seu estudo que os círculos hierárquicos^{xxxiii} “não representam apenas uma predisposição estatutária, eles realmente são incorporados na conduta militar.” (p.75)

Estes círculos norteiam todo o ambiente organizacional, ou seja, cada círculo possui seu refeitório, sala, banheiro, dentre outros espaços. Por exemplo, um oficial não deve fazer suas refeições no refeitório dos graduados (cabos, sargentos, taifeiros e soldados) para não caracterizar mistura entre os círculos hierárquicos, ou como o autor destacou no entender dos militares uma “promiscuidade”.

No Quadro 1 podemos visualizar como funciona tal estratificação dentro da corporação, a partir dos postos e graduações.

^{xxxiii} Partindo da definição do Estado-Maior do Exército, o autor apresenta círculo hierárquico como âmbito de convivência entre os militares da mesma categoria e têm a finalidade de desenvolver o espírito de camaradagem, em ambiente de estima e confiança, sem prejuízo do respeito mútuo. (p.74)

Quadro 1 – Postos e Graduações da Força Aérea Brasileira (FAB)

OFICIAIS-GERAIS			
			
MARECHAL-DO-AR	TENENTE-BRIGADEIRO-DO-AR		
			
MAJOR-BRIGADEIRO	BRIGADEIRO		
OFICIAIS SUPERIORES			
			
CORONEL	TENENTE-CORONEL	MAJOR	
OFICIAIS INTERMEDIÁRIOS			
			
CAPITÃO			
OFICIAIS SUBALTERNOS			
			
PRIMEIRO TENENTE	SEGUNDO TENENTE	ASPIRANTE	
GRADUADOS			
			
SUBOFICIAL	PRIMEIRO SARGENTO	SEGUNDO SARGENTO	TERCEIRO SARGENTO
			
CABO	TAIFEIRO-MOR	SOLDADO PRIMEIRA CLASSE	TAIFEIRO PRIMEIRA CLASSE
			
SOLDADO SEGUNDA CLASSE	TAIFEIRO SEGUNDA CLASSE		

Fonte: www.fab.mil.br

Tal divisão é bem reforçada nas escolas militares, tanto nas de formação de oficiais como na de graduados ou nos batalhões de infantaria. Esta segmentação fica bem marcante na fala de um soldado como segue:

Durante o período obrigatório é muito limitado. Você não consegue falar com todo mundo, só fala mesmo com quem é recruta junto com você. Depois desse período obrigatório que aí sim você consegue falar com um oficial, com o sargento diretamente, mas no período obrigatório é muito difícil. (Soldado W)

Neste aspecto, é importante salientar que, nos casos em que o militar é treinado para o comando, tal segmentação por círculos hierárquicos tende a se estreitar mais à medida que se sobe na hierarquia, ou seja, os laços que definem as relações nas hierarquias mais altas se baseiam na liderança, nas hierarquias mais baixas, a confiança. LEINER³⁴ nos esclarece esse ponto:

Uma possível explicação para essa diferenciação de categorias consiste no fato de que elas emanam de uma proximidade ou distância hierárquica, [...]nas pequenas unidades de combate as relações se aproximariam mais de um tipo de “solidariedade mecânica” durkheimiana, em que os indivíduos subordinam o exercício de suas funções a uma lógica determinada pelas relações pessoais. De modo análogo, no que se refere à forma de desempenho dessas funções exigidas pelos diferentes tipos de organização, a construção das categorias “líder” e “comandante” se aproxima da tipologia weberiana de autoridade, remetendo-nos, uma e outra, aos tipos de autoridade “carismática” e “legal”, respectivamente.

Podemos inferir, deste modo, que os soldados em geral e, particularmente, os jovens de nosso estudo por estarem em uma posição hierárquica inferior, estabelecendo-se como categoria de execução, alicerçam suas relações em bases de confiança e solidariedade, o que fortalece uma coesão maior entre eles apesar da segmentação imposta pela hierarquia.

Outro ponto que gostaríamos de ressaltar é que embora entre os soldados não haja mobilidade na pirâmide hierárquica, no que diz respeito à mérito, uma vez que os mesmos têm tempo determinado para continuarem prestando serviço na FAB^{xxxiv}, ainda assim durante o cumprimento de seu serviço na Força Armada existe um sistema de classificação, que segundo LEIRNER³⁴ começa no dia da formatura e termina no dia da reserva, a “antiguidade” que no caso dos soldados se restringe ao posicionamento conquistado durante o recrutamento o que vai lhe valer o status de “mais antigo” de sua turma.

Relativamente aos futuros oficiais e graduados, nas Escolas de Formação são inculcados valores como a disciplina, a hierarquia, a lealdade, o espírito de corpo. Além disso, os então alunos aprendem a lidar com situações limite, tanto físicas, como psicológicas e tais situações devem ser encaradas de forma a não comprometer o cumprimento do dever.

Dentro deste contexto, a educação militar desempenha papel fundamental uma vez que prepara seus profissionais para o cumprimento dos deveres militares aliado à suas atividades técnicas.

^{xxxiv} Os recrutas após 4 meses de treinamento formam-se soldados e cumprem o período de serviço militar obrigatório. Se houver engajamento após este período, ou seja, a extensão do período de serviço militar, o jovem poderá ficar somente até 4 anos.

Os Batalhões de Infantaria da Aeronáutica (BINFAE), neste caso, são responsáveis pela formação militar dos soldados e seguem analogamente a lógica de formação pautada na hierarquia e disciplina aplicada nas escolas de formação tanto de graduados - militares com cursos técnicos na área de interesse da FAB, hierarquicamente localizados entre a tropa^{xxxv} e o oficialato - e das escolas de formação de oficiais.

O que diferencia a formação do profissional militar “soldado” das demais patentes é que tal categoria é preparada para o combate, manuseio de armas e segurança, especificamente. A aprendizagem de um ofício específico, ligado particularmente à atividade fim da OM a que esteja vinculado se dá posteriormente ao período obrigatório.

A Disciplina é o segundo princípio que norteia a vida militar e FOUCAULT⁴² (1987) analisou extensamente as práticas disciplinares exercidas como estratégia de poder nos séculos XVIII e XIX. As instituições modernas - a escola, o manicômio, a fábrica, o hospital, a prisão e a caserna – tinham como intuito moldar e adestrar os corpos dos indivíduos para torná-los corpos aptos ao trabalho fabril. A idéia desse poder anátomo-político do corpo era discipliná-lo e crescer sua utilidade e docilidade. O corpo, segundo a análise foucaultiana, tornou-se então *“tanto objeto como alvo de poder”*. (p. 118)

A disciplina, desta forma:

umenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. (p.120)

Neste sentido, podemos entender que o mecanismo utilizado pela disciplina visa exercer o poder sobre os corpos, estimulando sua capacidade de execução e

^{xxxv} Tropa é um termo usado para designar o conjunto de soldados.

sufocando a sua iniciativa de resistência, facilitando assim a ação do poder dominante.

A disciplina distribui os indivíduos no espaço, cada um no seu lugar e em cada lugar um indivíduo, formando um quadriculamento. Impõe, igualmente, o controle do tempo, dos lugares determinados que se *“definem para satisfazer não só à necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil”* (FOUCAULT, 1987, p.125)⁴².

Podemos depreender analogamente ao que afirma MINAYO et al⁴¹, que a disciplina é aplicada na organização militar de forma a não somente subjugar o corpo ao máximo de sua utilidade, mas também exige dos indivíduos o controle rígido dos horários, das escalas, do tempo de execução das tarefas de acordo restrito às normas e regulamentos, as posturas, os gestos, absorvendo as ordens de modo que um simples olhar transmita *“um mecanismo de coerção e imposição, desde que, por trás dele se desvende a lógica institucional; a sansão e a penalidade para os recalcitrantes.”* (p.92)

Paradoxalmente, esta lógica institucional aponta para o que LEINER³⁴, ao investigar tal princípio a apresenta como necessariamente não-egoísta. Tal característica investe a disciplina de um status mais elevado na relação com a hierarquia, uma vez que esta tem caráter segmentar e a disciplina, segundo o autor, *“tem por base uma determinação geral sobre as partes”* (p. 103).

Ou seja, o poder disciplinar teria um fim em si mesmo, e todos os seus atributos justificariam uma lógica externa e até mesmo, transcendente. Deslocando os exemplos do autor para a realidade da força aérea, o termo “vestir o azul” ou os próprios gritos de guerra fomentados durante o recrutamento se inscrevem em uma eficácia simbólica da dimensão disciplinar e daria o tom de pertencimento a algo maior, a Força Aérea Brasileira, que em sua magnitude se sobrepõe ao indivíduo.

A análise feita por FOUCAULT⁴² (1987) sobre o poder disciplinar reafirma as práticas ainda hoje reproduzidas na estrutura e na dinâmica militar. Por outro lado, a disciplina e a hierarquia embora presentes e estruturantes das organizações militares têm sofrido os impactos das transformações sociais e econômicas do

mundo contemporâneo, no que diz respeito principalmente aos seus princípios administrativos.

Quanto à situação da administração militar diante dos dispositivos que veiculam os princípios da qualidade total, quais sejam, a polivalência, a participação e qualidade, temos segundo MINAYO et al⁴¹:

O primeiro vai contra a idéia dos círculos hierárquicos. O segundo diz respeito à responsabilização (accountability) do trabalhador individual e coletivo, o que vai contra as ordens de cima para baixo sem discussão. E o terceiro se refere ao aprimoramento dos processos em seu sentido individual e coletivo, o que só pode ser feito recorrendo-se à criatividade, à responsabilidade e ao interesse dos participantes, virtudes desestimuladas pelo código de obediência cega. (p.95)

Está instaurado um embate vivenciado pelas organizações militares no que diz respeito ao paradoxo existente entre uma imposição de modernização e integração com as novas formas de administração e gestão tanto de recursos humanos, quanto de materiais e recursos tecnológicos e as marcas estruturantes de instituição fechada que as caracterizam.

Os trabalhadores, neste cenário, vivenciam independentemente do círculo hierárquico as imposições da modernidade e a resistência de um modelo organizacional que vem progressivamente sendo permeado pelas mudanças no mundo do trabalho.

2.4. Profissional militar ou militar profissional?

Segundo VIEGAS⁴³ a evolução histórica da profissão militar, notadamente na Europa coincide com a própria história do Estado moderno, sendo ela ao mesmo tempo, resultante de sua constituição e seu principal instrumento de ação.

Desta forma ao abordarmos a profissão militar é importante estamos atentos às origens desta categoria profissional e neste sentido já analisamos o contexto histórico que forjou seu aparecimento no início deste capítulo.

Assim, o autor ao analisar a profissão militar estabelece uma pergunta inicial que pode ser o mote para nossa discussão. Ele inicia seu artigo questionando o quê essa profissão militar tem em comum e ao mesmo tempo o quê a diferencia das demais profissões. Para nós, analisar a profissão militar e conhecer as bases nas quais está calcada é importante para identificarmos qual a relação estabelecida entre o militar e seu trabalho e que tipo de trabalho é este que o militar executa.

Um primeiro ponto a ser elucidado é que a “profissão militar” engloba desde o soldado até o oficial, mas a “carreira militar” diz respeito principalmente a oficiais. (VIEGAS, p.56)⁴³.

Embora graduados também passem por Escolas de Formação, o enfoque do treinamento destes militares está direcionado para atividades meio, uma vez que estão localizados na hierarquia entre o oficialato e a tropa.

Sendo assim, nos propomos a apresentar concepções oriundas de estudos conduzidos por alguns estudiosos da sociologia militar no que diz respeito à caracterização desta profissão e discutir como tal papel pode ser interpretado à luz das transformações sociais vigentes no contemporâneo, mais especificamente para o soldado.

No que diz respeito à discussão sobre uma “profissão militar” destacaremos os trabalhos desenvolvidos pelo teórico Samuel Huntington, Morris Janowitz e Charles Moskos^{xxxvi}. Tais autores desenvolveram modelos explicativos para descrever a transformação da profissão militar ao longo da história, bem como as relações civis-militares construídas.

Teceremos breves considerações sobre a idéia de cada um destes autores e nos ateremos mais à proposta explicativa de Charles Moskos.

Para Huntington apud KUHLMANN⁴⁴ (2007) o profissionalismo militar deve estar subordinado à política, sendo esta uma condição imprescindível. Segundo o

^{xxxvi} Ver HUNTINGTON, S. O Soldado e o Estado: Teoria e Política das relações entre civis e militares. Rio de Janeiro. Bibliex, 1996.; JANOWITZ, M. O Soldado Profissional. São Paulo: GRD. 1967.; MOSKOS, C. “From Institution to occupation: trends in Military Organization” Armed Forces and Society 4, Fall 1977, 41-50

autor o “*militar profissional não se envolve em política e é submisso aos ditames do ordenamento político*”. (p. 19)

Tal autor entende que o militar deve estar preparado para a guerra, e para tanto deve restringir-se à sua preparação técnica e especializada, atentando-se para modernidade e observando rigorosamente em seu estamento militar o ordenamento político, tendo como finalidade primordial, servir ao Estado.

Embora tenha apresentado tal posicionamento em sua obra “O Soldado e o Estado”, em obra posterior^{xxxvii} o autor indica que é possível haver em sociedades ainda não consolidadas “*várias formas de participação dos militares na política de seus países nos diversos estágios de desenvolvimento*”.^{xxxviii}

Isso implica segundo KUHLMANN (2007)⁴⁴ em entender que para Huntington haveria dois padrões distintos, a saber – um para os países com democracias consolidadas como Estados Unidos e Europa, e outro para sociedades em processo de transformação política, onde os militares poderiam influenciar o ordenamento político e social até a estabilização das democracias, ocupando posteriormente um posicionamento mais conservador.

Sua teoria traz ainda dois imperativos que modulam a relação entre forças armadas e o Estado: o imperativo funcional e o imperativo social. Ambos contrabalançariam a influência dos militares nas questões políticas na medida das “*convicções ideológicas da sociedade circundante*” – *imperativo social* – ou em função das ameaças à segurança nacional – *imperativo funcional*, sobrepondo-se uma ou outra nas decisões políticas e sociais que envolvessem a atuação militar (p.20).

De qualquer forma, no que diz respeito ao militar a concepção de Huntington considera que quanto mais distante da sociedade um militar estiver, estando assim mais restrito ao seu trabalho no quartel, mais profissional militar ele será.

^{xxxvii} Samuel P. Huntington. A ordem política nas sociedades em mudança. São Paulo: Edusp, 1975.

^{xxxviii} Idem, Ibidem, p.20.

Outro autor que analisa a profissão militar é Morris Janowitz que apresenta uma concepção de militar mais permeado pela sociedade. Este autor apresenta um profissional militar que se modifica com o passar do tempo, criando similaridades com a profissão civil, devido às novas tecnologias e o incremento das especializações. (KUHLMANN, 2007)⁴⁴

Para Janowitz, diferentemente de Huntington, “os militares refletem as tendências da sociedade em que estão inseridos”. Essa constatação do autor vem ao encontro do que observamos em relação aos jovens soldados que adentram os quartéis todos os anos. Tais jovens trazem consigo as inquietações de uma juventude atravessada pelas questões de uma sociedade em crise. Tudo isso, agregado ao período de transformações biopsicossociais que o acompanham no período em que se encontram no recrutamento.^{xxxix}

Desta forma, o conjunto de jovens que fazem sua passagem todos os anos pelos quartéis imprimem à estrutura militar vigente mudanças exigidas pela sociedade que eles mesmos representam. Esse processo traz à tona a discussão do papel das forças armadas na sociedade e sua responsabilidade na construção da cidadania.

Portanto as mudanças ocorridas na sociedade impulsionam, igualmente, transformações na estrutura militar e acarretaria um aumento no quantitativo de carreiras mais técnicas e de logística com manutenção das categorias de combate, como também a inserção maior de civis no quadro das forças militares. Este último fenômeno o autor chamou de “civilinization”.

A conclusão de Janowitz foi fortemente influenciada pelas modificações ocorridas nos EUA, à época, com a adoção de uma nova forma de recrutamento, o serviço voluntário e profissional devido à crise deflagrada pela Guerra do Vietnã.

Neste momento, segundo KUHLMANN (2007)⁴⁴:

a relação militar-Estado começa a considerar o soldado de baixa patente, com a antítese Institucional/Ocupacional – I/O, que caracteriza os estilos de estruturam a vida militar, se mais próximos aos valores tradicionais do

^{xxxix} Idem, op.cit., p.21

soldado de Patriotismo, Amor ao serviço, Dedicção (Duty, Honor, Country), caracterizados como **Institucionais**, ou se mais próximos aos valores das recompensas materiais, definido pelas injunções do mercado, mais comuns às atividades profissionais civis e que interferem nas organizações militares. (p.22) (grifo nosso)

Desta forma, a tipologia I/O de Charles Moskos denunciava uma aproximação crescente do mercado e um distanciamento dos valores institucionais tradicionais por parte das forças militares. Isto ocorrera devido à necessidade de suprir as vagas de soldados, embora ficasse cada vez mais nebuloso para os acadêmicos e veteranos militares norte-americanos da época a razão que motivava o recrutamento de oficiais e soldados.

A discussão que se impõe a partir da leitura de Moskos é que a mudança no estilo de recrutamento adotado nos EUA, passando ao recrutamento voluntário, conferiu segundo KUHLMANN (2007)⁴⁴ “ao soldado de menor nível hierárquico maior consideração sociológica”. (p.23)

Diante deste cenário, o autor acima indaga porque se acentuaria na formação de oficiais valores mais éticos e morais voltados para a defesa da nação – características estas institucionais e para o soldado ingressante destacar-se-iam valores mais ocupacionais, ou seja, voltados para o mercado. Caberia igualmente questionar a possibilidade de formar estes dois segmentos com ambos os valores, institucionais e ocupacionais.

Para melhor compreensão, abaixo apresentamos o quadro da tipologia Institucional/Ocupacional de Charles Moskos:

Quadro 2 – Organização Social Militar: Institucional x Ocupacional

Legitimidade	Valores normativos	Economia de Mercado
Papel/Função	Difuso/Generalista	Específico/especialista
Grupos de referência	“Vertical” Valores de prestígio interno às FFAA	“Horizontal” com os que têm o mesmo trabalho e salário, externos à FFAA
Atrativos para convocação	Qualidades de caráter; orientação,	Pagamento elevado, treinamento

ao recrutamento	estilos de vida	técnico.
Avaliação dos Resultados	Holística e Qualitativa	Segmentada e quantitativa
Bases de compensação	Pertencimento, posto e antiguidade	Nível de destreza, conhecimento e atitudes, competência
Modo de compensação	Em espécie, simbólico; Convivência e dependência	Salário e incentivos, independência social
Sistema legal	Justiça Militar; recurso individual aos superiores; prioridade da organização	Jurisprudência civil; ação grupal (sindicato); prioridade do interesse próprio
Papel da mulher	Emprego limitado; padrão de carreira restringido	Emprego amplo; modelo de carreira aberto
Cônjuge	Integrado na comunidade militar	Separado da comunidade militar
Residência	Trabalho e residência adjacentes; vilas militares; residência assegurada nas transferências	Separação do lugar de trabalho e residência; permanência em moradias civis
Situação depois de finalizado o serviço	Subsídios de veteranos e preferências	Igual ao civil

Fonte: Tabela 1 Organización Social Militar: Institucional vs. Ocupacional, p.44, in MOSKOS, Charles C. & WOOD, Frank R., in *Lo Militar: Más que una profesión?* Madrid: Ministério de Defensa, 1991 apud Kuhlmann, 2007.

Este quadro retrata o que seria uma espécie de parâmetro balizador, onde se apresenta não uma tendência a uma ou outra, mas um intercâmbio entre uma e outra variável. Dependendo da conjuntura social e política que dado país esteja vivenciando, há desta forma, prevalência ocupacional ou institucional ou até mesmo equilíbrio entre ambas as tipologias, sempre com o foco na eficácia militar.

A tipologia de Moskos foi aplicada em alguns países com forças armadas mais modernas e eficazes e de tradição liberal democrática^{xl} mas ainda não temos

^{xl} Segundo Kuhlmann (2007), esses países são: Estados Unidos, Grã-Bretanha, a então Alemanha Ocidental, França, Austrália, Holanda, Grécia, Suíça, Israel. Na edição produzida em 1991 pelo Ministério da Defesa da Espanha, há um apêndice que aplica o referencial analítico às Forças

conhecimento de estudos que visibilizem qual tendência, se mais institucional ou ocupacional motivam o ingresso de jovens no serviço militar em países como o Brasil.

Entretanto, SANTOS, J.⁴⁵ adverte que o que está em jogo na tipologia desenvolvida por Moskos não é a função desempenhada, mas o modo como os militares se relacionam com seu trabalho, sob um ponto de vista de um “emprego” como outro qualquer, ou como uma “missão”, fortemente marcado pela pertença institucional.

SANTOS, J.⁴⁵ ainda discorre extensamente sobre os modelos de análise das profissões militares, propondo em seu artigo um contraponto aos modelos chamados duais onde se encaixam os teóricos já referidos, incluídos G. Caforio e Caforio e Nuciari^{xli}.

Neste sentido, tais estudos apontam a necessidade de refletir sobre os modos de conceber a profissão militar e, no caso das hierarquias mais baixas, como a do soldado, quais subjetividades são produzidas neste encontro com o trabalho militar - subjetividades mais atravessadas pelas questões ocupacionais ou de necessidade de sobrevivência - ou mais institucionais, com forte influência de valores voltados ao cumprimento de uma missão e de patriotismo.

O serviço militar obrigatório revela-se campo de análise privilegiado, pois o trabalho militar é permeado por questões diversas relativas à juventude e à saúde.

Tal experiência além de formar profissionais na área militar, configura-se, igualmente, em ambiente de formação e educação, na medida em que prepara o jovem para um futuro trabalho, devido à iminente possibilidade de não absorção de grande parte dos soldados.

Armadas da Espanha. Nota de rodapé (p.24)

^{xli} Para maiores detalhes sobre os modelos discutidos pelo autor e proposta de um modelo multidimensional de análise da profissão militar, ver SANTOS, José R. Modelos de Análise da Profissão Militar - Crítica dos principais modelos e proposta de um modelo a três dimensões para a análise das profissões militares. Comunicação apresentada no Seminário “*Arts de la guerre et interprétations de la vie civile*”, Paris, Université de Paris I Sorbonne, 24 de Março de 2006. Publicado em Episteme, Revista Multidisciplinar da Universidade Técnica de Lisboa VI, 2ª série (15-16-17), 2006: 209-252.

Um estudo que utilizasse a tipologia de Moskos em soldados brasileiros poderia trazer alguns subsídios para a compreensão do pensamento militar brasileiro no que tange às tendências ocupacionais ou institucionais.

Outra análise interessante diz respeito à influência de um *ethos* guerreiro como fator motivador para o ingresso nas forças armadas e está presente no artigo de FROMM⁴⁶.

Embora a discussão do autor verse sobre as implicações psicológicas de se utilizar o termo “guerreiro” quando se quer dizer “soldado” e a importância delas nas operações de contingência atuais e futuras nos EUA, seu trabalho contrapõe a conotação heróica utilizada na substituição de um termo por outro (soldado-guerreiro), uma vez que o herói homérico era reconhecido como indomável e corajoso, mas tal característica também era acompanhada por um caráter “*indisciplinado, não confiável e egocêntrico*” (p.61).

O referido autor discorre profundamente sobre os valores que animavam o espírito dos heróis e alerta para a maneira como o Exército Americano invoca nomes inspirados no *guerreiro* o que pode levar a um comprometimento das operações, já que inversamente,

o soldado conota serviço, submissão à autoridade e disciplina, rigor no trabalho em equipe e comprometimento com uma necessidade maior do que as individuais (incluindo a necessidade que um indivíduo tenha de ser guerreiro). Para o soldado, o grupo organizado domina o indivíduo. (p.64)

Embora o Brasil apresente uma realidade diferenciada em relação ao EUA, em vários aspectos - culturais, sociais, econômicos; nas atividades militares em curso naquele país, e, particularmente, o estilo de recrutamento, o arquétipo do guerreiro habita o imaginário dos jovens, e se faz presente de forma subliminar no senso comum, inclusive como atrativo para o ingresso nas forças armadas.

2.5. O Serviço Militar Obrigatório

Historicamente, o serviço militar como obrigação ou conscrição^{xiii} remonta à antiguidade e passou por várias transformações em seu formato e em seu sentido ao longo do tempo. Isto significa dizer que o serviço militar sempre esteve atravessado pelas questões sociais, políticas e econômicas de cada momento histórico e a maneira como indivíduos foram captados para defenderem o Estado por meio das armas, denotou a maneira como o Estado agregou ao serviço militar a condição de cidadania, de status ou de poder.

Observando os fatos de uma perspectiva mais ampla, as atividades militares têm se configurado como uma espécie de termômetro que pode ajudar a compreender como as forças armadas de cada país lidam com as questões profissionais, econômicas e políticas de seu território. A opção por um serviço militar obrigatório ou voluntário tem refletido a posição assumida em cada país para defesa de seu território, bem como traduz o vínculo construído entre seus cidadãos e o Estado.

É importante ressaltar que nosso objetivo não é discutir o tipo de recrutamento, se voluntário ou obrigatório, embora uma ou outra modalidade possa influenciar nos valores considerados para ingresso nas forças armadas, mas, esclarecer em que bases a formação militar é estabelecida e compreender as nuances envolvidas no ingresso, na permanência e no momento de saída deste jovem do serviço militar obrigatório.

Segundo WINSTON⁴⁷ o termo “conscrição” em seu sentido moderno surgiu na França revolucionária, onde os princípios de *égalité et fraternité* eram traduzidos como sobrevivência nacional e o serviço militar como um dever republicano. Partindo desta idéia, na França o serviço aos homens variava da classe de 18 e 25 anos em 1793, modificando posteriormente tal procedimento às vésperas da guerra com a Áustria para o alistamento universal por classes de homens de 20 a 25 em

^{xiii} Conscrição – segundo Windston (2002) é o sistema de inclusão compulsória de homens e mulheres nas forças armadas. (p.02)

1796. Dessa forma, os soldados conscritos formaram o maior volume dos exércitos franceses durante as guerras napoleônicas. (p.02)

O autor discorre em seu artigo sobre a história do serviço militar nas américas e a utilização da conscrição em algumas situações emergentes em alguns países, especialmente a partir do século XVIII. Particularmente no final do século XIX, a conscrição deixa de ser útil para a maioria das potências da época, devido à necessidade de maior especialização no manuseio das armas que passaram a ser mais técnicas, exigindo um nível profissional mais elevado.

Contudo, durante a I Guerra Mundial (1914-1918), as grandes potências lutaram com seus exércitos formados por conscritos, embora alguns países como Inglaterra e Estados Unidos tenham começado sua participação na guerra com voluntários, utilizando posteriormente convocados. No período da II Grande Guerra (1939-1945), “os EUA convocaram gente de todas as classes econômicas e sociais”.^{xliii}

Desta forma, podemos observar que tanto o sorteio como a própria conscrição foram utilizados conforme a necessidade de suprir o contingente do exército e, igualmente surgia quando o estímulo ao voluntariado se revelava ineficiente, uma vez que a conscrição obrigava a apresentação de todos os homens enquadrados em alguma classe etária ao serviço militar, o que proporcionava volume ao exército, entretanto, uma perda substancial na qualidade profissional da tropa e pouca identificação dos convocados com os propósitos da guerra.

A título de ilustração temos na figura abaixo um mapa onde podemos observar um panorama sobre a opção pelo serviço militar obrigatório ou voluntário em alguns países. Embora tal mapa não contenha dados atuais, de um modo geral nos permite visualizar a opção por uma ou outra modalidade de convocação.

^{xliii} Idem, *Ibidem*, p.04.



Figura 1 – Mapa da Conscrição no Mundo
 Fonte: Wikipedia.org apud KUHLMANN, 2001

No Brasil, de acordo com LEIRNER³⁴, o Serviço militar obrigatório (SMO) foi instituído em 1908, pelo então Ministro da Guerra Marechal Hermes da Fonseca, e sua regulamentação foram precedidos por movimentos que visavam ao rompimento definitivo dos vínculos estamentais que historicamente uniam o Exército ao sistema social.

Todavia, muitas tentativas foram feitas antes desta lei para democratizar e organizar o sistema de recrutamento até então vigente no Brasil. Segundo CARVALHO³⁵, em 1896 surgiu a Confederação Brasileira de Tiro no intuito de proporcionar a incursão de jovens de classe média e alta na carreira das armas, tentativa esta que não logrou êxito a exemplo das anteriores, como a aprovação em 1874 “*da lei do alistamento universal e o sorteio para cobrir as vagas não preenchidas pelo voluntariado e pelo reengajamento*”. (p.19 e 20)

Relatórios da época revelam que tanto no Exército como na Marinha o sistema de sorteio era extremamente falho permitindo toda a sorte de injustiças, viabilizando aos mais abastados escapar do alistamento em troca de certas quantias em dinheiro, pesando desta forma aos mais pobres o considerado fardo do serviço militar. No trecho a seguir podemos ter uma noção do que era a vida nos quartéis:

Em 1914, [...], num ano dos 220 homens de um batalhão, 17 tinham sido expulsos e, para os 203 restantes, houvera 390 castigos, com média de 14,5 dias de prisão para cada um. Em 1909, o Supremo Tribunal Militar

julgou 443 crimes de praças do Exército, sendo que 321 de deserção e 24 de homicídio. (p.08)

A efetivação da lei do serviço militar obrigatório só ocorreu a partir da iniciativa dos chamados *jovens turcos*, oficiais de baixa patente que trouxeram novas idéias resultantes de estágios feitos na Alemanha para o seio do exército. Estes jovens acreditavam que o SMO só seria implementado definitivamente se uma campanha séria fosse efetivada por civis e militares de forma conjunta.

Neste sentido, segundo KUHLMANN⁴⁸ (2001) o referido grupo criou a *Liga de Defesa Nacional* composta por vários intelectuais ligados à política e literatura como Olavo Bilac, Rui Barbosa, Coelho Neto, entre outros. Sua missão era divulgar o serviço militar obrigatório e o civismo através de palestras, buscando educar, desde o ensino primário, a juventude no quesito civismo, unindo Exército e sociedade, inculcando uma “idéia de pátria” na juventude da época.

Neste contexto, o serviço militar obrigatório passou a vigorar efetivamente em 1916 e a partir daí poucas modificações foram incluídas, prevalecendo as sugestões das Forças Armadas e a manutenção do serviço obrigatório.

Ainda segundo este autor, apesar das recentes mudanças em andamento em relação à adoção de modelo obrigatório ou voluntário de serviço militar, particularmente na Europa, que tendem a assumir o profissionalismo voluntário, no Brasil não há uma perspectiva de mudança. As autoridades militares e o Estado confirmam um discurso “*que considera tal modelo necessário à conservação de valores fundamentais à nação brasileira, à sua integração e desenvolvimento*” (p.148). A própria Estratégia Nacional de Defesa (END), aprovada pelo Decreto nº 6.703 de 18 de dezembro de 2008 é a materialização desta filosofia e afirma, entre suas diretrizes, a manutenção deste modelo no país.

Atualmente, o Serviço Militar se mantém obrigatório nos termos do Artigo 143, Capítulo II da Constituição da Federal de 1988:

Art. 143. O serviço militar é obrigatório nos termos da lei.

No entanto, KUHLMANN (2001)⁴⁸ ressalta que somente na ocasião da Constituição de 1988 foi inserida “a *excusa de consciência, regulamentada posteriormente pelas Forças Armadas e praticamente desconhecida da população jovem.*” (p. 147)

Tal inclusão alude ao Art. 18 da Declaração Universal dos Direitos Humanos que reconhece o direito à objeção de consciência ao serviço militar obrigatório a qualquer cidadão como exercício legítimo do direito à liberdade de pensamento, consciência e religião.

A Estratégia Nacional de Defesa (END) faz menção ao Serviço Militar Obrigatório em uma de suas diretrizes em seu item 23:

23. Manter o Serviço Militar Obrigatório.

O objetivo, a ser perseguido gradativamente, é tornar o Serviço Militar realmente obrigatório. Como o número dos alistados anualmente é muito maior do que o número de recrutas de que precisam as Forças Armadas, deverão elas selecioná-los segundo o vigor físico, a aptidão e a capacidade intelectual, em vez de permitir que eles se auto-selecionem, cuidando para que todas as classes sociais sejam representadas.

Neste trecho pode-se observar que há o reconhecimento por parte do Ministério da Defesa de maior demanda por ingresso nas Forças Armadas do que a Instituição possa dar conta, pelo menos até o presente momento.

Além disso, a crise do mundo do trabalho ao impor o desemprego estrutural, a instabilidade, a precarização e a flexibilização das relações de trabalho, mobiliza as camadas mais empobrecidas da população a buscarem no serviço militar a proteção contra as vulnerabilidades diversas, justificando, desta forma, o olhar mais apurado no que diz respeito a este contexto específico.

Tal cenário demonstra um fenômeno recorrente e histórico no que diz respeito à busca do serviço militar, atrelando-o à necessidade de sobrevivência diante do contexto desfavorável de oportunidades oferecidas pelo Estado para as camadas mais desfavorecidas da sociedade.

Embora seja objetivo do Ministério da Defesa aumentar as oportunidades para este contingente de jovens que ficam fora das Forças Armadas, há que se

atentar, também, para as nuances envolvidas a partir do ingresso do jovem na vida militar e sua posterior formação.

Ainda que existam produções acadêmicas acerca dos fenômenos oriundos dos quartéis, boa parte deles foi ou é direcionada à formação de Oficiais. Do mesmo modo, poucas produções acadêmicas protagonizam em suas investigações as fileiras mais baixas da hierarquia militar como praças e soldados e poucos estudos têm como foco o serviço militar obrigatório.

Na área da saúde, porém, podemos destacar um artigo publicado a partir da *Pesquisa entre Conscritos do Exército Brasileiro Retratos do comportamento de risco do jovem brasileiro à infecção pelo HIV, 1996-2002* publicada em 2006 pelo Programa de DST e Aids, resultado de uma parceria entre Ministério da Saúde e o Comando do Exército, com a colaboração da FIOCRUZ⁴⁹. Tal artigo buscou conhecer as atitudes e práticas dos jovens conscritos em relação ao HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis segundo referenciais socioeconômicos.

Outra pesquisa de autoria de *EDUARDO BORBA NEVES (2009)*⁵⁰ traz à cena outro aspecto do trabalho militar, especificamente no Exército, onde o autor buscou em seu estudo determinar a percepção de risco dos militares do exército relativa ao exercício de atividades comuns às Organizações Militares (OM) de tropa da cidade do Rio de Janeiro.

Contudo, elegemos para o presente trabalho no que diz respeito ao estudo sistematizado do Serviço Militar Obrigatório e abordagem do soldado como sujeito de pesquisa o trabalho de *PAULO KUHLMANN*⁵¹ (2001) que em sua dissertação de Mestrado promove uma análise do sistema de serviço militar utilizado no Brasil e promove um debate sobre a mudança ou continuidade do modelo adotado no país.

Temos também, *CASTRO & CHINELLI*⁵² em artigo apresentado na 30ª Encontro Anual da ANPOCS – GT Forças Armadas, Estado e Sociedade em 2006, intitulado “Serviço Militar Obrigatório: o ponto de vista dos recrutas”. Neste estudo de caráter exploratório, os autores buscam captar através dos relatos de jovens que prestaram serviço militar a experiência do alistamento pelo qual passaram.

Destacamos ainda as contribuições de WINSTON⁴⁷ que por meio de seu artigo publicado no *Air Space Power Journal* (2002) nos traz a discussão do papel do serviço militar obrigatório nas Américas e uma análise minuciosa do serviço voluntário nos EUA.

Pode-se notar, através destes e de outros estudos voltados à defesa e democracia, que há grande ênfase na discussão do modelo de serviço militar obrigatório ou voluntário e seu impacto na economia, política e estratégia de defesa dos Estados. A manutenção do sistema obrigatório, voluntário ou misto, permeia as produções acadêmicas voltadas para a ciência militar, e seu reflexo na defesa nacional é pauta recorrente em revistas ligadas esse universo específico.

Dentro desta temática, a manutenção ou não de um serviço militar obrigatório é assunto controverso, arregimentando defensores e opositores do modelo. No caso do Brasil a própria END aponta as justificativas para a manutenção do serviço militar obrigatório como segue:

A base da defesa nacional é a identificação da Nação com as Forças Armadas e das Forças Armadas com a Nação. Tal identificação exige que a Nação compreenda serem inseparáveis as causas do desenvolvimento e da defesa. O Serviço Militar Obrigatório será, por isso, mantido e reforçado. É a mais importante garantia da defesa nacional. Pode ser também o mais eficaz nivelador republicano, permitindo que a Nação se encontre acima de suas classes sociais. (p.37)

Este trecho denota a firme convicção que o modelo de serviço militar obrigatório atende às necessidades prementes de defesa nacional. Tal documento reafirma o sistema obrigatório como nivelador republicano e como meio democrático de ingresso na carreira militar.

No debate entre voluntariado profissional e recrutamento a END consolida sua posição:

O conflito entre as vantagens do profissionalismo e os valores do recrutamento há de ser atenuado por meio da educação – técnica e geral, porém de orientação analítica e capacitadora – que será ministrada aos recrutas ao longo do período de serviço.

[...] Os recrutas serão selecionados por dois critérios principais. O primeiro será a combinação do vigor físico com a capacidade analítica, medida de maneira independente do nível de informação ou de formação cultural de

que goze o recruta. O segundo será o da representação de todas as classes sociais e regiões do país.

Desta forma pode-se deduzir que embora o sistema de conscrição esteja mantido, mudanças no formato do recrutamento são delineadas no referido documento, contudo é necessário considerar as conseqüências sociais e econômicas que podem advir do novo modelo de seleção para a parcela de jovens da população que vêm na inserção obrigatória a inserção no mundo do trabalho.

A missão das Forças Armadas adquire, assim, uma nova roupagem diante das transformações provocadas pela nova ordem mundial, a globalização e os impactos ambientais em escala planetária resultantes, dentre outras razões, das profundas mudanças nas formas de produzir e trabalhar. Sua missão precípua de treinamento para a guerra é assim convertida ou atravessada pelo novo papel atribuído ao serviço militar, novos valores e novas necessidades agregadas ao servir a pátria.

2.6. Contexto atual - a convocação

Considerando o modelo de serviço militar adotado no Brasil e os interesses deste estudo, quais sejam a importância de conhecer como os jovens pensam o serviço militar obrigatório, o trabalho e a saúde atrelados ao cumprimento de um dever constitucional e a visão e importância que a Instituição Militar e o próprio Estado atribuem a este contingente, procederemos a uma breve apresentação da dinâmica de convocação para o serviço militar obrigatório no país.

Segundo o site do exército brasileiro^{xliv}, a seleção geral é feita no período de julho a outubro pela Diretoria de Serviço Militar (DSM) do exército e tem por objetivo:

planejar, orientar, coordenar e avaliar as atividades relativas ao Serviço Militar Inicial, à Mobilização de Pessoal, à demissão de Oficiais de Carreira, à Identificação do Pessoal ao controle do Pessoal da Reserva não remunerada e dos convocados para o Serviço Militar Ativo Temporário.

^{xliv} Disponível em http://www.4rm.eb.mil.br/novo/index.php?option=com_content&view=article&id=104

Concorrem a esta seleção os jovens que se alistaram no início do ano (janeiro a abril) e os alistados em anos anteriores em débito com o serviço militar. Tal seleção avalia os aspectos físico, cultural, psicológico e moral.

O aspecto físico da avaliação diz respeito à aptidão física do conscrito verificada por inspeção de saúde que segue o padrão previsto nas Instruções Gerais para a Inspeção de Saúde de Conscrito nas Forças Armadas (IGISC). O aspecto psicológico é avaliado por testes psicológicos específicos, a Bateria de Classificação de Conscritos (BCC) e uma entrevista.

Tais instrumentos de avaliação visam dimensionar a aptidão do jovem para o serviço militar inicial. O aspecto cultural é verificado na aplicação dos testes psicológicos e entrevista. Já o aspecto moral visa, segundo o Plano Regional de Convocação 2010 (PRC/2010)^{xiv} *“impedir a incorporação de elementos incompatíveis com o Serviço Militar, tais como: toxicômanos, delinqüentes e outros desvios de conduta.”*

Outro aspecto que se traduz em impedimento para o ingresso do jovem no serviço militar é chamado “problema social”. Este item integra o rol de condições que levam à expedição do Certificado de Dispensa de Incorporação (CDI). É considerado problema social, segundo o PRC/2010:

e. Problema social.

1) Será considerado problema social, o conscrito que:

a) não se caracterizando como arrimo, ajudar, de forma substancial, no sustento da família.

b) pertencer à família numerosa e de poucos recursos e que possua irmão que prestou ou esteja prestando o Serviço Militar Inicial.

c) não se caracterizando como possuidor de incapacidade moral comprovada, apresentar indícios que revelem incompatibilidade para ingresso na Força.

Veremos neste estudo que tal item se configura como oficialmente excludente, mas torna-se motivador para o voluntariado de um número significativo

^{xiv} Disponível em www.11rm.eb.mil.br/download/ssmr/recrutamento/PRC_2010.pdf

de jovens que no momento do alistamento, mesmo enquadrando-se em algumas destas características, podem omiti-lo para aumentar a probabilidade de incorporação nas Forças Armadas.

A etapa seguinte é a Designação que consiste no conhecimento por parte do conscrito sobre a Organização Militar para o qual foi selecionado de qualquer das três Forças Armadas (Marinha, Exército ou Aeronáutica) ou de sua inclusão no Excesso de Contingente. Os jovens incluídos no excesso de contingente recebem um Certificado de Dispensa de Incorporação (CDI). Os jovens designados devem comparecer às Organizações Militares para os quais foram selecionados para fazerem exames complementares a cargo de cada instituição.

Logo em seguida, temos a Incorporação que é a fase de inclusão do conscrito na organização militar para o qual foi designado e o início efetivo de sua adaptação ao ambiente militar. A partir desse momento temos a imersão do jovem naquilo que se consideram os pilares da vida militar: a hierarquia e a disciplina.

Durante os primeiros quatro meses os jovens respondem por números e não por nomes; usam fardas e aprendem quando e como devem utilizá-las^{xlvi}; ler insígnias, cumprimentos, posturas; sobrevivência em acampamentos; ter ciência do vários Regulamentos e Instruções, principalmente o Estatuto dos Militares^{xlvii}, bem como manuseio de armamentos e a capacidade operacional para situações de emergência. Devem acima de tudo obedecer aos seus superiores e executar estritamente ao que lhes é ordenado.

Após este período, o recruta recebe um “nome de guerra” e assim é identificado em toda sua permanência na Força ao qual está servindo. Durante o cumprimento do serviço militar obrigatório o soldado deve obedecer estritamente ao regulamento militar e em caso de inobservância, poderá sofrer sanções que podem

^{xlvi} Existem fardamentos adequados a cada situação, mas geralmente na entrada das Bases Aéreas existe um quadro onde consta o “uniforme do dia”, ou seja, o tipo de fardamento que será usado naquele dia é sinalizado, contudo no caso dos soldados o uniforme do dia é sempre o décimo uniforme, mais comumente conhecido como “camuflado”.

^{xlvii} Lei 6.880 de 09 de dezembro de 1980.

chegar ao chamado delta (detenção). Um dos casos extremos é o de Deserção^{xlviii} que pode levar neste caso o soldado a responder processo com trâmite na justiça militar, além de constar em seu certificado de reservista “licenciado a bem da disciplina” se considerado culpado.

Cabe ressaltar que também sofrerão as penas cabíveis^{xlix} por não cumprimento da exigência legal os refratários e insubmissos. O refratário é aquele que uma vez alistado falta à seleção ou deixa de tomar conhecimento da designação. Já o insubmisso é aquele que tendo sido designado para incorporação ou matrícula não se apresentou à Organização Militar para o qual foi designado, dentro do prazo marcado, ou que se o fez, ausentou-se antes do ato oficial de incorporação ou matrícula.

Como podemos observar são muitas as nuances que envolvem o ingresso de um jovem na vida militar, a mudança na vida em todos os seus aspectos é significativa. Para as forças armadas traduz-se em grande responsabilidade enquanto braço armado do Estado agregar jovens todos os anos e inseri-los naquilo que dá sentido à sua existência enquanto instituição.

O serviço militar obrigatório revela desta forma, sua interface com o contexto urbano e as transformações nas relações sociais e de trabalho impostas pelo sistema capitalista que atravessa os muros dos quartéis e influenciam sobremaneira a vida em sociedade.

Após considerarmos as discussões que norteiam a definição de profissão militar e refletir sobre seus alicerces, a dinâmica de convocação para o serviço militar e as abordagens atuais sobre o serviço militar obrigatório, apresentamos a seguir, os resultados de nossa pesquisa. Trata-se de analisar os sentidos atribuídos à experiência de ser soldado, tendo como base a produção de uma saúde forjada no encontro do jovem com a instituição militar.

^{xlviii} Deserção - militar que se ausentar, sem licença, da Unidade em que serve, ou do lugar em que deva permanecer, por mais de 8 (oito) dias (Art. 187 do Código Penal Militar); pena de detenção de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos.

^{xlix} Artigo 114 da Lei do Serviço Militar e Art. 183 do Código Penal Militar - pena de 3 (três) meses a 1 (um) ano de impedimento, mais os 12 (doze) meses de Serviço Militar Obrigatório.

CAPÍTULO III

PRODUZINDO SAÚDE NA EXPERIÊNCIA SINGULAR DE SER SOLDADO

Pensar é, primeiramente, ver e falar, mas com a condição de que olho não permaneça nas coisas e se eleve até as “visibilidades”, e de que a linguagem não fique nas palavras ou frases e se eleve até os enunciados

Gilles Deleuze

Buscamos conhecer neste capítulo quem são os jovens que vivenciam o serviço militar obrigatório em uma Organização Militar (OM) do Rio de Janeiro utilizando como dispositivo de análise um projeto social que vem sendo desenvolvido na própria caserna, bem como compreender os sentidos atribuídos a “ser soldado” através das percepções individuais dos jovens entrevistados. Para além destes objetivos, buscamos compreender que tipo de saúde é produzido quando se parte de uma análise do encontro do jovem com o ambiente de trabalho e formação militar.

Começamos nossa discussão partindo para a descrição de um projeto que trouxe subsídios importantes sobre os recrutas, suas origens e o que pensam sobre as questões relativas ao período inicial do serviço militar obrigatório no contexto específico desta pesquisa. Ressaltamos que este projeto propiciou um panorama amplo de conhecimento destes jovens, constituindo-se em campo fértil que motivou as discussões que orientam a presente investigação.

Todavia, para melhor entendimento do contexto onde se insere o referido projeto social se faz necessário, inicialmente, apresentar brevemente a Política de Assistência Social das Forças Armadas cujas diretrizes norteiam as ações sociais no âmbito da Aeronáutica.

A Política de Assistência Social das Forças Armadas foi aprovada através da Portaria Normativa N°1.173/MD de 6 de setembro de 2006 e tem como pressupostos básicos, dentre outros, atender às demandas sócioassistenciais, preventivas e promocionais de seu pessoal (civis e militares) e conduzir as atividades de assistência social nas Forças Armadas de modo a assegurar o bem-estar social, prevenindo e minimizando as situações que possam prejudicar a sua obtenção ou manutenção.

A Força Aérea Brasileira (FAB), neste contexto, por meio da Instrução do Comando da Aeronáutica (ICA) 163-1/2011, instaurou as instruções reguladoras das ações sociais em seu âmbito. Este documento estabelece diretrizes e procedimentos voltados às ações sociais da Aeronáutica e define ações sociais como:

Conjunto de programas e projetos sociais a serem desenvolvidos pelo Serviço Social das Organizações Militares (OM) do Comando da Aeronáutica, direcionados aos usuários do Sistema de Assistência Social. Essas ações deverão ter um caráter eminentemente educativo, preventivo e promocional, não se atendo somente à concessão de benefícios sociais. (p.09)

Sustentada nos pilares da Política de Assistência Social das Forças Armadas, bem como nas Instruções Reguladoras das Ações Sociais no âmbito da Aeronáutica, a Divisão de Serviço Social, enquanto órgão central da assistência social no COMAER se revelou celeiro de práticas voltadas à saúde do trabalhador, uma vez que busca atuar nas dimensões que permeiam a atividade laborativa. Tais práticas devem alcançar o trabalhador em seu meio familiar, na recuperação e na promoção de sua saúde através de atividades ligadas ao lazer, cultura, capacitação e preparação para a aposentadoria.

Para melhor compreensão apresentamos abaixo o quadro demonstrativo dos programas e projetos elencados na instrução acima referida.



Figura 2 – Organograma demonstrativo do Programa de Ações Sociais Integradas do COMAER (PASIC)

Fonte: Anexo ICA 163-1/2011

As ações sociais devem ser desenvolvidas em cada organização militar da Aeronáutica por meio de seus gestores sociais^I que poderão utilizar os Recursos da Assistência Social (RAS)^{II} para concretização de suas atividades.

A Divisão de Serviço Social tem como responsabilidade gerir tais recursos e avaliar se os projetos sugeridos estão de acordo com as diretrizes fixadas para cada programa, primando pelo atendimento às demandas do efetivo^{III} e otimização da utilização dos recursos. Além disso, privilegia muitas vezes o estabelecimento das parcerias com outras instituições públicas de saúde para o pronto atendimento das

^I Segundo definição da ICA 163-1 é o Assistente Social ou Agente Social (Militar ou Servidor Civil de nível superior não formado em Serviço Social) responsável pela elaboração, implementação e avaliação dos programas e projetos de ações sociais, bem como pela gestão dos Recursos da Assistência Social nas OM.

^{II} A operacionalização dos Recursos da Assistência Social está prevista na ICA 161-1/2008 e consiste em uma contribuição, obrigatória para os militares e voluntária para os civis, que visa o custeio das ações sociais a serem implementadas no âmbito das organizações militares da Aeronáutica.

^{III} Efetivo é termo comumente utilizado tanto em documentos como na comunicação cotidiana, refere-se ao pessoal civil e militar pertencente a cada Organização Militar.

necessidades dos trabalhadores em caso de inexistência de profissionais, equipamentos ou recursos no âmbito de sua atuação.

Neste contexto em 2008 um Projeto intitulado *Acolhimento aos Recrutas* (PAR) foi apresentado como ação social voltada para os jovens recrutas de uma Base Aérea do Rio de Janeiro. Tal iniciativa tinha como alicerce, o que está inscrito na ICA 163-1/2011 que prevê que:

as relações de trabalho são determinadas pela interação dos seres humanos no local de trabalho e na sua relação com a sociedade como um todo, estabelecendo normas e condições de trabalho, relações de poder, processos de negociação, etc. (p. 22)

Em face da oportunidade de intervenção apresentada no âmbito desta instituição, e da experiência vivida nos encontros com os jovens, elegemos o referido projeto social como modulador das questões que se referem à experiência de ser um soldado, bem como investigamos de que forma a saúde perpassa as atividades neste contexto e que subjetividades são produzidas neste espaço.

O desenvolvimento de um projeto social em ambiente militar, orientado, predominantemente, por relações de hierarquia e disciplina, se configura como abertura de um espaço-tempo, de extrema relevância, no sentido de propiciar uma escuta e uma reflexão diferenciada com relação às formas de vida e de trabalho partilhada por esses jovens soldados.

3.1. Um projeto social na caserna

A partir das demandas apresentadas pelos soldados através dos atendimentos realizados no setor de Serviço Social da Organização Militar (OM), e ancorados na necessidade de promover ambientes de trabalho mais saudáveis a partir de ações sociais mais inclusivas, surgiu o Projeto de Acolhimento aos Recrutas (PAR). Esta intervenção teve como perspectiva investigar problemas que emergiam de forma recorrente, muitas delas de natureza disciplinar, a exemplo da

deserção^{liii}, que sinalizavam a necessidade de compreender quais as circunstâncias e situações que suscitavam tais questões.

Neste contexto, este projeto visou atender o conjunto de recrutas^{liv} da Organização Militar em questão e conseguir atrair a atenção destes jovens para vários assuntos relacionados à vida militar, a qual estava se iniciando, bem como para outros de relevância para a vida extramuros do quartel.

A Base Aérea campo empírico da pesquisa realiza anualmente um Curso de Formação de Soldados (CFS) dirigido a duas turmas de recrutas, divididas em dois semestres. O projeto social foi realizado junto às turmas referentes à Julho/2008 (2008-2), Março/2009 (2009-1) e Julho/2009 (2009-2), mas para o presente estudo utilizamos os dados obtidos no período de março/2009 a Julho/2009, o que representou um quantitativo de 484 jovens. Tal recorte foi necessário para melhor compreensão dos dados, tendo em vista que o questionário aplicado na primeira turma não continha as mesma quantidade de informações contemplada nos questionários aplicados às turmas subseqüentes.

Desta forma, foi criado um espaço ao final do Curso de Formação de Soldados (CFS)^{lv} que pudesse servir de boas vindas e, ao mesmo tempo, funcionasse como motivador para o percurso destes militares dentro do quartel durante o período obrigatório, visando à melhoria das relações de trabalho e tomando como mote das ações o reconhecimento de sua importância na organização de trabalho, resgatando o sentido de pertencimento deste jovem ao contexto laboral.

^{liii} Deserção, segundo o Código Penal Militar, Decreto-lei nº 1.001, de 21 de outubro de 1969, em seu artigo 187: Ausentar-se o militar, sem licença, da unidade em que serve, ou do lugar em que deve permanecer, por mais de oito dias: Pena - detenção, de seis meses a dois anos; se oficial, a pena é agravada.

^{liv} Recruta é o termo usado para designar o jovem ingresso no Serviço militar obrigatório em período de curso de formação, após 4 (quatro) meses de treinamento militar, os recrutas após formatura tornam-se então soldados propriamente ditos. Recruta também pode significar segundo dicionário Aurélio-online, calouro, novato, aprendiz.

^{lv} O Curso de Formação de Soldados (CFS) visa formar os jovens que ingressam no serviço militar obrigatório dentro dos padrões de hierarquia e disciplina, regulamentos e normas militares, treinamentos de combate e manuseio de armas e, ao final de 4 meses, os mesmos saem da condição de recrutas (alunos) a soldados de 2 classe.

As atividades foram realizadas em cada semestre durante o período de uma semana. Cada turma de recrutas foi dividida em subgrupos, possibilitando, desta forma, estabelecer condições adequadas para que os jovens pudessem expressar suas opiniões, a partir da apresentação das temáticas e das atividades propostas, permitindo assim maior fluidez ao trabalho.

O projeto se subdivide em três momentos específicos:

1 – O primeiro momento caracteriza-se pela aproximação dos recrutas com o Comando da Unidade Militar, no caso o Comandante da Base Aérea, e com as atividades-fim. Nesta fase, os recrutas são todos reunidos e o Comandante da OM dá as boas vindas aos jovens e realiza uma palestra visando informá-los sobre o papel deles na Força Aérea. Além do Comandante, um oficial responsável pela parte operacional faz uma exposição sobre a missão da OM e suas atividades técnicas relacionadas às aeronaves sediadas na Base.

2 – O segundo momento constitui-se de palestras expositivas, onde alguns temas eleitos são apresentados e o espaço é aberto a dirimir dúvidas e questões. Como temas das palestras, temos: Alcoolismo, sempre ministrada por um membro da Irmandade Alcoólicos Anônimos; Educação Financeira; Drogas Lícitas e Ilícitas; Crimes Militares e Prevenção de DST e Aids.

3 – O terceiro se coaduna com o segundo na medida em que aprofunda questões abordadas na parte expositiva, aliando-as a dinâmicas onde a participação dos recrutas é estimulada e permitem apropriação dos conhecimentos e sua aplicação em situações do cotidiano, tanto laboral, como familiar e social. Tais dinâmicas de grupo foram acompanhadas, igualmente, de recursos áudio-visuais que possibilitavam a discussão de assuntos complexos de forma lúdica.

As visitas aos espaços operacionais^{lvi} da OM foram introduzidas nas atividades visando a uma aproximação real dos recrutas ao universo da Força

^{lvi} Os espaços operacionais se constituem em hangares onde se localizam os aviões militares. Cada avião tem uma missão específica, e os chamados “briefings” tem como objetivo aproximar os soldados das atividades fim da Base Aérea como um todo, bem como conhecer o papel que cada um pode vir a desempenhar naqueles espaços de trabalho, bem como o possível aprendizado de um ofício que lhes servirá de porta de entrada para o mercado de trabalho após o período obrigatório.

Aérea. No caso das Bases Aéreas, a visita ao interior das aeronaves e instrução no próprio hangar, facilita a identificação deste jovem com o novo momento de vida e trabalho no qual estava sendo inserido.

Ao longo do dia os jovens tiveram a oportunidade de registrar, através de uma espécie de “mural respiratório”, suas impressões a respeito das atividades vivenciadas naquele momento.

Em síntese, o projeto social objetivou estabelecer uma interação com os jovens através das palestras, dinâmicas de grupo e atividades dirigidas, a fim de estimular a reflexão sobre temas diversos ligados à juventude e à saúde, bem como a inserção destes jovens no contexto militar de trabalho.

3.2. Um dispositivo de Análise – a grupalidade.

Após mergulharmos na dinâmica de funcionamento desse projeto social, consideramos tal intervenção como uma oportunidade ímpar para captação das primeiras impressões dos jovens sobre o serviço militar obrigatório. Para além das respostas individuais aos questionários, a experiência “em laboratório” nos coloca em contato com as diversas linhas existenciais que atravessam aquela grupalidade específica. Neste sentido, ao nos debruçarmos sobre o projeto social enquanto foco de análise o consideramos de acordo com BARROS⁵³ como um dispositivo.

A autora recorre a Deleuze que, em sua leitura de Foucault, define dispositivo como qualquer gesto, acontecimento ou situação que dispara uma análise. Um dispositivo, na acepção de Deleuze é uma máquina de fazer ver, dizer e enunciar o que até, então, encontrava-se num regime de invisibilidade. Partindo desta premissa este projeto social e os procedimentos metodológicos que ele comporta, dentre eles os encontros grupais, pôde visibilizar os diferentes âmbitos em que a problemática do jovem soldado encerra e os processos de análise daí derivados.

Recorremos, ainda, ao conceito de analisador, tomando de empréstimo um conceito-ferramenta da Análise Institucional^{lvii}, uma vez que é rica em possibilidades de problematizar o campo de trabalho militar. De acordo com BAREMBLITT⁵⁴ podem-se utilizar como analisadores os acontecimentos, os modos de relação que não estão formalizados e que permeiam o cotidiano da instituição ou qualquer manifestação da grupalidade, seja ela provocada – no sentido de ser introduzida na intervenção propositalmente – ou, de forma espontânea, ao emergir do próprio coletivo para ser discutido.

Em verdade, partindo das questões que surgiam da dinâmica dos encontros, bem como das respostas individuais aos questionários, buscamos neste estudo compreender de outro modo tais conteúdos produzidos pelos grupos com o auxílio do conceito de analisadores. Vale ressaltar, contudo, que levamos em consideração a pretensão presente na corrente de pensamento nomeada de Análise Institucional, qual seja, a de que *“cada intervenção tem de ser singular, tem de ter uma característica de originalidade, de irrepetibilidade”* (BAREMBLITT, p.93)⁵⁴.

Seguindo tal raciocínio nosso foco está no conteúdo expresso pelos jovens no desenvolvimento deste projeto social tendo como pilar sua proposta, qual seja, criar algo novo em um campo de intervenção pouco habituado a ações que tenham como ponto de partida a produção da diferença.

O dispositivo-grupo aqui deflagrado pelo projeto foi utilizado inicialmente para conhecer e compreender quais as necessidades e/ou dificuldades vividas pelos recrutas poderiam ser vetores de algumas questões prementes no âmbito militar.

Tais questões dizem respeito a problemáticas de um grupo circunscrito em um contexto institucional específico, mas que são muito comuns em outros contextos de formação militar de soldados. A aquisição no período de serviço militar obrigatório de celulares caros e motos, bem como a incidência de paternidade precoce são ítems que compõem o chamado “kit-soldado”, desta forma, tal realidade

^{lvii} A Análise Institucional é composta por um corpo teórico bastante diversificado. Segundo Barembritt, podemos considerá-la muito mais como um movimento institucionalista do que como uma teoria, visto que ela visa fazer surgir nos grupos ou coletivos, processos de auto-análise e processos de autogestão.

recorrente entre os jovens conscritos convertia-se dentre outras temáticas em assunto eleito para discussão. A idéia de acolhida destes jovens era a principal referência, onde era adotado um viés que tomava como ponto de partida a informação e o estímulo à reflexão, diante de uma rotina onde, comumente, a disciplina aparece em primeiro lugar.

Para nosso estudo, todavia, tal dispositivo serviu como fio condutor para a compreensão do contexto do serviço militar donde emergem questões diversas ligadas à juventude, bem como o palco onde são atualizados os sentidos atribuídos pelos jovens a ser soldado.

Inicialmente, configuraram-se arranjos grupais ao acaso, a partir da disponibilidade da programação de atividades do Curso de Formação de Soldados (CFS), através do qual os recrutas estavam sendo treinados. Desta forma, foi possível reunir jovens que poucas oportunidades tiveram, até aquele momento, de conhecerem as histórias de vida um do outro, de trocarem experiências sobre o serviço militar, devido aos treinamentos constantes e aulas referentes ao recrutamento.

O projeto utilizou-se de um questionário que foi aplicado a 484 jovens entre 18 e 20 anos pertencentes às duas turmas de formação de soldados de 2009. Deste total, a maioria (59%) tinha 18 anos à época da aplicação e todos responderam individualmente. Neste trabalho, utilizamos alguns dados obtidos através dos questionários para conhecermos o perfil dos jovens que ingressaram no serviço militar obrigatório daquele ano.

Ressaltamos que algumas perguntas da mesma natureza do questionário surgiram também no grupo e as respostas de cada formação grupal diferenciavam-se em alguns temas das respostas individuais. Naturalmente as linhas de subjetivação^{lviii} que cruzam cada grupalidade se tangenciam, se emaranham e proporcionam novas formas de resposta, ao serem mobilizadas pelas discussões e atividades, criando um novo modo de escuta e a possibilidade de provocar rupturas

^{lviii} Segundo Deleuze (1988) apud Barros “a linha de subjetivação é um processo, uma produção de subjetividade, num dispositivo: ela deve se fazer, para que o dispositivo a deixe ou a torne possível...” (p.187)

na cristalização do instituído, ou seja, aquilo que poderíamos chamar de dinâmica de funcionamento da instituição militar.

3.2.1. Disciplina e Deserção

Observou-se que o peso da disciplina fortemente inculcada no comportamento dos jovens limitava-os em suas participações em grupo. Em que se pesem as diferenças individuais e as experiências que formaram estes jovens anteriormente ao ingresso na instituição militar, pouco a pouco as brincadeiras típicas e situações do próprio recrutamento proporcionaram um clima amistoso e confiável.

Na discussão sobre a deserção no grupo, veio à tona um desconhecimento da magnitude do crime abordado. Utilizaram-se histórias de atendimentos feitos pelo serviço social, com nomes fictícios, no intuito de motivar os jovens a falar sobre o assunto. Dessa forma, buscou-se trabalhar pontos críticos como situações de adoecimento, endividamento e uso abusivo de álcool, dentre outros comportamentos que poderiam desaguar na deserção, prisão ou não engajamento.

Neste sentido, a intervenção transitava numa linha tênue entre o instituído e o instituinte. Os jovens denotavam uma compreensão própria daquele coletivo em relação à deserção e, por outro lado a instituição atribuía uma ênfase de outra natureza, considerando-a no seu aspecto legal, previsto no código militar, o que ia de encontro ao que o grupo entendia. Nessa direção, alguns soldados durante a discussão manifestaram sua compreensão de que a deserção se constituía, para a instituição militar, em um crime, mas não sabiam de suas conseqüências.

O grupo atribuiu ao atraso no pagamento do auxílio transporte o motivo para desertar no período de recrutamento, uma vez que, no início deste período, os jovens recebem um soldo^{lix} que não seria suficiente para a cobertura, segundo os mesmos, dos gastos com passagem ao longo do mês, acarretando faltas recorrentes que caracterizariam, por fim o crime de deserção.

^{lix} Nomenclatura usada para vencimento ou salário do militar.

Nossa amostra apresenta apenas 22,31% dos recrutas residindo fora do município do Rio de Janeiro. Mas embora isto ocorra, existem bairros dentro do município que ficam muito distantes do centro e implicam em gastos elevados com descolamento.

Tentando ainda conhecer o contexto de vida destes jovens, de 484 recrutas, 96,69% responderam sobre os arranjos familiares. Destes, mais da metade (58,97%) declararam residir com pai, mãe, irmãos e/ou agregados, ou seja, famílias numerosas em que, segundo alguns relatos presentes no grupo, apenas o recruta e mais um integrante da família trabalhavam, o que pode ser visibilizado nos 72,62% que ajudam nos gastos da família, segundo respostas ao questionário.

Por outro lado, ausentar-se por mais de oito dias do quartel, ou seja, desertar aponta também para outras motivações em que as questões sociais aparecem de forma recorrente. Há casos em que o jovem deserta, por não se adaptar à rotina militar, escala “apertada” de 24h x 12h comumente chamada de “2 x 1”, necessidade de auferir ganhos maiores por ser arrimo de família ou por uso de drogas, entre outras questões que atravessam a problemática.

Ocorre também que os jovens desertores enquanto não se apresentam voluntariamente ou são capturados^{lx} fazem um “bico” em empregos informais como, por exemplo, cobradores em kombis/vans ou outra atividade remunerada para manterem sua sobrevivência. O resultado é que quanto mais isso acontece, mais tempo este jovem contará com formas precárias de trabalho. O ingresso no mercado de trabalho formal é impedido pela não apresentação do certificado de reservista, uma vez que a deserção interrompe bruscamente seu vínculo com a vida militar colocando-o em situação irregular.

Como pudemos perceber voltamos à questão do trabalho como principal vetor que atravessa o serviço militar obrigatório. E os vetores que emergem deste contexto estão ligados ao impasse entre a organização de trabalho militar, ancorada

^{lx} Quando há uma deserção, o militar pode se apresentar espontaneamente, sendo conduzido imediatamente à prisão, ou ser capturado. Neste ínterim, diligências são feitas até encontrar o militar e trazê-lo de volta ao quartel. Quando o militar deserta, é automaticamente excluído e ao retornar ao quartel deveser reincluído para as devidas medidas legais.

na disciplina em todos os níveis da pirâmide hierárquica e as imperiosas incursões do contemporâneo nos corpos dos soldados que ingressam na caserna através do serviço militar.

Como podemos notar, o serviço militar pode se configurar para estes jovens da amostra como uma oportunidade ou de ingresso no mundo do trabalho ou de continuidade com vistas a auferir ganhos melhores do que antes. Contudo, para além do salário, a incursão na vida militar pode ser a chave para estes jovens abrirem as portas de uma formação sólida para o mercado de trabalho, através do ensino de diversas atividades ligadas ao trabalho militar, durante o período obrigatório ou em sua prorrogação, podendo vir a transformar-se em profissão fora dos muros do quartel.

3.2.2. Cuidados com a saúde, carreira militar e escolarização

Com relação às questões ligadas à saúde, a estratégia utilizada pela equipe para abordar a temática DST/AIDS foi a utilização de vídeos sobre o uso de preservativo para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e de gravidez indesejada ou precoce. Tal recurso visou chamar a atenção para a temática de forma a induzir uma discussão no grupo. O assunto suscitou muitas risadas e brincadeiras, uma vez que atrelado a ele estava o tema sexualidade e que gerava comentários diversos do tipo: *“na hora a gente nem lembra disso!”*

Do total de jovens que responderam ao questionário, 60,74% declararam sempre usar o preservativo no ato sexual contra 25,21% que usam de vez em quando; 11,36% que nunca usam; e 2,69% que não responderam. Observa-se um descompasso entre o discurso no grupo e a resposta no questionário. Na grupalidade perder a oportunidade de fazer sexo parece algo impensável, *“Pô, deixar de fazer porque não tem camisinha, fala sério!”*. Tal frase expressa por um jovem durante as atividades aponta para uma necessidade de afirmação da masculinidade compartilhada por seus pares.

Ao mesmo tempo a frase *“minha namorada era virgem, não preciso usar camisinha!”* indica uma crença de que as namoradas só faziam sexo com eles. Quando tal pensamento foi questionado os mesmos demonstraram não cogitar essa

opção o que foi utilizado para refletir sobre comportamento de risco pelo não uso do preservativo independentemente do gênero ou tipo de relação, se casual ou fixa.

Quanto ao uso de preservativo, MINAYO et al¹⁰ nos apresenta um quadro que muito se assemelha às respostas dos soldados:

O conhecimento da necessidade da camisinha não significa comportamento seguro e muitos rapazes não se previnem pelo fato de considerarem o seu uso incômodo: *“Em dez colegas que eu tenho, oito não usam camisinha e falam: “Ah! Comer banana com casca”; “Com camisinha é que nem chupar bala com papel””(p.67)*

Nestes termos, observa-se que há uma percepção de invulnerabilidade às doenças e certa racionalização na discussão da questão, reafirmada na diferença de discurso dos jovens enquanto grupo e de suas opiniões individuais registradas nos questionários. Observamos, do mesmo modo, que a preocupação demonstrada pelos jovens ao discutir-se o uso do preservativo se concentra na gravidez indesejada e não as doenças sexualmente transmissíveis, dentre as mais graves, a AIDS.

Tais questões nos remetem à reflexão sobre o que tem significado viver o presente e as conexões estabelecidas para a vida futura.

Talvez estejamos diante de alguns medos, os quais NOVAES⁷ cita quando aborda a questão do jovem e do futuro. Os jovens aos quais ela se refere expressam um medo do futuro em face de um mercado de trabalho restritivo e mutante. Tal sintoma, por assim dizer, pode também se espriar por outras questões, dentre elas a própria saúde, o cuidado de si.

Em nosso caso específico, os recrutas reproduzem o discurso veiculado pelo pensamento dominante que devemos viver o aqui e agora, consumir o máximo que pudermos e não deixar para o amanhã o que se pode fazer hoje. Neste caso ser jovem significa viver intensamente e correr riscos vistos como necessários para suprir o desejo de atenção, de consumo, de reconhecimento pelos pares, de um modo geral uma visibilidade no contexto social em que se vive. O amanhã fica assim reduzido, dominado, circunscrito às possibilidades aceitas como corretas pelo modelo vigente.

Neste contexto, uma das dimensões que podem atender a realização de alguns de seus sonhos ou necessidades incutidos nesses jovens é a do trabalho, do acesso a uma remuneração que lhes dê vias de contato com as possibilidades de ser e ter. Desta forma, nota-se no comportamento em grupo e nas respostas individuais que ainda é muito forte a expectativa de continuidade na vida militar como perspectiva de futuro. Assim, outro analisador discutido no projeto foi a ter que decidir sobre a continuidade ou não na carreira militar.

Nesta direção, 95,04% dos recrutas expressaram desejo de seguir carreira na FAB e tal tendência é reforçada pela possibilidade do jovem ao término do SMO permanecer na vida militar, uma vez que é possível solicitar o engajamento, ou seja, a prorrogação de seu tempo dentro da força armada ao qual estiver vinculado.

Este engajamento, conforme interesse da Administração, poderá ser prorrogado após o ano de serviço militar obrigatório até o limite de três anos e, neste ínterim o jovem poderá também participar de concursos que viabilizem o ingresso na carreira de soldado especializado e cabo (ambos temporários) ou sargento e oficial da FAB (postos de carreira).

As opções de carreira na FAB é discussão muito esperada pelos jovens que participam dos encontros, uma vez que muitos demonstram ansiedade em saber as possibilidades de dar continuidade à carreira militar a partir das opções elencadas.

Uma vez que o serviço militar reúne jovens com experiências de vida diversas e cheias de imprecisões quanto ao quê se quer do futuro, a apresentação das possibilidades de ascensão na Força Aérea possibilita a abertura de dispositivos que provoquem reflexões sobre as formas de ver e sentir o trabalho militar. Por outro lado, visa discutir igualmente outros caminhos para realização pessoal e profissional, diante da real probabilidade de não absorção integral daqueles que desejam continuar na profissão militar.

De fato, a idade, o nível de escolarização, possuir ou não filhos são requisitos exigidos para o ingresso nas escolas de formação de oficiais e graduados e a construção de uma carreira militar. Tornam-se, igualmente, pilares que passam a sustentar os sonhos dos jovens no serviço militar obrigatório dando o tom da

discussão sobre o papel da formação militar, bem como as possibilidades de escolha de uma carreira fora deste universo.

A crise do emprego em escala mundial tem como maiores vítimas os jovens pela falta de formação e de experiência. Tal cenário atinge duramente as juventudes periféricas, as quais representam a base da cadeia hierárquica militar. O topo da pirâmide, por outro lado, é composto por aqueles que tiveram acesso às escolas de formação de oficiais, lugar esse que foi conquistado através de estudo intenso onde uma boa preparação pôde garantir o ingresso na profissão militar e estabilidade para o presente e o futuro.

Educação básica e ensino médio de qualidade ainda não são acessíveis a todos. Diante da instabilidade social e econômica vivenciada na atualidade, muitos jovens buscam no serviço militar obrigatório a formação que lhes dê condições de alcançar a estabilidade financeira, mesmo que provisória, bem como a segurança para a vida futura através de uma colocação no mercado de trabalho após sua saída do quartel.

Diante deste cenário NOVAES⁷ nos aponta sua perspectiva sobre a juventude contemporânea. Para autora, os jovens vivenciam a ausência de uma mobilidade social que interfere em suas projeções de futuro. Embora se afirme que quanto maior a escolarização, maior a probabilidade de ingresso no mercado de trabalho, a autora afirma *“enfatizar muito a escolaridade é pressupor que existam empregos disponíveis para os escolarizados. Há muitos jovens, hoje, cujas possibilidades de inserção no mercado de trabalho não são condizentes com os anos de estudo”*. (p. 108).

Muito embora a autora acima firme tal posicionamento, acreditamos que ainda assim, apostar na educação em seus mais variados níveis é dar chance para que os jovens possam ampliar seu leque de possibilidades, forjando um pensamento crítico e não aceitando facilmente um panorama desfavorável desenhado pelo contexto da precarização vigente.

Investir no sonho de cursar uma faculdade pode inscrever jovens como os recrutas em uma realidade de trabalho que lhes dê o passaporte para um futuro melhor. Um sonho expresso em algumas porcentagens uma vez que 89,26% dos

jovens afirmam que desejam cursar alguma faculdade segundo os questionários respondidos contra 10,74% que não desejam cursar faculdade, não sabem ou não responderam.

3.2.3. *Álcool e Socialização*

No que diz respeito ao consumo de bebida alcoólica a mesma não é encarada como um problema em si, segundo a opinião de alguns jovens no grupo, importando mais a frequência do hábito e não a intensidade, como nos diz um recruta, *“bebo só aos finais de semana”*.

A bebida alcoólica faz parte de um contexto festivo presente no meio militar, uma vez que em sua dinâmica as comemorações de entrega de medalhas, aniversários de organizações militares, passagens de comando, entre outras, envolvem seus membros em uma atmosfera de convívio menos rígida onde os vários escalões se reúnem para confraternizar. Embora as separações ainda se façam presentes nas festas, os círculos hierárquicos vêm-se em um contexto propício para conversar, trocar idéias, conhecer pessoas e a bebida deflagra neste sentido uma postura mais solta neste ambiente.

Neste contexto específico, a primeira grande festividade da qual os soldados participam, é a formatura de sua turma e, a partir daí muitas outras oportunidades são criadas para a reunião dos grupos de amigos que se formam ao longo do serviço militar.

Segundo os próprios soldados, as reuniões organizadas pelos jovens, são em sua maioria, regadas à cerveja, vinho e vodka, e segundo um deles, *“sem bebida não tem festa!”*. As misturas são muito comuns, o que pode provocar, além das mudanças comportamentais, amnésias parciais como nos diz um jovem no grupo, *“pô senhor, tem dia que nem sei como chego em casa”*. A presença de garotas nas festas estimulam muitos rapazes, que se consideram tímidos e se põem a beber para criarem coragem para *“chegar na menina”*, como nos diz um soldado, *“bebo para ficar mais solto”*.

As informações acima são corroboradas pelo estudo de MINAYO et al¹⁰ que afirma ser o álcool a droga mais consumida/usada entre os jovens e a cerveja a predileta dentre outras opções disponíveis, sendo seu uso maior nas festas, na roda de amigos e aos finais de semana. (p.77)

Ser jovem tem como característica a rebeldia e a ultrapassagem de limites, o que vem totalmente de encontro à disciplina militar. O desejo de servir e a necessidade financeira não aplacam os modos de ser destes jovens e suas marcas intrínsecas. Além do embate interno próprio da condição jovem, o choque com um novo modo de vida, traz consigo também a possibilidade de escapar deste dilema, ser outra pessoa através do álcool.

Ser mais corajoso, engraçado, sedutor, tudo isso pode ser alcançado quando o jovem busca integrar-se em um novo contexto totalmente estranho àquele ao qual estava acostumado. Neste sentido, o projeto buscou desenvolver nos grupos um diálogo entre os jovens, provocando neles a reflexão sobre os motivos que os faziam beber e as conseqüências desse consumo tanto para eles, para o trabalho, para a família e para a sociedade.

Embora a discussão fosse ainda permeada pela dimensão do certo ou do errado, a discussão buscou escapar de pontuações estanques. Como resultados emergiram depoimentos sobre casos de família com história de alcoolismo que causaram ressonância no grupo.

Durante o debate avaliou-se que, para além das oportunidades e situações onde estes jovens possam ter contato com a bebida, ou consumi-la, quando na sua relação com a exigência de disciplina da vida militar, ter um membro da família com alcoolismo pode se configurar, igualmente, como fator que interfere na opção pelo consumo inicial de bebida alcoólica. Desta forma, neste grupo específico, 39,67% dos jovens declararam beber uma vez ou outra; 24,17% bebem nos fins de semana; e 1,03% bebem diariamente. Por outro lado, 32,02% declararam não beber e 3,10% não responderam.

Trata-se de lançar luz sobre algumas questões que estão na superfície e trazê-las para o centro das discussões sobre o trabalho e saúde no contexto militar. Tal problemática não se restringe aos soldados, nem tampouco pode ser

generalizada para outras categorias, contudo torna-se importante destacar o serviço militar obrigatório como oportunidade para discussão sobre o consumo de bebidas alcoólicas, dentre outras questões que afetam os jovens face ao processo de trabalho ao qual estão submetidos.

Um processo de trabalho que implica, entre outras tarefas, no manuseio de armas o que potencializa o significado de se discutir o alcoolismo no universo intramuros do quartel, bem como as motivações e conseqüências para o jovem e para o contexto institucional.

Foi discutido também, o fato de dirigir embriagado, uma vez que a aquisição de motos após o engajamento sobe consideravelmente e é justificada pelos jovens pela distância percorrida entre a residência dos militares e o quartel, buscando celeridade e economia.

O não uso de capacete ou cinto de segurança ainda é muito comum e justificado por incômodo ou esquecimento. Em caso de blitz a carteira de militar é estratégica para escapar da possível apreensão dos automóveis ou motos. Tais condutas ficam ainda mais perigosas quando atreladas ao consumo de bebida alcoólica.

Reproduz-se no grupo a justificativa do não uso capacete pelo incômodo. Durante os encontros alguns jovens declararam no grupo não possuir habilitação para moto, demonstrando também a percepção do uso do capacete não como proteção individual e sim como obrigatoriedade imposta legalmente.

Ao discutir-se a aquisição de bens de consumo no grupo, utilizou-se de vídeos onde algumas propagandas foram selecionadas para discussão por sua capacidade de inculcar idéias de consumo e uma necessidade de comprar, aliada ao sentir-se mais forte, mais popular, mais inteligente, mais bonito entre outros apelos midiáticos que observamos de forma recorrente nos meios de comunicação.

No que diz respeito a estas formas de consumo, propagadas midiaticamente e que assolam de forma particular os modos de existência, problematizá-las junto aos jovens é tarefa complexa, como nos diz LIMA²⁰;

É um questionamento extremamente complexo, ainda mais quando se trabalha com jovens. Primeiro, porque o modo de subjetivar dominante, baseado em perspectivas individualistas e pautado por fórmulas totalizantes, aposta na idéia de que sucesso, competência e capacidade de consumo são formas de estar saudável; segundo, porque veicula a crença de que tal modelo é o único e válido para todos. (p. 120)

Neste contexto, discutiu-se nos grupos a importância de criar outras formas de relação com o consumo, estando alertas quanto às armadilhas que podem estar subjacentes às propagandas para possuir carros, motos, tênis entre outros bens de consumo.

A questão a ser pensada é o que vem adjacente a esses bens materiais, isto é, a sensação de poder, beleza, popularidade, e tudo o que pode inserir este jovem a contextos aos quais ele não pertence originalmente e nos quais ele anseia ser incluído para obter tais bens. Um desses contextos, presentes nos locais onde residem, diz respeito à possibilidade de inserção no mercado de trabalho ilícito que o tráfico de drogas, por exemplo, viabiliza.

Por fim, o dispositivo-grupo aqui analisado nos proporcionou entrever algumas linhas que perpassam as relações soldado-instituição, soldado-soldado, soldado-família, soldado-trabalho e muitas outras composições que se fazem neste território subjetivo.

A produção de saúde é possível na medida que abarca todo um contexto de rupturas, de desmanchamentos de estados anteriores para a criação de novas formas de lidar com questões referentes a saúde na sua conexão com o trabalho incorporando a forma sobre como os jovens consomem, vivem e recriam as relações institucionais próprias ao contexto militar.

O projeto neste aspecto cumpre um papel relevante no sentido de colocar em xeque as cristalizações do vivido institucional, mesmo que de forma incipiente, fomentando a partir do diálogo e de suas dificuldades uma saúde engajada com a produção de novos modos de existência.

Desta forma, o desenvolvimento de um projeto social em ambiente militar, orientado, predominantemente, por relações de hierarquia e disciplina se configura como abertura de um espaço-tempo, de extrema relevância, no sentido de propiciar

uma escuta e uma reflexão diferenciada com relação às formas de vida e de trabalho partilhada por estes jovens soldados.

3.3. A experiência singular de “ser um soldado”

Buscaremos, a partir de agora acessar aos diferentes sentidos presentes nos modos de ser soldado tomando como foco de análise as percepções de cinco soldados da FAB obtidas através de entrevistas semiestruturadas empreendidas na Base Aérea campo empírico da pesquisa.

Ressaltamos que os soldados entrevistados tinham “tempo de serviço” diferenciados (de um ano e um mês a três anos e nove meses), ou seja, buscamos captar as impressões de jovens que já passaram pelo período obrigatório e continuam na vida militar, conhecendo melhor a dinâmica própria ao trabalho militar e a experiência de ser soldado.

Nossa intenção foi estabelecer uma espécie de cartografia^{lxi} acerca das trajetórias dos soldados desde o período do serviço militar obrigatório até o momento atual. Ou seja, nosso objetivo foi acompanhar este traçado desenhado pelos jovens ao entrar em contato com o modo de vida militar.

Para tanto, estabelecemos um roteiro para as entrevistas o qual teve como principais eixos: 1) motivações presentes à época do ingresso no serviço militar obrigatório; 2) experiência do trabalho militar; 3) o significado de ser soldado e 4) a perspectiva de futuro. Ao analisarmos o material colhido nas entrevistas, vimos aflorar discursos coletivamente partilhados sobre tais eixos estruturantes da entrevista, contudo vetores diversos também cruzavam a fala dos jovens. Entendemos que o encontro do jovem com o trabalho militar agencia modos de subjetivação diferenciados diante das conexões que se fazem entre o corpo do soldado e as instituições atualizadas no contexto militar.

^{lxi} Segundo Rolnik⁵⁵, cartografia “é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem[...] a cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.” (p.23)

3.3.1. *Motivações para o ingresso no serviço militar: entre o sonho e a necessidade.*

Inicialmente, constatamos que dos jovens entrevistados, a maioria deles já havia trabalhado antes da entrada no serviço militar como, por exemplo, declarou este jovem, “*Dava aula de informática num cursinho tipo de segunda categoria*” ou ainda este, “*Já trabalhei como divulgador de cursos, na rua com minha mãe vendendo coisas, em lan-houses...*”. Todos os jovens entrevistados tinham o ensino médio completo à época do ingresso no quartel e praticamente todos eles moravam fora do município do Rio de Janeiro.

Tomando como ponto de partida o ingresso no serviço militar obrigatório na Força Aérea, ao serem perguntados sobre as motivações que os levaram a querer ingressar na vida militar, alguns jovens apresentaram como horizonte à época do alistamento uma projeção de continuidade na vida militar, como nos relatos que se seguem:

Eu decidi optar pela vida militar porque eu ia ter pelo menos um ano aqui dentro e poderia ter em seguida mais dois ou três anos ou então seguir carreira militar! (Soldado W)

E também este:

O exército ralava muito e a Marinha era difícil de engajar. (Soldado K)

Por outro lado, entrar na vida militar também significou auferir um ganho maior do que tinha no meio civil:

Eu optei por entrar na Força Aérea porque eu achei melhor pra mim no momento, ganhar mais um pouco e tal. (Soldado Y)

Ou ainda, por já terem se informado a respeito do ritmo de trabalho presente na vida militar:

Já tinha em mente já que era mais ou menos a Força Aérea. Já tive amigos meus que já eram militares, então já tinha em mente como era a batida daqui. (Soldado Z)

Contudo a entrada no serviço militar da força aérea pôde, igualmente, ter acontecido sem nenhum tipo de expectativa a priori:

Não tinha a FAB como meta, mas acabou sendo a opção certa, entre o Exército e a Marinha. (Soldado X)

Atrelado a isso está igualmente à possibilidade de frustração quanto ao que se pensava antes de servir e a realidade imposta pelo ritmo de trabalho militar, como comenta um jovem:

Acho que como eu a maioria pensa, né? Alguns pensam que vai entrar aqui e vai ser mil maravilhas. Outros entram e às vezes até se arrependem e querem sair logo no ano seguinte, por causa da escala de serviço, que é muito apertada. Não tem tempo pra você estudar, não tem tempo pra quase nada. (Soldado W)

Para estes jovens, de um modo geral, a entrada na vida militar configurou-se como momento de tomada de decisão, caracterizando-se como incursão em um universo de possibilidades. Nestes termos, a percepção apresentada pelos jovens entrevistados se coaduna, em certa medida, com a expressão coletiva dos grupos no projeto social, qual seja o serviço militar como um momento de mudanças na vida, consideradas por eles como cruciais.

Podemos observar igualmente que as frases acima apresentam os verbos “decidir” e “optar” o que reforça a idéia de que estes jovens estavam diante de um momento de escolha e baseados em diferentes histórias de vida posicionaram-se quanto ao ingresso na vida militar.

Salientamos que o alistamento é obrigatório, mas a demanda de jovens é maior que a capacidade de absorção pelas Forças Armadas, desta forma, o serviço militar obrigatório passa a afirmar-se não somente como obrigação imposta legalmente, mas sim como decisão diante de outras possibilidades de formação disponíveis. Decorre muitas vezes, então, que frente à escassez de opções, os jovens migram para o serviço militar apostando nele como ambiente de trabalho com projeções de futuro profissional.

A Força Aérea Brasileira tem como missão síntese “*manter a soberania no espaço aéreo nacional com vistas à defesa da pátria*”^{lxii}. Para tanto as Bases Aéreas, dentre outras responsabilidades, dão o suporte necessário aos esquadrões aéreos, para que os mesmos cumpram as missões para os quais são destinados. Dessa forma, o ingresso na FAB, pode ter como motivação além da necessidade de trabalho, o sonho de voar, devido à aproximação deste jovem com o contexto da aviação, conforme depoimentos abaixo.

Sonho de todo mundo, voar! (Soldado W)

Primeira coisa que você já sonha é fazer 18 anos pra poder se alistar, pra pilotar um caça. (Soldado K)

Tais impressões são alavancadas pela mídia através dos comerciais e campanhas para o alistamento todos os anos:

Também eu sempre achei legal, primeiro que quando você vê aqueles comerciais de alistamento, você pensa logo em ser piloto. (Soldado K)

Neste momento chamamos a atenção para a questão do simbolismo agregado ao serviço militar. Como já apontamos no capítulo II na origem dos exércitos, temos a figura do guerreiro, herói que sempre decidia as batalhas pelo vigor físico, impetuosidade e proteção dos deuses. Nos dias atuais a presença do arquétipo do guerreiro de alguma forma se faz presente quando se trata de estimular a entrada no serviço militar. Este artifício é utilizado com certa frequência nas campanhas publicitárias não contemplando questões envolvidas na discussão da profissão militar no contemporâneo.

^{lxii} Disponível no site: <http://www.fab.mil.br/portal/capa/index.php?page=missao>

Tal recurso midiático serve como chamariz, a exemplo do filme “300 de Esparta” que atraiu olhares de milhares de jovens para a história do rei Leônidas que com apenas 300 homens enfrentaram o exército de centenas de milhares de persas sob o comando do rei Xerxes na Batalha das Termópilas em 480 a.C. A coragem e a disciplina exaltadas no filme e igualmente utilizadas nas campanhas de televisão muitas vezes povoam o imaginário juvenil servindo como atrativo para o ingresso na vida militar.

Assim, neste contexto de trabalho específico, os motivos que influenciam o ingresso na vida militar, podem estar ligados ao sonho de uma carreira, mas também pela estabilidade. Neste sentido, aliados à necessidade os aspectos simbólicos dão o tom de uma “vocação” ou um “desejo” de servir, agregado à mídia e sua ligação com a idéia de aventura, emoção, heroísmo que se adere à idéia de servir à pátria.

Além disso, outro fator importante que surgiu na fala dos soldados é a influência familiar na decisão por servir. Os entrevistados fazem menção às suas mães e irmãos, mais especificamente, ao se referirem à família:

Eu entrei mais não era só pra voar, era pra poder ajudar minha mãe, entendeu? Porque é preferência em tudo e eu já comecei a dar aula pra poder ajudá-la. (Soldado W)

Ou ainda:

Minha mãe apoiava, sempre queria, sempre queria que um dos filhos dela servisse e graças a Deus! (Soldado Z)

É, se fosse por vontade da minha mãe eu estaria na Marinha. Minha mãe sempre quis desde pequeno. E eu sempre prometi sabe. Quando a gente cresce a gente toma um rumo diferente daquele que a gente planeja de pequeno, mas ela tá feliz. (Soldado K)

Os valores incutidos no modo de vida militar baseados na hierarquia e disciplina imprimem o senso de responsabilidade, mas não se restringem às normas, mas incutem valores, modos de pensar e comportamentos diversos em um universo predominantemente masculino. Tais referências se forem testadas ou confrontadas com outros modelos geralmente forjados na família podem balisar estes jovens no que tange às suas decisões e escolhas dentro e fora do ambiente militar.

Desta forma, o ingresso na vida militar destaca-se como momento marcante na vida, pois cada qual com um repertório de idéias e experiências agrega valores diferentes à vivência do recrutamento.

3.3.2. *A experiência do trabalho militar*

Os soldados referem-se à etapa inicial do recrutamento como muito cansativa, principalmente devido aos exercícios físicos e cumprimento de horários rígidos:

O serviço é armado e muito cansativo. Dois por um, durante seis meses, você não tem vida, você não aproveita. (Soldado W)

A única coisa chata mesmo é a escala 2 por 1, porque fica um pouco sugado, num ficar muito com a família. A gente sente saudade de ficar com pessoal, com seus amigos e tal, com a namorada. (Soldado Y)

Nos dois depoimentos acima, os jovens destacam a escala apertada, atribuindo a ela o afastamento de uma vida social típica desse período da vida, onde a maioria dos jovens gosta de sair com amigos, namorar e fazer programas em grupo. Durante o serviço militar obrigatório, contudo, esta possibilidade fica reduzida, afetando a dinâmica das sociabilidades.

No Batalhão de Infantaria a gente tira um serviço atrás do outro, então desde que a gente entra no Binfae a gente fica entrando e saindo de serviço. (Soldado Z)

Você fica tanto tempo no 2 x 1 tirando serviço direto que quando você vai para uma seção é ótimo. (Soldado K)

A escala de serviço aparece mais uma vez como um “vilão” da organização do trabalho para os recruta. Tal situação se agrava progressivamente uma vez que, após o engajamento o ritmo de serviços não diminui, denotando a elevada carga de trabalho e ao mesmo tempo, o descontentamento por parte daqueles que não conseguem ser designados para outros setores, como podemos ver no trecho abaixo:

Depois de um determinado tempo já se torna massivo, uma coisa que te dão o prazo de um ano, depois de um ano você já começa a achar que, né,

já passou do limite. Aí começa a ficar mais estressante, a ter menos paciência com as coisas, com as próprias pessoas, você já ouve as mesmas coisas de sempre. (Soldado X)

De modo geral, o recruta após o Curso de Formação de Soldados passa a condição de soldado e está pronto para começar suas atividades de guarda e segurança sendo sua lotação nos oito meses seguintes no Batalhão de Infantaria. Esta organização militar será responsável tanto pelas instruções no período de recrutamento como também será responsável administrativamente pelo jovem até sua designação para outros setores da Base Aérea em caso de engajamento.

A rotina de trabalho de forma geral se dá da seguinte forma:

Existe uma equipe de serviço composta geralmente por oficial, sargento, cabo e soldados. A rendição da equipe de serviço ocorre sempre às 10:00h, todos os dias. Às 08:00h cada soldado escalado deverá apresentar-se para o oficial de dia.

Este fará a chamada para apurar as faltas, em caso de haver faltoso e o mesmo não comparecer até a hora da rendição da equipe que está saindo de serviço, ou seja, 10:00h, o mais moderno desta equipe irá dobrar, ou seja, vai emendar mais um serviço de 24 horas. Após esta chamada os soldados vão para o hasteamento da bandeira (todos os dias às 08:00h e retirada ao pôr do sol).

Cabe neste momento um esclarecimento sobre a terminologia “moderno” utilizada pelo militares como jargão institucional.

Devemos observar que dentro de um círculo hierárquico, ou seja, entre os graduados (sargentos, por exemplo) de uma unidade militar, o mais moderno é aquele que tem menos tempo de serviço^{lxiii}. Todos um dia são mais modernos, uma vez que na escola de formação começa a estratificação pela definição da antiguidade a partir da nota em sua turma de formatura.

^{lxiii} O tempo de serviço é contado a partir da data de praça do militar. A data de **praça** corresponde à data que o sujeito entrou na formação militar e não a data de sua formatura. Por exemplo, o soldado ao ingressar no serviço militar obrigatório pode ter data de praça em janeiro ou julho de cada ano. Esta data determinará seu posicionamento na hierarquia.

Após o hasteamento da bandeira, aqueles que tiram serviços desarmados seguem para um local pré-determinado para aguardar a passagem de serviço (cerimônia formal entre os oficiais responsáveis pelo serviço).

O serviço desarmado consiste em uma escala para trabalhar em setores da organização militar onde é necessário o atendimento 24h. Exemplos deste tipo de serviço são: hotelaria (recepção de hotéis de trânsito), garagem (motorista), rancho (ajudante de cozinha ou de copa).

Os soldados que tiram serviço armado dirigem-se para o material bélico onde é realizado o procedimento de entrega do armamento. Esse é um dos momentos mais tensos, pois os soldados recebem o armamento e têm que verificar as condições do mesmo. Esta verificação consiste em receber o armamento aberto, o carregador e a munição. O soldado então deverá municiar o armamento, ou seja, colocar as cápsulas dentro do carregador e posteriormente, encaixa-lo no armamento.

Logo após o militar deverá seguir para um local denominado “caixa de areia”, que se constitui literalmente em uma caixa com areia onde se fará o procedimento de segurança, ou seja, verificar se a arma está travada efetuando o disparo “de precaução”. A maioria dos disparos acidentais ocorre neste momento, pois o militar se não tomar o devido cuidado, por pressa ou por descuido poderá efetuar o disparo acidental (crime militar).

Após todos receberem o armamento, dirigem-se para o briefing, momento em que o oficial de dia passa as orientações acerca do serviço. Essas orientações referem-se ao que eles deverão atentar-se obrigatoriamente durante o serviço e aquelas que acharem necessário, e que podem durar dez minutos ou duas horas, dependendo do oficial. Vale ressaltar que essas orientações dadas pelo oficial são assistidas pelos soldados na posição em pé.

Após o briefing os soldados que estão entrando de serviço rendem a equipe de serviço que está saindo e cada um assume o seu posto. A partir de então, tira-se um quarto de hora de duas horas no posto e um descanso de quatro horas. Fica-se assim durante o dia inteiro. Às 17h30min, todos que não estão nos postos participam da retirada da bandeira, depois jantam e fazem a rendição de quem está nos postos.

Além disso, casos fortuitos podem deflagrar o acionamento dos soldados como, por exemplo, invasão em determinados locais onde existam postos de guarda da Aeronáutica da respectiva guarnição^{lxiv}. Nestes casos, todos os soldados treinados para uso de armamento, inclusive os chamados “laranjeiras” (soldados que por morarem muito distante do quartel optam por morarem nos alojamentos da organização militar) são convocados.

Segundo informações da própria organização militar disponíveis em seu site institucional, “o BINFAE tem por sede a Base Aérea, Organização Militar que o apóia e à qual subordina-se administrativamente, sendo a subordinação operacional^{lxv} diretamente ao Terceiro Comando Aéreo Regional (III COMAR)”. Tem por finalidade o cumprimento das atividades de Infantaria da Aeronáutica no âmbito de sua Guarnição.

Desta forma, o BINFAE é o local onde os jovens ficam vinculados durante o período obrigatório e é retratado pelos jovens como lugar onde as relações interpessoais são muito reduzidas devido ao ritmo de trabalho intenso. Dois depoimentos que se seguem ilustram e confirmam tal situação:

No Batalhão de Infantaria as coisas já mudam um pouquinho, porque lá a gente fica praticamente meio que desorientado, porque tem bastante serviço, a gente tira um serviço atrás do outro. Eles não têm assim, uma pessoa que converse sempre ali com a gente, tá sempre conversando. Lá no Binfae, eu senti falta disso, de uma orientação e naquele momento a gente ficou bastante ocupado lá com o serviço, era só serviço, só serviço, direto. (Soldado Z)

Dentro do Batalhão de Infantaria você não fala com todo mundo, você só fala mesmo se te derem oportunidade de você falar. Aqui fora depois que tu sai de um ano de recrutamento, você fica num local onde você pode ter livre arbítrio, você pode falar com quem quiser, dependendo da forma e o local que você esteja. (Soldado W)

^{lxiv} Organizações militares circunscritas em uma região específica.

^{lxv} Ser subordinado administrativamente significa dizer que toda a rotina burocrática da vida dos soldados, controle de presença, férias, auxílio transporte entre outras tarefas relacionadas a pessoal, bem como suporte de infraestrutura é de responsabilidade de Base Aérea onde o Batalhão está sediado. Já a subordinação operacional, diz respeito às atividades intrinsecamente voltadas ao treinamento militar e escalas, representações e tudo o mais que seja responsabilidade técnica e de formação.

Notamos nos depoimentos acima os termos “lá”, “dentro” e “fora” diferenciando uma espécie de mundo à parte vivenciado no batalhão de infantaria de outro descoberto no momento em que o jovem se insere em um setor de trabalho.

Quando eu saí do Batalhão que eu vi várias outras coisas, eu vi um mundo diferente. Depois que eu fui designado eu vi um mundo diferente, fui pra outra Base Aérea, mas não era outra Base, o Batalhão tava ali dentro, entendeu. (Soldado W)

Ao término do curso de formação de soldados, os jovens são distribuídos por várias companhias^{lxvi} e concorrem à escala de serviço de toda a guarnição. Isto significa dizer que os jovens durante o período obrigatório e enquanto estiverem lotados no BINFAE concorrem a uma escala que os coloca na guarda e segurança de todas as unidades militares que compõem aquela região. Ou seja, estão em constante deslocamento e em locais de trabalho diferenciados.

Uma vez que o ritmo de trabalho no batalhão torna-se cansativo com o passar dos meses, a ansiedade de alguns jovens justifica-se e abre assim o interesse na designação a partir da oportunidade de aprendizado em diversas áreas ligadas ao voo ou às atividades administrativas situadas dentro da Base Aérea ou em outras organizações militares do entorno.

A rotina com horários rígidos e esforço físico aparece de forma recorrente nos relatos, afirmando uma prática característica da instituição disciplinar qual seja, modelizar os corpos, usufruindo o máximo de sua utilidade, possibilitando o acesso irrestrito aos hábitos, rotinas e gestos:

A rotina era bem rígida, porque eu moro longe. Eu tinha que 121e aqui 04:30h em forma e saía daqui praticamente 18:00h, 19:00h. Então o tempo que eu tinha pra sair, pra chegar aqui pela manhã era muito curto. Às vezes eu até dormia na casa dos amigos do próprio recrutamento e pra ir embora era muito cansativo por causa do trânsito. (Soldado W)

Também a questão da faxina, ficar aí até tarde, no recrutamento no caso, ficar até 08:00 da noite e tal. Foi a única coisa ruim que eu achei, o resto foi normal, como se fosse um trabalho normal. (Soldado Y)

^{lxvi} Seria um sinônimo de grupamento. As turmas de recrutas são divididas em grupamentos, chamados de companhias.

Por outro lado, o regulamento militar segundo um dos jovens não é aplicado igualmente para todos, ao referir-se aos favorecimentos que os “de cima” têm em relação aos soldados, cujas punições são mais rigorosas.

A punição no caso, quando você faz alguma coisa errada, aí é militarismo. Quando alguma coisa acontece acima, aí não – “vamos deixa isso pra lá, calma não é assim que acontece, sabe que hoje em dia não é assim” – aí você começa ter outra visão. (Soldado X)

Contudo, o rigor no cumprimento das instruções e a manutenção de um comportamento “padrão” é visto como via de acesso ao reengajamento e continuidade na vida militar.

Nesse tempo todo, tive nenhuma punição, não tive nenhuma reclamação e pretendo ficar né e to estudando pra isso. (Soldado Z)

É interessante ressaltar que para alguns entrevistados o esforço físico e a rotina rígida eram encarados como exercício normal, embora os mesmos concordem que tais atividades são muito cansativos, o que pode denotar a utilização de estratégias próprias para lidar com aquilo que é imposto pela norma.

Não é só chegar aqui, tá no horário certo, previsto, não. Tem formatura, tu marcha pra cima e pra baixo, é flexão, como eu vou te dizer eu achava como um exercício físico que eu fazia todos os dias, porque eu era acostumado a malhar, então era exercício físico de todo dia, mas sendo que era obrigatório a fazer, entendeu? (Soldado W)

Sobre o esforço físico? Normal, eu gosto de fazer, praticar esportes, pra mim é normal. (Soldado Y)

Foi um pouquinho sacrificado, não foi fácil, ter que acordar às quatro horas da manhã, todo dia, durante quatro meses, mas foi tranquilo pra mim. Tirei isso de letra. Sempre trabalhei, sempre batalhei, nunca desisti dos meus objetivos, tranquilo. (Soldado Z)

O recrutamento para alguns jovens traduz-se também em outro tipo de lembrança. As amizades que são construídas ao longo do recrutamento tornam-se referências fortes para os soldados.

Pô cara o companheirismo, é um ajudando o outro. Lá tinha, se você estiver numa corrida, cansado vai ter um ou dois pra segurar no seu braço mesmo estando cansado também pra poder te puxar entendeu? (Soldado K)

Ah fazer bastantes amigos, fazer amizades que podem durar pro resto da vida. (Soldado Y)

O contato entre soldados e superiores hierárquicos embora seja muito limitado inscreve a figura do instrutor muitas vezes no papel de exemplo ou referência o qual o jovem poderá levar para todo o tempo que permanecer na vida militar.

O sargento na época sempre cobrava de mim, no meu pelotão, cobrava da gente estudo, até ele falava pra gente, estudar, estudar a gente só tem a ganhar aqui dentro, isso ele sempre falava pra gente, sempre, todo santo dia. (Soldado Z)

Neste sentido, após o período obrigatório, principalmente a partir da designação para trabalhar em algum setor da organização ou em outra unidade militar, as relações ampliam-se gradualmente conforme nos aponta este mesmo jovem após sua ida para um setor:

Eu tando lá, a minha escala de serviço melhorou um pouco, entendeu? Melhorou um pouco e lá eles conversam com a gente também, conversa bastante com a gente, manda a gente estudar, dá dispensa, quando a gente precisa. (Soldado Z)

Observamos a importância dada por ele ao diálogo, à comunicação entre os instrutores no período de recrutamento e a continuidade desta preocupação após sua designação para um setor de trabalho.

O isolamento, a comunicação circunscrita aos gestos, posturas e comandos, juntamente ao ritmo de trabalho intenso e repetitivo aponta para um quadriculamento, de acordo com o que Foucault nos indica nas formas de poder disciplinar reproduzidas no meio militar.

Outro ponto importante a ser observado é o reconhecimento do trabalho executado no aprendizado de um novo ofício e o impacto que isso pode ter no desempenho profissional do jovem.

É me sinto importante, porque to me sentindo como qualquer um e agora que eu trabalho com sargento, no caso, tanto é que eu tiro serviço com sargento e oficial, e se fizer alguma coisa de errado vai prejudicar todos e a

mesma coisa o oficial e o sargento se fizer alguma coisa errado vai prejudicar meu trabalho. Então é todo mundo trabalhando ali certinho, eu me sinto como se fosse um deles, num vejo hierarquia ali no serviço, porque no caso, todos os tenentes que tiram serviço com a gente são super tranqüilos. (Soldado Y)

Geralmente quem entra aqui dentro não conhece a área de trabalho porque você vai exercer coisas que não é do seu dia a dia. A única noção que eu tinha era de informática, nada mais, o resto, a parte de administração eu fui aprendendo com o tempo, do trabalho. (Soldado W)

Como a maioria dos entrevistados já tinha experiência de trabalho anterior ao serviço militar, faziam alusão ao trabalho e às conseqüências de algum comportamento fora das normas comparando trabalho civil e militar, como segue:

Acho que você é mais cobrado sim. Como civil você tem outras liberdades. É mais puxado na questão de horário, falta, e no caso fica preso. Como civil você é descontado do seu salário, aqui não, aqui você fica preso, aí é isso. (Soldado X)

Bem como as vantagens e desvantagens de trabalhar no mundo militar, tendo como experiência prévia o trabalho civil:

Eu só tô comparando com o trabalho que eu tive lá fora. Era duas ou três pessoas que eram acima de mim, eu era o professor, dava aula pra seis turmas, entendeu? Praticamente eu tava quase no topo. Aqui não, você entra como soldado, você tá lá embaixo, lá embaixo é a hierarquia. (Soldado W)

Muita gente às vezes encontra um trabalho, razoável lá fora, vamos dizer assim, ganha um pouco menos do que aqui, mas é mais tranqüilo e opta por sair, pede baixa, pede artigo 150 e vai embora, só por causa de uns ou outros stress assim, que às vezes aqui dá muito stress, trabalhar aqui. (Soldado Y)

A identidade militar forjada no recrutamento e a possibilidade de dar continuidade à estabilidade transitória adquirida no serviço obrigatório podem influenciar ou não no estabelecimento de planos de seguirem na vida militar em curto prazo.

Neste sentido, a organização do trabalho militar engendra diferentes posicionamentos quanto à continuidade, ao reconhecimento, ao aprendizado dependendo sempre do que se produz a partir dos encontros de cada jovem com outras dimensões da vida em sociedade. A experiência intramuros, submetida a um modo específico de apreensão da realidade pode vir ao encontro de vocações e

disposições dos jovens, bem como podem causar embates significativos, promovendo questionamentos quanto à viabilidade de um modo de ser militar.

3.3.3. Os diferentes sentidos de ser soldado

De um modo geral os jovens não consideram o sentido de ser soldado naquilo que dá significado ao seu fazer, mas sim nas tarefas desagradáveis que esta posição lhes obriga. Trata-se de um pensamento pautado ou pelo menos permeado pelas normas, pelo papel atribuído ao soldado dentro de uma hierarquia.

É mais indicado dizer que inicialmente os jovens se referiram ao trabalho que executam, mas posteriormente começam a dar importância a essa vivência. Destacamos não somente aquilo que os depoimentos contêm, mas no que se diferenciam no que acrescentam um ao outro, às contradições ou ambigüidades. A expressão de cada depoimento narra elementos positivos e negativos deste trabalho.

Nunca parei pra pensar. Ser soldado da Força Aérea, o que significa pra mim? Pra mim soldado da força aérea só tem é que trabalhar muito, trabalha muito e não tenho muito o que te explicar porque a maioria dos soldados é tudo auxiliar de alguma coisa. (Soldado W)

Este depoimento traz em seu conteúdo a intensidade deste “trabalho de soldado” e a ausência de autonomia, no que diz respeito a atribuir um significado a tarefa quando afirma que soldados são auxiliares de alguma coisa. Outro jovem interpreta este significado de ser soldado, mas que revelam outras nuances:

O que significa ser soldado? No meu ponto de vista ser soldado é um contrato que você tem com a Força Aérea. Ser soldado é ficar aqui durante os quatro anos, ganhando oportunidade de entrar na Força Aérea. E se você conseguir e se adaptar, você pode subir de cargo, patente, no caso. Ser soldado por outro lado também é tirar muito serviço, expediente também é um trabalho normal. (Soldado Y)

Podemos notar no depoimento deste jovem, outras dimensões consideradas na relação deste soldado com seu trabalho. Sua fala denota a trajetória que um soldado pode vir a traçar dentro da caserna, que inclui o estabelecimento de um

contrato de trabalho com a Força Aérea, ou seja, o compromisso com horários, cumprimento de atividades e uma remuneração.

Para além deste vínculo empregatício, este jovem também anuncia as possibilidades apresentadas na incursão neste universo de trabalho. Conseguir o engajamento permanecendo pelo período de quatro anos se configura como oportunidade de continuar na vida militar.

Refere-se ainda à capacidade de adaptação como uma condição para subir de cargo ou patente. Esta adaptação pode ser entendida como um conjunto de condições intrínsecas e extrínsecas envolvidas desde a entrada deste jovem no universo militar até a sua saída ou continuidade no quartel e que determinam as reais chances do jovem projetar-se em uma profissão militar.

Tomando de empréstimo os conceitos de normalização e normatização desenvolvidos por Canguilhem, poderíamos analisar essa adaptação como resultante da modulação entre a normalização incutida pela instituição militar e a normatividade inerente a cada jovem ao ingressar em uma nova forma de trabalho.

Esta adaptação é atravessada tanto pela imposição de modos de vida orientados paradoxalmente pela flexibilidade, a polivalência e a adaptabilidade como pela rigidez de normas e comportamentos sustentados em uma administração hierárquica e piramidal.

Do mesmo modo que seu companheiro de farda, ele faz menção ao trabalho do soldado como intenso devido à escala de serviço, embora afirme ser o trabalho do soldado um trabalho normal.

Outra nuance apresentada quando perguntamos sobre o sentido de ser soldado se reflete neste trecho:

O que significa ser soldado? Eu acho que significa ser uma parte importante pra aquela roda continuar girando. Você é uma peça bem importante praquilo, porque se no serviço existir cinco pessoas, três soldados, um cabo e um sargento se tirar um soldado já vai fazer muita falta, entendeu? Então a gente sabe que querendo ou não, mínimo ou não, nossa importância chega a ser muito grande aqui. (Soldado K)

Há na resposta deste jovem a percepção de um todo organizacional do qual ele é parte integrante. Este jovem se vê como “parte importante” na organização do trabalho na medida em que reconhece seu trabalho como imprescindível para o cumprimento das tarefas inerentes ao serviço, no caso o serviço de guarda e segurança da OM.

O desenvolvimento de um sentimento de orgulho por ser soldado e de agradecimento pela oportunidade de estar vivendo esta experiência estão estampadas nos trechos que se seguem:

Sinto orgulho. (Soldado X)

Soldado? Ah significa...me sinto bem, me sinto agradecido, me sinto super bem tando aqui. Não tá assim...nossa!, não tá mil maravilhas, Tô estudando pra ficar melhor ainda, quero me sentir melhor ainda, entendeu? (Soldado Z)

No que diz respeito à influência do serviço militar na vida desses jovens e o que de fato mudou a partir do ingresso na força armada, temos a expressão dos soldados mais voltados para o senso de responsabilidade.

Me afastou um pouco das más amizades, fez pensar mais no futuro, pensar em estudar mais também, e mudou um pouquinho, mudou um pouco, um pouco. (Soldado Z)

Fiquei responsável. (Soldado X)

Compreendemos que este olhar sobre o serviço militar deve-se a sua característica disciplinadora que, tendo como base as normas e regulamentos, convoca o soldado a moldar-se a um modo de ser mais institucionalizado, sendo desta forma mais aceito socialmente e apto às exigências do mercado de trabalho.

É um pouco do mesmo, com um pouco mais de responsabilidade, no caso o horário. É trabalho tem que fazer tudo certo, não pode errar, porque lá fora no caso, que eu trabalhava eu errava. Não era tão cobrado que aqui, aqui pode até ficar preso, no caso, então, é mais a responsabilidade mesmo. Mas ganhei mais responsabilidade, não tô dizendo que não era responsável, mas ganhei mais responsabilidade entrando aqui na Força Aérea. (Soldado Y)

Ao mesmo tempo essa padronização pode alavancar formas de ser no mundo que já existiam ainda em estado latente, proporcionando uma constatação de que na verdade o serviço militar não agregou somente, mas despertou a potência que já habitava dentro de cada um.

*Só um pouco. Só um pouco mesmo. Não me sinto muito diferente não.
(Soldado Z)*

*Responsabilidade é certo. Que eu tinha responsabilidade sim tinha, mas...
[...]depois que você entra no quartel...você acaba padronizando a sua vida
para aquele horário...entendeu? (Soldado K)*

A passagem abaixo nos apresenta a experiência prévia deste jovem no mundo do trabalho e as conclusões que chega ao comparar a Aeronáutica e o local que trabalhou e que lhe trouxe ganhos financeiros maiores, destacando aí a capacidade de discernir e optar por outras formas de ser no mundo, além daquela apresentada no quartel.

Antes de eu entrar na FAB, eu ganhava mais do que eu ganho aqui. Só optei por aqui mesmo porque o curso ia acabar, eu não ia dar mais aula no curso em seis ou sete meses, então eu optei por aqui. Fiquei durante um ano recebendo como recruta não era o suficiente, nem pra minha passagem, porque eu morava muito longe. Então era por isso que eu dormia por aqui. Mesmo depois de engajado não é o suficiente comparado ao que eu já recebia, que eu tinha praticamente seis turmas durante um mês inteiro dando aula todo o dia né! Dava um dinheirinho bacana. Se eu chegar a terceiro sargento aí sim vai valer a pena, vou estar ganhando muito mais do que eu ganhava no cursinho. (Soldado W)

Em síntese, as falas dos jovens apontam para alguns novos arranjos orientados por uma busca de segurança maior no emprego, indicam também os impasses da escolha e após um tempo de experimentação na Aeronáutica a sensação de ter feito a coisa certa, ou seja, como a dimensão da experiência do serviço militar ressoa na vida dos jovens entrevistados.

3.3.4. Perspectivas de futuro – mudanças ou continuidades?

O serviço militar obrigatório enquanto contexto de trabalho tão específico tem como diferencial a transitoriedade intrínseca à condição de ser soldado. Não existe

a carreira militar para esta patente na Força Aérea e a mesma ocupa uma posição na hierarquia de baixa profissionalização e de grande rotatividade.

Ainda assim, servir a pátria através do serviço militar obrigatório é vista pelos jovens que responderam os questionários, bem como pelos jovens entrevistados, como uma grande oportunidade para ingressar no mundo do trabalho e de galgar estabilidade.

De acordo com o que observamos nas falas dos jovens, a questão da escolha está presente a todo o momento durante o período em que experimentam a condição de militar e é atravessada por vetores diversos que podem aproximar ou afastar o jovem de uma carreira militar propriamente dita. Estes vetores convergem para aquilo que chamamos de organização do trabalho militar, além da formação em si que exige a ruptura com o modo de ser civil ou paisano. Desta forma, mudar ou continuar torna-se um ponto nevrálgico da relação do jovem com a instituição militar e tudo o mais que esta ligação proporciona e representa.

Neste sentido, trazemos à tona o que concretamente representou para eles o serviço militar no que diz respeito às mudanças percebidas no modo de pensar e agir, o saldo da disciplina, da convivência.

Em termos de projeção para o futuro temos a passagem pelo serviço militar como um facilitador na relação deste jovem com outras oportunidades de trabalho e formação que possam advir de sua experiência como militar:

Como eu falei no começo quartel é uma escada para você se você souber aproveitar o tempo que você tem aqui dentro você cresce muito na vida, tanto profissional, quanto o amadurecimento. (Soldado K)

Do mesmo modo, as dúvidas também pairam sobre aqueles que estão na condição de soldados, tanto pela necessidade de estabilidade como também pelo ritmo de trabalho militar que muitas vezes provocam descontentamento:

Ah, eu penso em ficar, mas às vezes penso em sair. Mas por enquanto meu pensamento é continuar estudando e passar na prova de S1, ganhar mais dois anos, depois fazer a prova pra Cabo, ganhar mais dois anos, e assim vai, se for pra ficar. Porque às vezes a gente se sente um pouco prejudicado pelo trabalho aqui e prefere sair. (Soldado Y)

Outro jovem, igualmente, expressa seu pensamento a respeito da continuidade ou não na vida militar:

Antes de eu entrar na FAB eu queria sim seguir carreira militar, queria ser oficial, ser tudo, mas quando você entra aqui dentro é que você vê que não é a mesma coisa, então você começa perder. Escala de serviço, tem que estudar sempre. (Soldado W)

Por outro lado, a experiência do serviço militar marcou profundamente este soldado, transformando sua maneira de ver algumas situações:

Eu ajudava as pessoas? Ajudava sim, mas depois do que eu passei aqui dentro? Acampamento? Que isso! Aquilo ali ajudou muito! Não só a mim como a muitas pessoas. A gente vê coisas lá fora, a gente acaba ajudando, você se sensibiliza por qualquer coisa que você vê, entendeu? (Soldado K)

Abordar a saúde, pela perspectiva de sua produção, no caso dos soldados implica de um lado em compreender a forma como enfrentam os impasses que a instituição militar e seus regimes de disciplina e hierarquia promovem e, de outro, rastrear as saídas que se fazem possíveis e que criam um campo de abertura daquilo que advém e inaugura processos de diferenciação singulares.

O universo estudado pretendeu dar visibilidade a algumas percepções sobre esta experiência de trabalho e formação e sinalizar a importância desta instituição como campo de trabalho e de investigação das questões ligadas à saúde e ao trabalho.

Por fim, o crédito depositado na experiência do serviço militar expressa por este jovem nos mobiliza a refletir sobre este campo de trabalho específico e as ressonâncias que este território pode provocar, na dimensão da saúde, da qualidade de vida e trabalho da população jovem deste país.

Assim que eu sair daqui eu vou ter portas abertas por ter feito o meu serviço aqui dentro, entendeu? Ajuda muito quando você é da Força Aérea Brasileira, as pessoas lá fora te vêem com outros olhos e eu andar com essa farda é muito bom, muito bom, muito gratificante. (Soldado K)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Empreender um estudo sobre trabalho, saúde e subjetividade no contexto do serviço militar obrigatório foi um grande desafio. Um desafio porque se tratava de compreender a multiplicidade de relações estabelecidas entre os jovens soldados e o ambiente de formação e trabalho ao qual estão sujeitos durante o serviço militar obrigatório, bem como dar visibilidade a uma saúde produzida a partir dos embates propiciados no encontro do jovem com o ambiente de trabalho militar.

Questões complexas, próprias do contemporâneo, se fazem também presentes nos quartéis e impõem novos ritmos à vida cotidiana. Estas transformações, inexoravelmente, tornam-se ponto nevrálgico quando se tem como horizonte pensar as relações de trabalho que sejam produtoras de saúde.

Partimos da premissa que tais relações se dão em um processo contínuo de trocas, acreditando que a inserção desses jovens no território de formação e de trabalho militar inaugura novos modos de pensar e agir. Muitas questões-problema que surgem dessas trocas atravessam os muros da caserna ressoando diretamente a vida dos soldados.

Iniciamos nosso estudo, desta forma, analisando a transição de uma guerra em que atuava como principal protagonista alguém que ao possuir habilidades ímpares era capaz de decidir uma batalha a partir da força e da proteção dos deuses, o Guerreiro. Assistimos, do mesmo modo, ao advento de um coletivo, onde a estratégia e o espírito de equipe forjaram o surgimento dos exércitos, bem como sua participação na constituição dos Estados Nacionais.

Nesta dissertação apresentamos, igualmente, questões do contemporâneo ligadas à juventude: as desigualdades sociais, econômicas e culturais, a flexibilização/precarização das relações de trabalho, as relações de poder-saber. Todas essas questões foram analisadas a luz de uma experimentação no âmbito das práticas que englobam o jovem e sua inserção no contexto militar.

Situamos nossa discussão a partir de um aporte teórico que contempla a vida enquanto processual, relacional e admite a possibilidade de um vir a ser, de um tornar-se contínuo, abandonando uma leitura cristalizada e estanque dos fenômenos relacionados ao trabalho militar as nuances que o atravessam.

A instituição militar revelou-se, assim, como espaço laboral que se apresenta como perspectiva de futuro para os jovens que ingressam na vida militar pelo serviço militar obrigatório. Apesar dos limites impostos pela formação, este período aponta para uma mudança na maneira de encarar a vida para os jovens de nosso estudo.

De um modo geral, os depoimentos demonstram que o saldo da convivência no contexto do serviço militar foi positivo, evidenciando como característica deste grupo específico a importância da escuta, da orientação. Na concepção destes jovens o serviço militar obrigatório pode projetá-los para o alcance de um futuro melhor, dentro ou fora do quartel. A orientação para a vida ultrapassa desta maneira a formação para o trabalho, sendo ela de grande relevância de acordo com os jovens.

Afirmamos um dever que vai em direção a um devir. Um devir que é da ordem do estranhamento, dos embates e que se traduz no encontro do jovem com um universo diverso daquele com o qual estava acostumado. O impacto deste encontro e que foram analisados neste estudo, trouxeram mudanças nas maneiras como os jovens passam a conceber seus diferentes modos de existir.

A produção de saúde a qual nos referimos neste estudo diz respeito a este encontro com os valores militares e os sentidos que cada jovem dará a esta experiência, e que podem transformar seus modos de pensar, sentir e de viver. Tal transformação aponta para uma apropriação desses novos valores inventando a partir dos embates uma normatividade na direção da expansão de uma vida que porte um sentido de pertencimento, de uma postura crítica diante do mundo. Enfim, a natureza desse encontro poderá suscitar modos de vida mais autônomos e mais criativos.

Observou-se que os jovens buscaram o serviço militar obrigatório não somente pela obrigação imposta legalmente, mas pela estabilidade de emprego, ainda que provisória oferecida na instituição militar. Paradoxalmente, a imersão em

um universo extremamente hierarquizado e disciplinado mobiliza boa parte dos jovens a buscarem continuidade na profissão militar.

As paisagens desenhadas pelos jovens foram sendo coloridas a partir das experiências vividas e pelas quais foram particularmente marcados. Acreditamos que este desenho, concretizado neste espaço de trabalho específico se converte em oportunidade ímpar para o acesso ao modo de vida militar e a partir dele, conhecermos a maneira pela qual estes jovens trabalhadores lidam com os encontros e desencontros que estabelecem com a instituição militar.

Por outro lado, ressaltam-se questões-problema ligadas à organização e ao processo de trabalho, especialmente no caso dos soldados, a escala de serviço armado e seus riscos e que merecem a devida atenção e aprofundamento no sentido de criarmos maneiras de intervir nas condições de trabalho e saúde destes jovens.

Desta forma, cabe refletir sobre o desafio lançado à instituição militar de incorporar as problemáticas contemporâneas que habitam a caserna através de seus militares e suas histórias de vida. Nesta direção, iniciativas como o projeto social vem, mesmo que de modo rudimentar, visibilizando algumas problemáticas próprias às transformações operadas no mundo do trabalho. Essas visibilidades podem, em certa medida, serem paulatinamente agregadas como questões urgentes no âmbito das práticas que regem o trabalho desenvolvido em uma instituição militar.

O Brasil reafirma a manutenção do serviço militar obrigatório como parte importante da estratégia nacional de defesa e como via igualitária para o acesso à carreira militar. Neste sentido, consideramos o serviço militar obrigatório oportunidade para convocar estes jovens a pensar e a refletir sobre tal passagem. Este espaço-tempo construído entre a instituição militar e os jovens pode viabilizar, embora de modo ainda incipiente, o questionamento e o estímulo a mudanças no que tange a vida em seus múltiplos aspectos.

A instituição militar, tradicionalmente vinculada a princípios administrativos e técnicos fortemente hierarquizados, reafirma através de serviço militar obrigatório seu papel formador para o mundo do trabalho.

Concluimos, assim, através dos diferentes sentidos atribuídos à experiência de ser soldado, que a complexidade do modo de trabalho militar merece maiores incursões na direção de explorar os meios pelos quais estes jovens lidam com os embates provocados no encontro com a organização de trabalho militar e, igualmente, o que representa esta experiência para o futuro destes jovens enquanto cidadãos e trabalhadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1- GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. Ed. 34, 1992. RJ.
- 2- CASTEL, Robert. As metamorfoses da questão social. Petrópolis. Ed. Vozes, 1998.
- 3- MINAYO-GOMEZ, C. & THEDIM-COSTA, S. M. F. – A construção do Campo da Saúde do Trabalhador: Percursos e Dilemas. Cadernos Saúde Pública. Rio de Janeiro, 13 (Supl.2): 1997
- 4- CAMARANO, Ana Amélia et al. Um olhar demográfico sobre os jovens brasileiros. In CASTRO, JA de.; AQUINO, LMC de.; ANDRADE, C. Coelho de.(org) Juventude e Políticas Sociais no Brasil. Brasília: Ipea, 2009
- 5- GONZALEZ, Roberto. Políticas de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho é a saída? In CASTRO, JA de.; AQUINO, LMC de.; ANDRADE, C. Coelho de.(org) Juventude e Políticas Sociais no Brasil. Brasília: Ipea, 2009
- 6- CARRANO, Paulo. Juventudes: as identidades são múltiplas. Disponível em: http://www.uff.br/feuff/index.php?option=com_content&view=article&id=78%3Ajuventudes-as-identidades-sao-multiplas&catid=19%3Anumero-1&Itemid=4
- 7- NOVAES, Regina (Org). Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In Culturas Juvenis – novos mapas do afeto. Rio de Janeiro, 2006. 105-120
- 8- GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. Micropolítica: Cartografias do Desejo. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 9ª Edição, 2008
- 9- AUGUSTO, Maria Helena O. Retomada de um legado intelectual: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude .Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, 2005
- 10-MINAYO, MC de Souza. (Org.) Fala Galera! Juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- 11-MARTINS, Heloísa Helena TS. & AUGUSTO, Maria Helena O. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2
- 12-SPOSITO, Maria P. & CARRANO, Paulo. Juventude e Políticas Públicas no Brasil. In Revista Brasileira de Educação Set/Out/Nov/Dez, nº 024. Null, Latinoamericanistas.
- 13-SANTOS, Milton. Por uma outra globalização. São Paulo. Record, 2000.
- 14-BAUMAN, Zygmunt. Globalização: As conseqüências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

- 15-NARDI, Henrique C. A Propriedade social como suporte da existência: a crise do individualismo moderno e os modos de subjetivação contemporâneos. *Psicologia & Sociedade*; 15 (1): 37-56; jan./jun.2003
- 16-RAMMINGER, Tatiana. Entre a normatividade e a normalidade: contribuições de G. Canguilhem e M. Foucault para as práticas de saúde. *Mnemosine Vol.4*, nº2, p. 68-97 (2008)
- 17-CZERESNIA, Dina. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção in CZERESNIA, Dina (org.) *Promoção de Saúde – conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro. Ed. Fiocruz, 2009. 2ª edição.
- 18-CANGUILHEM, Georges. *O normal e o Patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 6ª Edição, 2006
- 19-CAPONI, Sandra. A saúde como abertura ao risco in CZERESNIA, Dina (org.) *Promoção de Saúde – conceitos, reflexões, tendências*. Rio de Janeiro. Ed. Fiocruz, 2009. 2ª edição.
- 20-LIMA, Silvana M. *Modos de Subjetivação na condição de aprendiz: Uma análise das perspectivas educativas no âmbito do trabalho, da arte e da saúde*. Tese de Doutorado em Ciências da Saúde Pública. ENSP/FIOCRUZ, 2003.
- 21-TITTONI et al. O trabalho no contexto da acumulação flexível e a produção de subjetividade. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 166-183, ago. 2009
- 22-DOREA, Guga. Gilles Deleuze e Félix Guattari: Heterogênesse e Devir. *Revista Margem*, São Paulo, No 16, P. 91-106, Dez. 2002
- 23-DUMONT, Louis. *Homo Hierarchicus – o sistema de castas e suas implicações*. Editora EDUSP. 1966, SP
- 24-ARENDT, Hannah. *Da Violência*. Publicação original 1969/1970. Tradução Maria Cláudia Drumond.
- 25-FOUCAULT, Michel. *Em defesa da Sociedade – Curso no Collège de France (1975-1976)* Ed. Martins Fontes. São Paulo, 2005
- 26-CLAUSEWITZ, Karl V. *De la Guerra*. Livro digital.
- 27-ÀRIES, Phillipe.; DUBY, Georges. *História da Vida Privada, Vol. 1: Do Império Romano ao ano Mil*. São Paulo. Cia das Letras, 2009.
- 28-VERNANT, Jean P. *As Origens do Pensamento Grego*. Rio de Janeiro. Difel, 2002.
- 29-BRIZZI, Giovanni. *Guerreiro: do Soldado ao Legionário*. Madras Editora, 2003.

- 30-GODOY, Maria EB de. Rumor (Φήμη) Razão (Λόγος) em Jean-Pierre Vernant e Marcel Detienne: considerações sobre a tragédia ática. REVISTA ANGELUS NOVUS – nº 1 – agosto de 2010.
- 31-DUARTE, Alair F. Do Soldado Cidadão Versus Soldado Mercenário – Discurso e ação do poder militar na Grécia Antiga. NEA/UERJ. NEARCO. Revista Número I – Ano III – 2010 ISSN 1982-8713
- 32-CARRIÇO, Alexandre MG. Soldados e Guerreiros: Uma questão civilizacional ou uma das linhas de fragmentação da Globalização? Revista Militar. Portugal. Janeiro/2006 Disponível em: <http://www.revistamilitar.pt/modules/articles/print.php?id=48>
- 33-MAQUIAVEL, Nicolau. Escritos Políticos & A Arte da Guerra. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- 34-LEIRNER, Piero de C. Meia-volta, volver: um estudo antropológico sobre a hierarquia militar. Rio de Janeiro: FGV, 1997^a.
- 35-CARVALHO, José M. Forças Armadas na primeira república. Forças Armadas e Política no Brasil. Editora Jorge Zahar. 2005
- 36-FAORO, Raymundo. Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro. Editora Globo. 3^a edição revista, 2001.
- 37-NOGUEIRA, Marco A. Exército e Estado no Brasil Imperial. Perspectivas – Revista de Ciências Sociais. Universidade Estadual Paulista (UNESP). V.2, 1977.
- 38-CASTRO, Celso. Goffman e os Militares: Sobre o conceito de instituição total. Apresentação Oral no “Seminário Roberto Cardoso de Oliveira – transformações sociais e culturais no Brasil contemporâneo: perspectivas antropológicas”, realizado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ em 29/3/2007.
- 39-CASTRO, Celso & LEIRNER, Piero. (orgs) Antropologia dos militares – reflexões sobre pesquisas de campo. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2009
- 40-CASTRO, Celso. O “Espírito Militar” – um estudo da antropologia social na Academia Militar das Agulhas Negras. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.
- 41-MINAYO, MC de Souza. (Org.) Missão prevenir e proteger: condições de vida, trabalho e saúde dos policiais militares do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.
- 42-FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis: Vozes, 1987.
- 43-VIEGAS, CEM. A Profissão Militar e as Mudanças na Guerra – devem os militares combater o crime urbano? In Revista Olhar. Ano 04 – nº7 – JAN-JUN/03

- 44-KUHLMANN, Paulo RL. Exército Brasileiro – estrutura militar e ordenamento político (1984-2007). Tese de Doutorado em Ciências Políticas – 2007. SP: USP
- 45-SANTOS, J. Rodrigues. Modelos de análise da profissão militar – Crítica dos principais modelos e proposta de um modelo a três dimensões para a análise das profissões militares. Comunicação apresentada no Seminário “Arts de la guerre et interprétations de la vie civile”, Paris, Université de Paris I Sorbonne, 24 de Março de 2006. Publicado em Episteme, Revista Multidisciplinar da Universidade Técnica de Lisboa VI, 2ª série (15-16-17), 2006: 209-252.
- 46-FROMM, Peter D. Os Guerreiros, o Etos do Exército e a obrigação sagrada do soldado. *Military Review*. Novembro-Dezembro 2010. 61-69
- 47-WINSTON, Robert D. O papel do Serviço Militar Obrigatório nas Democracias das Américas. *Air Space Power Journal* – Em Português, 2002.
- 48-KUHLMANN, Paulo RL. Serviço Militar Obrigatório no Brasil: Continuidade ou mudança? *Security and Defense Studies Review*. Vol.1. Winter 2001. 147-158
- 49-SZWARCWALD, Célia L. Et al. Comportamento de risco dos conscritos do exército brasileiro, 1998: uma apreciação da infecção pelo HIV segundo diferenciais sócio-econômicos. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 16(Sup. 1):113-128, 2000.
- 50-NEVES, Eduardo B. & MELLO, Márcia G da S. O Risco da Profissão Militar no Rio de Janeiro em “tempo de paz”: a percepção da tropa. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, 14 (5): 1699-1707, 2009.
- 51-KUHLMANN, Paulo RL. O serviço militar, democracia e defesa nacional: razões da permanência do modelo no Brasil. Dissertação de Mestrado em Ciência Política, USP, 2001.
- 52-CASTRO, Celso. & CHINELLI, Fernanda. Serviço Militar Obrigatório: o ponto de vista dos recrutas. In: Encontro Anual da Anpocs, 30. 2006, Caxambu. Anais. Caxambu, 2006. CD-ROM.
- 53-BARROS, R. Dispositivos em ação: o grupo. *Rev. Saúde Loucura – Subjetividade*, n. 6, São Paulo: Ed Hucitec, 1998. p. 183-191
- 54-BAREMBLITT, Gregório. *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*, 5ed, Belo Horizonte, MG: Instituto Felix Guattari, 2002 (Biblioteca Instituto Félix Guattari)
- 55-ROLNIK, Sueli. *Cartografia Sentimental - Transformações contemporâneas do desejo*, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

LEGISLAÇÕES E NORMAS CONSULTADAS

BRASIL. Lei 4.375 de 17 de agosto de 1964. Lei do Serviço Militar.

BRASIL. Decreto-lei 1.001 de 21 de outubro de 1969. Dispõe sobre o Código Penal Militar.

BRASIL. Lei 6.880 de 09 de dezembro de 1980. Dispõe sobre o Estatuto dos Militares.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. 1988.

BRASIL. Decreto nº 6.703 de 18 de dezembro de 2008. Aprova a Estratégia Nacional de Defesa e dá outras providências.

COMANDO DA AERONÁUTICA (COMAER). Portaria DIRINT Nº 04 / SDEE, de 19 de janeiro de 2011. Aprova a reedição da ICA 163-1, que estabelece as Instruções Reguladoras das Ações Sociais do Comando da Aeronáutica.

MINISTÉRIO DA DEFESA. Portaria NORMATIVA Nº 1173/MD, DE 06 DE SETEMBRO DE 2006. Aprova a Política de Assistência Social das Forças Armadas.

SITES CONSULTADOS

<http://www.abed-defesa.org>

www.defesa.gov.br

www.eb.mil.br

www.fab.mil.br

www.ipea.gov.br

www.scielo.br

<http://www.slab.uff.br/prodacad.php>

www.teses.usp.br

<http://www.uff.br/ppgest/index.html>

APÊNDICE



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar da pesquisa SUBJETIVIDADE, TRABALHO E SAÚDE NO SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO.

Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.

Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com seus superiores hierárquicos da Base Aérea.

O objetivo deste estudo é conhecer o ponto de vista dos soldados sobre trabalho e saúde durante o período de serviço militar obrigatório e as influências desse momento em suas vidas.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em conceder uma entrevista à pesquisadora, que terá aproximadamente 1 (uma) hora, entrevista esta que será gravada, se assim você permitir, para que a conversa possa transcorrer sem interrupções e com a plena atenção de ambas as partes.

Quanto aos riscos relacionados à sua participação, informo que o manejo, guarda e posterior descarte dos arquivos de áudio, anotações e transcrições da entrevista ficarão sob exclusiva responsabilidade da pesquisadora, garantindo sigilo e confidencialidade a todos os elementos de seu relato que possam de alguma forma identificá-lo.

Os benefícios relacionados com a sua participação são a oportunidade de relatar sua experiência no serviço militar obrigatório e a contribuir para melhoria nas relações de trabalho e qualidade de vida, tanto sua como de seus companheiros de farda.

Esta pesquisa está vinculada ao Mestrado em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca e seus resultados serão posteriormente divulgados através de um artigo.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora e do Comitê de Ética em Pesquisa, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Jacqueline Lopes de Lima – Psicóloga CRP 05 26584

Comitê de Ética em Pesquisa ENSP/FIOCRUZ
Rua Leopoldo Bulhões, 1480 – Térreo – Manguinhos
Rio de Janeiro – RJ Tel.: (21) 2598-2863

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

TERMO DE CONSENTIMENTO REFERENTE AO ACESSO À INSTITUIÇÃO PARA FINS DE PESQUISA ACADÊMICA

Este termo refere-se ao consentimento do Comandante de BASE AÉREA campo de estudo para acesso da pesquisadora à Instituição, com finalidade exclusiva de pesquisa.

Sobre a pesquisa:

Esta pesquisa fará parte da dissertação de Mestrado, requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde Pública intitulada “**Do Dever ao Devir: subjetividade, trabalho e saúde no serviço militar obrigatório**” e tem como objetivos: conhecer o perfil dos jovens que ingressaram no serviço militar obrigatório desta Base Aérea no período de 2009; conhecer o que pensam e sentem os soldados sobre o trabalho e a saúde, bem como os reflexos do serviço militar obrigatório em suas vidas. Espera-se conhecer os sentidos atribuídos pelos jovens às questões relativas ao seu trabalho e à saúde no contexto do serviço militar obrigatório.

É assegurado:

- ❖ O direito de ser informado sobre os objetivos e resultados do estudo;
- ❖ A total confidencialidade, sigilo e privacidade dos dados, sendo que, na apresentação dos resultados, não será possível a identificação das pessoas ou grupos da Instituição.

Pesquisadora Responsável: Jacqueline Lopes de Lima

Psicóloga Jacqueline Lopes de Lima
CRP 05/26584

Eu, _____, comandante desta Organização Militar, autorizo a pesquisadora a realizar o estudo acessando esta Instituição e procedendo as entrevistas necessárias, bem como acessar dados secundários oriundos de bases de dados não confidenciais pertencentes à esta organização, com fins exclusivos de pesquisa, mediante explicação dos objetivos de pesquisa e condições acima citados.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 2010

COMANDANTE



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz
Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca
Comitê de Ética em Pesquisa



Rio de Janeiro, 19 de julho de 2010.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca – CEP/ENSP, constituído nos Termos da Resolução CNS nº 196/96 e, devidamente registrado na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP, recebeu, analisou e emitiu parecer sobre a documentação referente ao Protocolo de Pesquisa, conforme abaixo, discriminado:

PROTOCOLO DE PESQUISA CEP/ENSP - Nº 105/10
CAAE: 0110.0.031.031-10

Título do Projeto: “Do dever ao devir – Um estudo sobre a juventude, o trabalho e a saúde no serviço militar obrigatório”

Classificação no Fluxograma: Grupo III

Pesquisadora Responsável: Jacqueline Lopes de Lima

Orientadores: Carlos Minayo-Gomez e Silvana Mendes Lima

Instituição onde se realizará: Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP/Fiocruz

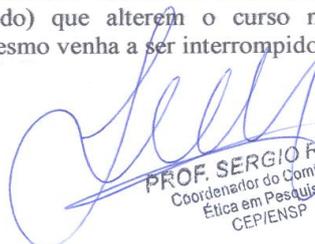
Data de recebimento no CEP: 06 / 05 / 2010

Data de apreciação: 02 / 06 / 2010

Parecer do CEP/ENSP: Aprovado.

Ressaltamos que a pesquisadora responsável por este Protocolo de Pesquisa deverá apresentar a este Comitê de Ética um relatório das atividades desenvolvidas no período de 12 meses a contar da data de sua aprovação (*item VII.13.d., da resolução CNS/MS Nº 196/96*) de acordo com o modelo disponível na página do CEP/ENSP na internet.

Esclarecemos, que o CEP/ENSP deverá ser informado de quaisquer fatos relevantes (incluindo mudanças de método) que alterem o curso normal do estudo, devendo a pesquisadora justificar caso o mesmo venha a ser interrompido.


PROF. SERGIO REGO
 Coordenador do Comitê de
 Ética em Pesquisa
 CEPI/ENSP